**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**No Giro do Rosário:
Dança e Memória Corporal na
Comunidade dos Arturos**

Camila Camargo Vieira

São Paulo, setembro de 2003

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**No Giro do Rosário:
Dança e Memória Corporal na
Comunidade dos Arturos**

Camila Camargo Vieira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social

Orientador: Professor Dr. Kabengele Munanga

São Paulo, setembro de 2003

À Comunidade dos Arturos
com meu eterno amor e gratidão
por tudo o que me ensinaram.

AGRADECIMENTOS

Quando terminamos um trabalho como este, percebemos quantas pessoas fizeram parte desse caminho, contribuindo de diferentes maneiras para a sua realização.

Inicialmente, gostaria de agradecer à todas as pessoas da Comunidade dos Arturos, que me acolheram durante todo este percurso, sempre com muita alegria, disposição, carinho e amizade.

Às irmãs Izaíra Maria da Silva (Tita), Maria do Rosário da Silva (Induca) e Conceição Natalícia (Tetane), pelo carinho e acolhimento em todas as horas.

Ao Seu Geraldo Arthur Camilo, Antônio Maria da Silva (tio Antônio), Seu Joaquim Bonifácio(Bil), Juventina de Paula Silva, Mário Brás da Luz(Tio Mário) e Maria Auxiliadora(Dodora), José Bonifácio(Zé Bengala), João Batista da Silva Luz, João Bosco, Seu Leontino, Dionísio, José Carlos da Silva e Sueli da Silva, Geraldo da Silva, Seu Luiz, Seu Manoel, Antônio Eustáquio da Silva, Dona Lucinha, Joel Catarino, Carlos Antônio da Luz (Dunga), Zequinha, Maria Conceição da Silva, Delma, Maria Lúcia, Dona Aparecida (em memória), Miria, Dalvina, Dona Anita, Jorge Antônio dos Santos(Kinha), Neusa, Scheila, Ninita, Isabel, Juliana(Xuxu), Lúcia, e tantas outras pessoas dos Arturos, que me ajudaram, me acolheram com carinho, paciência e amizade.

À Cristina e Joaquim da Silva Luz, Diego, Michelle e Felipe, que me receberam juntamente com meu filho, em sua casa por quase quatro meses, sempre com muito carinho, dedicação e alegria.

À Tatiana, Cássia, Eliane, Silvana, Dedeza, Paulinha, pelas boas conversas, amizade e “passeios” dançantes à noite.

Aos jovens: Fabinho, Valdilene(Val), Aline, Telminha, Renata, Miriam,

Marília, Tiago, Everton(Tequinho), Kelly, Fabiano, do grupo *Filhas de Zambi*.

À Walquíria (Tica), pelos ensinamentos dos passos do Congo, amizade e carinho em todas as horas.

À todas as crianças Arturas, que são muitas, pelo carinho e brincadeiras.

Agradeço também aos que possibilitaram a realização desta pesquisa, contribuindo com as discussões, ensinamentos e auxiliando de alguma forma.

Ao meu orientador e professor Kabengele Munanga, que desde o primeiro instante em que bati à sua porta me acolheu carinhosamente, achando meio estranho esta “coisa de dança”, mas aberto às possibilidades. Foram muito importantes em todo este percurso, sua calma, sabedoria, compreensão e sensibilidade, enriquecendo nossas discussões.

Ao professor John Dawsey, pela sua sensibilidade, carinho, leitura cuidadosa, na banca de qualificação. Suas aulas da disciplina de Paradigmas do Teatro e discussões no Napedra (Núcleo de Antropologia, Performance e Drama/USP), contribuindo imensamente para o meu crescimento intelectual.

Ao professor Carlos Serrano, pela amizade, carinho, atenção e importantes sugestões na banca de qualificação. Aos seus ensinamentos transmitidos na monitoria, ampliando de maneira significativa os meus conhecimentos.

Ao professor José Guilherme Cantor Magnani, pelo convite para publicar um artigo na Revista do Migrante-Travessia, sempre incentivando a atividade antropológica.

À professora Inacyra Falcão dos Santos, do Departamento de Artes Corporais da Unicamp, pela sua disciplina Dança e Ancestralidade, que muito contribuiu para que eu chegasse nessa pesquisa, além de sua leitura do projeto e indicação para procurar o professor Kabengele Munanga.

À professora Regina Muller, do Departamento de Artes Corporais da Unicamp, por sua disciplina Arte e Sociedade, que também auxiliou no

amadurecimento desta pesquisa, além de sua leitura e atenção quando ainda haviam apenas idéias germinando.

Ao professor Adilson Nascimento, da Faculdade de Educação Física da Unicamp, pelos poucos encontros ocorridos, contudo, importantes para amadurecer algumas questões da pesquisa.

Aos professores do Departamento de Antropologia Social, que em suas aulas, seminários e debates ali desenvolvidos, contribuíram para o meu crescimento intelectual, iluminando algumas questões.

Ao LISA (Laboratório de Imagem e Som da Antropologia) , pelo empréstimo da câmera fotográfica para idas a campo, além da disponibilização de equipamentos do laboratório que ajudaram a realizar este trabalho.

À Paula Morgado do LISA, pela paciência, compreensão e solidariedade.

Agradeço à Maria de Lourdes e Maria Odete do CEA (Centro de Estudos Africanos) pela atenção e ajuda necessária em alguns momentos.

Agradeço à Rose, Ivanete, Edinaldo, Celso e Soraia, funcionários do Departamento de Antropologia Social, pelas informações e serviços prestados.

À Humberto Mattos, Kátia N. Fiorentino e Marcos V. Costa, pelo empréstimo das câmeras fotográficas e filmadora, para algumas idas a campo.

À Leandro, por me socorrer nos momentos críticos dos “panes” no computador.

À Ruy Cabral pela revisão do texto.

À Sueli Formentin pelo Abstract.

À Mara Leal, pela transcrição de algumas fitas, sua amizade e paz transmitida.

À Fernanda Giuliatti, pelas transcrições de algumas fitas, ilustrações da comunidade, escaneamento e tratamento das fotos, além de diagramar todo texto. Pela sua amizade, paciência, compreensão, carinho, força, minha enorme gratidão por tudo.

À Glaura Lucas, Júnia Bertolino, Everaldo Silva, Renato Ihu e André Bueno, pelas conversas e companhia nas andanças do Rosário.

À Avelino Bezerra, pela sua amizade e por ter me propiciado conhecer os Arturos, me levando na Comunidade pela primeira vez em 1999.

À todos os amigos do NAPERDRA (Núcleo de Antropologia Performance e Drama), que com suas discussões promoveram o amadurecimento de muitas idéias aqui desenvolvidas.

À Maria Terezinha Corrêa, Rubens Alves da Silva, Vanilza Jacundino Rodrigues, Maria Paula Adinolfi, Rita de Cássia, Francirosy Ferreira, Wagner Lins (Arieh), Tânia Lima e Laércio Fidelis pelo incentivo, pelas discussões e amizade.

À Bethânia Juliano, que em tão pouco tempo se tornou uma grande amiga, agradeço por todo seu incentivo, força, sugestões, serenidade transmitida, ajuda, compartilhando conhecimento, idéias, danças e sonhos.

Às grandes amigas Marina Mello e Daniela Scridelli (“Duas Mosqueteiras”), pela amizade, força, carinho, ajuda, em todos os momentos desta pesquisa. Sempre incentivando nas horas mais difíceis, compartilhando vida, lágrimas, sonhos, angústias, conhecimentos, alegrias e risos.

Aos eternos amigos André Itaparica (Dedeco), Danielle Debrun, Amanda Leal, Juliana Couto, Beatriz Miyakawa, Edvaldo (Gorda), Marcos Machado, Cristiana Alencar e Vânia Camargo pela amizade, torcida e força sempre.

À Wlamyra Albuquerque, amiga, companheira, comadre, que tanto me deu forças em todos os momentos, sobretudo os mais críticos, sempre com uma palavra de conforto e incentivo. Por sua leitura criteriosa do texto da qualificação como em todas outras, me ajudando imensamente neste trabalho.

À minha família baiana, Dona Zenaíde, Dona Josefa, Vladimir (pai), Igor, Gabriela, André, Lígia, Catarina, Geraldinho, por todo incentivo dado em todos os momentos. Em especial ao Vladimir (filho) que me auxiliou na montagem do painel do SBPC em 2001 em Salvador, juntamente com o Vladimir (pai).

Ao meu irmão Álvaro José, por toda sua amizade, força, incentivo e sabedoria. Pela tradução dos textos de francês, pelas discussões e conversas tão enriquecedoras tanto para o trabalho como para a vida.

Ao meu irmão Adriano, Graciene, Lucas, Janaína e Jacira, que sempre torceram por mim, e me incentivaram com boas palavras e muito carinho.

Às minhas avós Carmem(em memória), e Conceição, por todo incentivo, carinho, amor, orações e torcidas em todos os momentos.

Aos meus pais, fontes de vida, conhecimento e energia, meu profundo agradecimento com todo meu amor, por todo apoio dado em todos os momentos da minha vida. E por me ensinarem que vale a pena sonhar.

À Gabriel Iadu, meu filho, luz da minha vida, a minha eterna gratidão por ele existir, pela sua companhia nas viagens de campo, sua flexibilidade e compreensão nos momentos difíceis, sobretudo na minha ausência nestes últimos tempos. Sua alegria, risos, brincadeiras, leveza e sabedoria, tão fundamentais para a minha existência.

Ao Alexandre, companheiro de vida, com muito amor e gratidão por tudo. Por me “suportar” nestes momentos tão difíceis, tendo paciência e compreensão; pelos “puxões de orelha” dados no sentido de me impulsionar para a vida e para as coisas; pela maioria das fotografias contidas neste trabalho, pelas filmagens e idéias dadas ao longo dessa trajetória.

Agradeço ao Departamento de Antropologia Social pelo auxílio dado em algumas viagens de campo, assim como, pela impressão deste trabalho.

Por fim, agradeço a CAPES pela bolsa concedida durante dois anos, sendo de fundamental ajuda para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho pretende investigar a sutil passagem da memória oral para a corporal, dentro do ritual do Congado, na Comunidade dos Arturos, situada na cidade de Contagem, próximo a Belo Horizonte, em Minas Gerais. A Comunidade se caracteriza pela manutenção de suas tradições, que vêm sendo transmitidas de geração para geração. Os ensinamentos são passados dos mais velhos para os mais jovens através da oralidade, dos cânticos, da dança e do reviver o ritual sagrado.

Ao realizar as festas da Libertação, que acontecem no mês de maio, em que comemoram a abolição da escravidão, e a festa de Nossa Senhora do Rosário, no mês de outubro, em que celebram o nascimento de Nossa Senhora do Rosário, os Arturos estão refazendo sua própria história, partilhando uma memória social de um passado histórico, apontando para re-significações no presente.

Palavras-chave: memória corporal, gestos, dança, ritual, tradição.

ABSTRACT

The aim of this work is to investigate a subtle passage from the oral to the body memory within the “Congado” ritual of the “Arturos” community, situated in the city of Contagem, near Belo Horizonte, in the State of Minas Gerais. The main characteristic of the community is that it has succeeded in keeping its traditions which have been transmitted from one generation to another. The teachings have been passed down from the elder to the younger members orally, through the chants, the dance and by reviving the sacred ritual.

By holding the feast of Liberty in May, which celebrates the abolition of slavery, and the feast of “Nossa Senhora do Rosário” in October, which celebrates the day of her birth, the “Arturos” are rewriting their history, sharing the social memory of their historical past and aiming at new meanings in the present.

Key words: body memory, gestures, dance, ritual, tradition.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
Capítulo 1. ARTUROS: HISTÓRIAS E CRENÇAS	
1.1. A comunidade e seu cotidiano.....	9
1.2. A família de Arthur Camilo.....	20
1.3. Religiosidades: Irmandades e fé.....	30
Capítulo 2. CORPO: SEDE DE SÍMBOLOS SIGNIFICADOS E LEMBRANÇAS	
2.1. Corpo: primeiro espaço.....	44
2.2. Uma breve reflexão sobre o corpo.....	46
2.3. As marcas no corpo.....	56
Capítulo 3. DANÇA, FESTA E VIDA, SALVE O ROSÁRIO DE MARIA	
3.1. Festas.....	68
3.2. Festa da Libertação.....	71
3.2.1. A Festa vai começar.....	77
3.2.2. Matina: o chamado para um grande dia.....	82
3.2.3. Vamos passear na rua.....	83
3.3. Festa de Nossa Senhora do Rosário.....	101
3.3.1. Os tambores estão chamando.....	105
3.4. Memória, gestos e dança.....	113
3.4.1. Reviver, recriar, transmitir: a dança e suas transformações.....	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
CRÉDITOS.....	147
BIBLIOGRAFIA.....	148
ANEXOS.....	156

INTRODUÇÃO

O universo cultural do negro vem sendo marcado por tensões e transformações, desde a chegada dos primeiros escravizados que foram trazidos aqui para o Brasil. Embora tenham sido arrancados de seu modo de vida livre e de suas raízes, conseguiram através da memória coletiva recriar e manter suas cosmologias e mitos, da sua terra de origem. Dentro deste processo de desenvolvimento, de diversas formas de recriação das culturas de origem africana no Brasil, é que se insere a Comunidade aqui pesquisada, conhecida como Arturos.

A Comunidade negra dos Arturos constitui um agrupamento familiar que mantém suas manifestações culturais vivas em suas festas de Congado, assim como em outras que acontecem durante o ano todo na Comunidade. Os festejos de Congado se destacam como sendo as maiores festas na Comunidade, dando significado ao cotidiano deste grupo.

Pensando no Congado como um elemento propulsor de vida, elo, identidade, que se reatualiza a cada ano como fonte de ensinamento, memória, transmissão e continuidade, é que pretendo investigar a sutil passagem da memória oral para a corporal dentro do ritual do Congado na Comunidade dos Arturos. Refletir sobre o corpo, a memória e a dança no Congado é importante, pois expressa a história, o passado, e toda uma cosmologia própria do grupo. Através da dança e dos gestos muitas coisas podem ser reveladas sobre a cultura, a identidade e as diversas “teias de significados” (Geertz:1989:13-41), que se recriam e se reinterpretam expressando as relações sociais e culturais do contexto que fazem parte.

Para conseguir investigar estas questões, utilizei a observação participante, método desenvolvido por Malinowski, importante para a antropologia, pois coloca

como prioritário a ida a campo, por um período de tempo mais longo, estando o pesquisador disposto e aberto à interação e convivência na Comunidade a qual decidiu investigar.

Além da observação participante, também utilizei outros instrumentos de pesquisa, como filmadora e câmara fotográfica, para registrar as festas e alguns momentos da Comunidade, como recurso de auxílio de análise, uma vez que discutirei sobre os gestos e as danças, sendo importante portanto a imagem, o gravador para gravar alguns cânticos, embora este tenha sido pouco utilizado, sendo mais usado para a realização das entrevistas. Tive algumas aulas de dança com uma adolescente da Comunidade, que me ensinou os passos do Congo.

As entrevistas foram feitas com capitães, rainhas, reis, todos os filhos da primeira geração dos Arturos, alguns adolescentes, e filhos e filhas pertencentes à segunda, terceira e quarta gerações. Ao todo foram feitas 38 entrevistas orientadas por um roteiro pré-elaborado, mas que sofreu alterações pontuais em função da pessoa entrevistada, assim como também o entrevistado às vezes encadeava outros assuntos.

Para compreender a história dos Arturos, é necessário fazer uma reflexão do passado escravista e de como se formaram neste período as Irmandades, os Congados e todo seu contexto.

Era nas senzalas, nas festas de santos e outros espaços de sociabilidade negra que os africanos escravizados conseguiam expressar sua cultura, através da dança, cânticos e festas. Em meio a este contexto da escravidão no Brasil, disseminavam-se em algumas regiões Irmandades, que se distinguiam ora etnicamente, ora pela condição social. Algumas delas eram constituídas exclusivamente por brancos (Santíssimo Sacramento), pardos (Nossa Senhora das Mercês) e negros (Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Ifigênia), reproduzindo desse modo a hierarquia sócio-racial

das sociedades escravistas.¹

Em Minas Gerais no século XVIII as Irmandades assumiram toda a atividade religiosa das cidades da mineração. As confrarias religiosas de africanos se subdividiam de acordo com as etnias de origem, havendo, por exemplo, as de angolanos, jejes e nagôs. Essa forma de organização foi apropriada pelos negros, embora fosse estimulada pelos brancos, para manter as rivalidades étnicas, dificultando sua união e alianças. Nas confrarias mineiras do Rosário, São Benedito, Santa Ifigênia, assim como na maioria do sudeste brasileiro, predominavam os negros do complexo etno-linguístico bantu, vindos dos atuais Angola, Congo(s) e Moçambique.

“As Irmandades a princípio foram pensadas como veículo de acomodação e domesticação do espírito africano, no entanto elas funcionaram como meios de afirmação cultural” (Reis,1991:55). Com o passar do tempo, através dessas Irmandades, os negros conseguiram se organizar, auxiliando os irmãos de confraria na doença, num enterro digno, no socorro nas horas de necessidade, na conquista da alforria, na luta contra os abusos senhoriais, propiciando também um espaço de comunhão e identidade.

“Portanto, se a classe senhorial e as elites quiseram utilizar as Irmandades como um meio de controle e de integração do negro numa sociedade escravocrata, estes souberam transformá-las num espaço de solidariedade, de reivindicação social e de protesto racial, conseguindo dessa forma salvar sua identidade e sua dignidade” (Quintão,1991:30).

No interior das Irmandades, havia a realização das festas religiosas do santo

¹Há vários autores que discutiram sobre estas questões relativas às Irmandades, como por exemplo: Bastide, R. As religiões africanas no Brasil (1971), Boschi, C. Os leigos e o poder (1986), Carneiro, E. Ladinos e crioulos: Estudos sobre o negro no Brasil (1964), Lody, R. Devoção e Culto a Nossa Senhora da Boa Morte (1981), Quintão, A. Irmandades negras: outro espaço de luta e resistências, FFLCH-USP(1991), Lá vem parente: As irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e Pernambuco(Séc.XVIII), FFLCH-USP(1997), Reis, J.J.A morte é uma festa. Ritos fúnebres e revolta no Brasil do século XIX(1991), Scarano, J. Devoção e escravidão: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII(1975).

padroeiro ou padroeira, demonstrando a preocupação da Igreja em atrair os africanos e seus descendentes. No entanto, não era somente a Igreja que estimulava; os próprios africanos também tinham isso como iniciativa, pois era ali um espaço de convívio importante, onde eles se encontravam, podendo se manifestar e formar um elo de solidariedade e resistência. Dessa maneira, a Igreja aceitava seus costumes desde que professassem a fé católica. Entretanto, essa conversão ganhava um novo significado e interpretação da Comunidade negra. É o caso da coroação de Reis do Congo que é realizado pela Irmandade do Rosário em diferentes regiões de Minas Gerais.

A coroação do Rei do Congo é um dos costumes mais importantes dentro dos que são mantidos na confraria do Rosário. Essa conservação da memória de reis e rainhas, e toda uma corte, demonstra o desejo de manter uma identidade cultural vinculada às raízes africanas, que expressava uma resistência cultural.

“As eleições de reis negros e as festas que celebravam estas eleições, criadas a partir do encontro entre culturas africanas e a cultura ibérica, e aceitas pelos senhores e agentes administrativos, foram um dos meios encontrados por grupos de escravos, forros e negros livres de se organizarem em Comunidades, de alguma forma integradas à sociedade escravista. Nelas estavam presentes tradições comuns ao mundo bantu, eventos da história de alguns povos específicos que foram incorporados como símbolos de africanidade, e elementos da sociedade portuguesa, reinterpretados à moda dos africanos e seus descendentes” (Souza,2000:155).

A história do Congado no Brasil faz parte deste quadro. O auto dos Congos é uma sobrevivência histórica de antigas epopéias angolano conguesas, que rememoram as coroações de antigos reis da África. Estes autos populares pertencem à categoria das danças dramáticas, figurando costumes e fatos da vida tradicional africana.

Era nas sedes de comarca ou paróquias do Brasil colonial que se

apresentavam os reis congos, acompanhados de um cortejo. A eleição e a coroação dos reis se davam principalmente em datas de festas religiosas de devoção negra; as mais comuns eram de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito.

“A expressão religiosa do Congado, e mais especificamente a do Reinado de Nossa Senhora do Rosário em Minas Gerais, desenvolveu-se no interior do sistema escravista brasileiro, resultando do violento processo de imposição cultural sofrido pelos negros. Os negros reelaboravam valores alheios à sua concepção de mundo, reinterpretando o catolicismo, por meio de sua própria cosmovisão. Nos rituais de Congado, portanto, estão presentes valores e saberes africanos, principalmente vinculados à cultura bantu, os quais, trazidos para o novo mundo, se mantiveram às imposições da cultura dominante, com ela se mesclaram, e se transformaram continuamente em sua trajetória brasileira” (Lucas, 1999:5).

Ao longo do tempo, os rituais de Congado se difundiram pelas diversas regiões do país, de acordo com as particularidades de cada região e de como se deram as transformações impostas pelos contextos locais. Cada região, com suas influências e peculiaridades, juntamente com seu processo de transformação, marcou os diversos sentidos e envolveu também elementos, diferenciando os termos *Congos*, *Congados* e *Reinados*. Mário de Andrade lembrou que Congos, Congada ou Congado, Cucumbi e Maracatu eram originalmente uma mesma coisa, todos nascidos dos cortejos de coroação de reis. Na década de trinta, Andrade apresentou vários argumentos para demonstrar que Congos e Congadas representavam a mesma manifestação, embora Câmara Cascudo, em 1929, tenha alertado que os Congos não poderiam ser confundidos com a Congada sulista (Andrade, 1982 apud Lucas, 1999:7). Outros autores, como Gomes & Pereira, afirmam que no Norte e no Nordeste, Congos designava a totalidade do auto (Gomes & Pereira, 1988 apud Lucas, 1999:7). Em Minas Gerais hoje, Congo refere-se a uma das guardas, ou grupos, de devoção a Nossa Senhora do Rosário e outros santos. Há outras guardas também que festejam o rosário de Maria neste Estado, como: Candombe,

Moçambique, Congo, Vilão, Marujos, Catopês e Caboclos . Congado tornou-se o termo coletivo mais abrangente que designa a festa religiosa em que participam as guardas acima, estejam elas reunidas ou não em Irmandades, vinculadas ou não a um Reinado. O termo Reinado é muitas vezes escolhido por alguns grupos para designar as festividades do ciclo do Rosário em Minas. Segundo Leda Martins, os Reinados são definidos:

“por uma estrutura simbólica complexa e por ritos que incluem não apenas a presença das guardas, mas a instauração de um Império, cuja concepção inclui vários elementos, atos litúrgicos e cerimoniais e narrativas que, na performance mitopoética, reinterpretem as travessias dos negros da África às Américas “ (Martins,1997 apud Lucas,1999:7).

Em algumas Irmandades o termo Reinado é mais usado, pois consideram como sendo um termo mais completo que designa todo o ritual, e não apenas uma das partes, a guarda de Congo. Na Comunidade dos Arturos, embora alguns integrantes considerem Reinado o termo mais correto, preferem Congado por ser o termo geralmente mais corrente.

O ritual do Congado, portanto, envolve uma rede de símbolos, gestos e significados que são reinterpretados, trazendo uma ontologia africana que resistiu nos meandros do catolicismo.

É neste contexto que a Comunidade dos Arturos se insere na história da escravidão brasileira. Devotos de Nossa Senhora do Rosário e descendentes de africanos, expropriados de sua liberdade e forçados ao trabalho escravo, são também portadores da resistência e fé que o negro passa a desenvolver dentro da senzala, buscando formas de superação do seu isolamento cultural.

Os Arturos seguem portanto cultivando suas tradições, preservando seus valores, práticas, festas e ritos que lhes dão unidade e inteligibilidade social, além de oferecer-lhes momentos preciosos de diálogo com sua ancestralidade e sua memória histórico- social.

Situados a 2,5 km do centro da cidade de Contagem, em Minas Gerais, numa propriedade herdada do tronco paterno, os filhos de Arthur Camilo Silvério vivem a tensão entre o passado, materializado no canto, na dança e na vida em comum, presentes nas comemorações religiosas e festas da Comunidade, e a realidade da dinâmica social contemporânea que desencadeia processos de mudanças na estrutura da Comunidade.

Tendo em vista conhecer e analisar as formas de elaboração que os Arturos fazem desta tradição cultural, organizei o presente trabalho da seguinte maneira:

No primeiro capítulo desta pesquisa, pretendo fazer um breve histórico da Comunidade dos Arturos, descrevendo a região em que eles moram, seu cotidiano, seu modo de vida e suas relações com a terra e com a cidade. Pretendo também destacar a importância da estrutura familiar para a Comunidade e como a Comunidade cresceu e ganhou força em torno da família. Para uma melhor compreensão desta história, será necessário refletir na questão religiosa, remontando historicamente em que contexto surgiram os Congados, como que aconteceram as relações com as Irmandades e com a Igreja.

No segundo capítulo, serão discutidas algumas questões sobre o corpo, sob o ponto de vista de alguns autores, refletindo em seus usos, sentidos e significados na nossa sociedade. Percebendo este corpo também como símbolo de resistência sociocultural, demarcando uma identidade e uma maneira de se colocar no mundo diante das opressões do sistema escravista vindas de um passado histórico. Englobando os Arturos e os Congados no Brasil dentro desta trajetória de resistência que se expressa na memória, nos corpos, nos gestos e nas danças.

O terceiro capítulo e último seria as etnografias das festas : da Libertação, que acontece em maio, e a de Nossa Senhora do Rosário, em outubro. Ao longo da etnografia, pretendo descrever o ritual dessas festas, utilizando a “descrição densa” de Geertz (1989), assim como as teorias de Victor Turner (1974), entre

outros autores, refletindo sobre as falas, significados, mudanças nas danças , gestos e memória que tecem as histórias do Congado.

CAPÍTULO 1

ARTUROS: HISTÓRIAS E CRENÇAS

1.1 A Comunidade e seu cotidiano

Os Arturos constituem um agrupamento familiar de negros que habitam uma propriedade particular em terras do município de Contagem, na região de Domingos Pereira, bairro Jardim Vera Cruz.

A origem da Comunidade vem do negro Arthur Camilo Silvério e sua esposa Carmelinda Maria da Silva,elos primeiros da grande família. É através de Arthur (pai) que se formam os Arturos (descendentes), e a marca do nome atesta a força da ancestralidade: filhos, netos, bisnetos de Arthur são hoje Arturos, família mantida e alimentada pela raiz inicial.

O município de Contagem, distanciado cerca de 23 km do centro de Belo Horizonte, em direção ao sudoeste mineiro, tem suas origens ligadas a diversos fatores que situam social e culturalmente a Comunidade dos Arturos na historiografia de Minas Gerais.

As principais vias de acesso são representadas pela via Expressa, BR381 e BR40, o que facilita a comunicação com importantes áreas urbanas de Minas e do Brasil. Essa característica vem desde os tempos de fundação de Contagem, marcada pelo trânsito de riquezas e homens pela região, uns como senhores e outros como escravos. A localização privilegiada do povoado como entroncamento de diversas rotas comerciais influi na formação de seu complexo perfil sociocultural.

A região do atual município se apoiou no tráfico de escravos e de outras mercadorias que adentravam os sertões da colônia nas costas de animais ou de transportadores cativos. O surgimento de uma população economicamente ativa vinculada à criação de gado, agricultura e comércio permitiu a fixação de um contingente servil na região. Com ele permaneceram as tradições dos antepassados que haviam resistido às devassas do sistema escravista (Gomes & Pereira, 2000: 182).

Os dados históricos inserem a Comunidade dos Arturos num contexto social,

do município de Contagem, partindo do princípio de que ela não se constituiu como fato extemporâneo da trajetória do negro em Minas Gerais. A Comunidade participa de uma realidade social pautada num passado étnico, histórico e social, revelando uma imagem de si mesma surpreendente.

A relação dos Arturos com Contagem deve considerar o desenvolvimento do município, transformado em pólo atrativo, sobretudo pela oferta de trabalho. A proximidade com Belo Horizonte e a expansão do parque industrial das suas áreas urbanas reforçam as características de pólo aglutinador desempenhado por Contagem.

Dentro deste contexto é que se encontra a Comunidade dos Arturos, passando por estas transições entre o campo e a cidade, modificando em certo sentido suas atividades de trabalho.

A transição que ocorreu das áreas rurais para as cidades ocasionou inúmeras transformações sociais e econômicas.

Nos anos 70 ocorreram grandes migrações inter-regionais que tinham por origem a zona rural de pequenas e médias cidades e como destino principal as metrópoles de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Os anos 80 registraram um crescimento das migrações dentro das regiões, reduzindo-se o número de migrações inter-regionais. A origem continuou sendo predominantemente rural, mas o destino passou a ser tanto as grandes metrópoles regionais como pequenas e médias cidades do interior.

Com a industrialização da agricultura, a partir de meados dos anos 70, impôs-se uma crescente urbanização do meio rural. Há uma nova configuração do campo brasileiro, com pessoas residentes em áreas agrícolas sem estarem ligadas a atividades rurais. Hoje o campo brasileiro não pode mais ser caracterizado como um espaço eminentemente agropecuário, ao contrário, ganham importância outras dimensões, como as de moradia, de transformação industrial e inclusive as não-produtivas no sentido estrito do termo, como lazer e a preservação ambiental.

Segundo José Graziano da Silva, as evidências empíricas disponíveis mostram que as melhorias nas condições de renda das famílias que têm na agropecuária sua atividade principal- e portanto nas suas condições de vida e trabalho- estão muito relacionadas com a situação rural ou urbana do domicílio, independentemente do grau do desenvolvimento alcançado pelo desenvolvimento tecnológico e pelas atividades agropecuárias de uma região. Os que têm na agricultura sua principal fonte de renda e moram na zona rural se encontram numa situação bem pior do que aqueles que vivem no campo mas não estão ocupados com atividades agrícolas (Silva, 1996:189).

A falta de infra-estrutura social básica e de oportunidades de emprego em atividades não-agrícolas tem transformado as pequenas e médias cidades num estágio intermediário do processo de êxodo rural , que termina “inchando” cada vez mais as regiões metropolitanas.

Este breve panorama da situação agrária brasileira nas últimas décadas tem como objetivo situar a questão do campo para a cidade com suas informações técnicas, para uma melhor compreensão do contexto da Comunidade dos Arturos, que hoje se encontra como periferia de Contagem.

Essa realidade socioeconômica vai influir de maneira decisiva na forma com a qual o grupo organiza-se internamente, seja com relação à convivência entre uns e outros ou na manutenção e forma de realização e participação nos cultos e festas. É na presença do Rei Congo, seu Geraldo, o filho mais velho, e na devoção a Nossa Senhora do Rosário, que eles vão resistindo às pressões impulsionadas por um modo de vida quase urbano.

As características industriais do município de Contagem, e a proximidade com uma metrópole do tamanho de Belo Horizonte, tornam complexas as razões que levaram a permanência dos Arturos como grupo familiar, voltado para o passado e participante do presente. Embora não seja um agrupamento essencialmente rural, os filhos de Artur não aderiram por completo à urbanização. Permanecendo no seu

modo de vida diversas características de um “bairro rural”, como a participação coletiva nas atividades lúdico-religiosas, a solidariedade grupal, laços de parentesco entre os moradores, além da própria constituição e divisão espacial da propriedade.

O espaço da Comunidade é dividido por núcleos familiares, no terreno deixado por Arthur Camilo Silvério, fundador da Comunidade. Cada filho possui seu terreno, que foi dividido aleatoriamente, sem uma demarcação limitada. Próximo da casa dos filhos da primeira geração, vão se agrupando os filhos que se casam e constituem suas “novas famílias”, com esposas ou maridos e filhos. Há também filhos morando bem próximos da Comunidade, pois são famílias maiores, além de ter um núcleo familiar em um bairro próximo, chamado Praia, em que moram Dona Conceição Natalícia da Silva (Tetane) e seus filhos, embora ela tenha uma casa na Comunidade, que ficou para um dos filhos, e quando ela vai na Comunidade ela fica lá, assim como todos os seus outros filhos, netos, bisnetos. Esta é a única filha da primeira geração que mora fora da Comunidade, no entanto sempre vai à Comunidade visitar os irmãos e irmãs, além de participar dos festejos e preparativos. (Na próxima página há um esboço de como se divide espacialmente a Comunidade dos Arturos.)

Com relação aos modos de vida, à agricultura e à pecuária, já não são fontes de renda da Comunidade, sendo sua produção para consumo interno, com pequenas plantações e hortas, onde se colhem milho, arroz, feijão, hortaliças, legumes e algumas frutas. Cada família possui sua horta, no entanto dividem com todos, sobretudo as verduras e plantações do terreno da casa paterna, onde moram as irmãs Maria do Rosário da Silva (Induca) e Izaíra Maria da Silva (Tita). Os modos de solidariedade vicinal, segundo Antônio Candido, são formas de regular as mudanças, mantendo a estabilização das formas sociais (Candido, 1971:83).

A pecuária é de pequeno porte, com gado, cavalos e criação de porcos; servindo para transporte, uma pequena produção de leite, e os porcos para as grandes festas, casamentos, aniversários, enfim, para consumo interno. Para

Visão Geral da Comunidade

Ilustrações - Fernanda Giliatti

Esboço da Organização Espacial da Comunidade dos Arturos

Continuação na página seguinte

Esboço da Organização Espacial da Comunidade dos Arturos

completar o quadro alimentar, é preciso ir para a cidade, adquirir os gêneros de primeira necessidade. (Foto 1)

1. Antônio Maria da Silva em uma das atividades diárias

É difícil definir os Arturos como um grupo que se encaixe nos modelos de uma unidade econômica de pequenos proprietários rurais ou urbanos. É necessário filtrar esses modelos à luz da tradição cultural e religiosa que marca fortemente a Comunidade.

A vivência da tradição confere aos Arturos a consciência de serem participantes de uma estrutura mais ampla, caracterizada pelas diferenças de classes sociais. Fora da Comunidade o Arturo é o negro que a sociedade aprendeu a olhar com desconfiança, transformando-o em alvo de degradações. Esse dado aprofunda a complexidade dos Arturos, que resistem às pressões da condição de serem operários nas indústrias, habitantes de um meio urbano e portadores de

uma herança não valorizada pelo mundo contemporâneo.

A resistência dos Arturos num contexto mais amplo significa a resistência do negro ao longo da história em Minas Gerais, como podemos perceber nesse depoimento do capitão da guarda de Moçambique, Leontino Geraldo de Souza:

“Renado é festa de gente humilde. É festa de gente pobre, de gente cativa” (Gomes & Pereira,2000:189).

A reafirmação dessa resistência é o motor que impele o Arturo para fora da Comunidade, arriscando a unidade familiar. É indispensável buscar o emprego para sustento próprio, uma vez que a produção interna não é suficiente para garantir a subsistência da Comunidade. A maioria dos homens responsáveis pelas vinte e cinco famílias situadas no sítio de Domingos Pereira desempenha atividades fora da Comunidade. O homem trocou a lavoura pela indústria, a pecuária pelo trator. O trabalho assalariado substituiu o sistema de parcerias, refletindo as mudanças no perfil econômico do município. Os homens em sua maioria trabalham de segurança, de motoristas de caminhão, em fábricas e indústrias.

No entanto, a saída para o emprego externo não significou a quebra dos laços com a grande família dos Arturos. Nos finais de semana e na época dos festejos, retornam ao espaço onde se fixaram as raízes negras da família.

A atividade das mulheres Arturas também se modificou bastante daquelas exercidas no passado, nas quais elas trabalhavam no lar, em casa, organizando a estrutura familiar, cuidando dos filhos, dedicando-se a cozinha, fazendo as receitas antigas, assim como a feitura do sabão. Nos tempos em que o serviço agrícola predominava, a mulher auxiliava o homem nas diversas fases da lavoura também.
(Foto 2)

No entanto, nos últimos tempos, essas atividades têm cedido lugar para outras, nas quais as mulheres Arturas saem da Comunidade na sua grande maioria para trabalhar em casas de família, como domésticas, serventes ou cozinheiras em fábricas e escolas, indo tanto para a cidade de Contagem, como também para Belo Horizonte, retornando ao fim do expediente para a Comunidade.

2. Sheila em uma de suas atividades diárias

Há aquelas que permanecem alguns dias na Comunidade, pois trabalham como lavadeiras ou diaristas. Os serviços domésticos de casa são feitos por suas filhas, antes da escola, enquanto as mães vão trabalhar. Para as que não têm filhas, ou as filhas são muito pequenas, elas fazem o serviço de casa depois que chegam do trabalho. As mulheres com filhos novos e as anciãs e anciões da família geralmente permanecem na Comunidade. Entretanto, nos dias de festas, as mulheres se reúnem na casa paterna para fazer os biscoitos, broas e as receitas antigas e tradicionais, como podemos ver na foto 3.

Os jovens também passam por essas transformações, muitos param de estudar para trabalhar e auxiliar os pais no orçamento de casa.

Como se percebe, a complexidade dos Arturos decorre do mundo moderno e da manutenção das tradições dos antepassados. As relações de trabalho são o campo privilegiado para se detectar a tensão que realça o perfil da Comunidade. A noção de pertencimento familiar orienta cada Arturo nos diferentes espaços onde

3. Conceição,
Maria e Helena
cozinhando
para a festa

tenha que se fixar.

Ser Arturo é reconhecer-se portador de uma história que remete para um passado em que o negro teve de fazer-se forte para superar as opressões. O que no presente continua latente, sendo o negro ainda marginalizado, pobre e excluído socialmente.

“A Comunidade coloca-se desse modo como participante da realidade regional e nacional que a vê redefinir a sua atuação em face de um passado a ser preservado e de um futuro a ser construído” (Gomes & Pereira, 2000:190).

É a partir das relações e práticas desencadeadas pela fé em Nossa Senhora do Rosário e da manutenção do Congado que a comunidade se mantém coesa e suas relações políticas e de afeto ganham consistência.

A participação na tradição do Congado é um traço característico da existência da comunidade enquanto grupo, e a fé em Nossa Senhora do Rosário é o laço que os une e lhes confere o sentimento de pertencimento à Comunidade. No período de seus festejos, quando toda a família se reúne, a herança africana é retificada através dos cantos, danças, instrumentos e sons, ou ainda nas vestes festivas carregadas dos sentidos sagrados simbolizados no deslocamento dos membros

4. Parte da família reunida no lançamento da 2ª edição do livro "Negras Raízes Mineiras"

da Irmandade do Rosário nas procissões.

1.2 A família de Arthur Camilo

Os Arturos são todos descendentes de Camilo Silvério, pai de Arthur Camilo.

De acordo com informações esparsas e incertas, Camilo Silvério teria chegado a Minas Gerais como escravizado, ao que tudo indica no terceiro quartel do século XIX. Casou-se com Felisbina Rita Cândida, de quem não há informação alguma; não sabendo nem mesmo se ela era forra ou livre à época do casamento. No entanto Felisbina Rita Cândida participa da memória afetiva cultivada pelos Arturos, incluindo-se entre os antepassados que umedeceram a raiz que deu origem

à Comunidade (Gomes & Pereira, 2000:162). Desta união nasceram alguns filhos, tendo mais precisamente informações sobre Arthur Camilo, que viria mais tarde a formar seu agrupamento familiar originando por assim dizer a Comunidade dos Arturos.

A Comunidade dos Arturos se inicia a partir do casamento de Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva, que se deu segundo os registros no dia 29 de dezembro de 1917. Nasceram desta relação : Geraldo Arthur Camilo, Maria Gelsa da Silva (falecida), Conceição Natalícia da Silva (Tetane), Juventina Paula de Lima (Intina), Maria do Rosário da Silva (Induca), José Acácio da Silva (Zé Arthur)(falecido), Izaíra Maria da Silva(Tita), Antônio Maria da Silva, Mário Braz da Luz, João Batista da Silva(falecido) e Joaquim Bonifácio da Silva(Bil)(Gomes & Pereira, 2000:164).

De acordo com Hebe Castro, o casamento e a formação de uma família nuclear estável, ou outras formas de associação de caráter familiar (como o condomínio entre irmãos ou ex-escravos), tornavam-se, assim, pré-condições para a produção independente e para o acesso da roça de subsistência. Para os homens livres, a família nuclear, como unidade de produção e consumo, e a reciprocidade entre iguais eram a base econômica da sobrevivência (Castro, 1995:61).

Em torno de Arthur Camilo Silvério é que vai se formar a Comunidade dos Arturos, sendo este figura central e de referência para seus filhos e descendentes. A figura paterna norteou a Comunidade, com seus ensinamentos religiosos, pautada na sabedoria dos ancestrais.

Nos cânticos e nas danças, quando se chama pela força da “gunga de papai” e da “gunga de vovô”, reatualizam-se as raízes e a origem dos ensinamentos da herança negro-africana. Gungas são latinhas com sementes ou esferas de chumbo, que são amarradas nos tornozelos dos moçambiqueiros, lembrando os sinetes usados no tornozelo dos escravizados, para denunciar-lhes as fugas. De acordo

com os Arturos, o ato de bater as gungas dá força e os aproxima dos antepassados.

Arthur Camilo Silvério pode ser lido como personalidade fundadora da Comunidade dos Arturos, legando-lhe inclusive o nome. Os relatos de Antônio Maria da Silva, Geraldo Arthur Camilo, Joaquim Bonifácio (Bil) e Juventina de Paula da Silva mostram a importância do pai como exemplo de vida e homem, para os filhos e para toda a comunidade. Além disso, ele ensinou a valorização da transmissão dos fundamentos religiosos para os filhos, marcando a gênese do grupo social.

“Arturo é por causa do nome de papai. Do nome de papai, porque papai foi um lutador, papai foi um guerreiro.

Papai, se não fosse papai, se não fosse ele lutar, sofrer por ser humilhado, ser tocado de cachorro igual ele foi, hoje nós não tava unido aqui e nós não tinha condução de comprar uma telha pra nós ficar debaixo da telha. Porque ninguém aqui não sabe quanto é que custou um turrão de pedra, tudo foi por ele, pelo sofrimento dele, eu vou adquirir minha família e não quero ver sofrer, que passe o que eu tô passando, passou fome, passou sede, foi humilhado, foi corrido, eles tentaram até atirar nele, fazendeiro, que foi criado assim, mas por isso ele chorava e falava e sempre pedia a Senhora do Rosário, então isso que nós tem aqui, Comunidade, isso é de Senhora do Rosário. Se dependesse de cada um de nós comprar meio lote, nós não tinha condução, então eles têm que dar muito valor ao papai, que é Arturo por causa disso.

Hoje nós tamo unido, a família tá reunida, os filho nosso, que ele nem fez só pro filho dele, como pro neto. Se eles tá tudo embaixo da casa aí, das suas casinha, que agradeça o avô deles, não vou dizer que eu que fiz pra eles, não, que foi papai. É isso que me sente de algum, que não são pouco. De algum neto não pôr isso na cabeça, saber que eu não tenho conduções, não tinha e não tenho conduções de comprar lote, eles não tinha condução de construir, nem de alimentar, nem de vestir igual hoje a gente vê, eu não tinha esperança de arcançar o que eu tô arcançando hoje não.” (Antônio Maria da Silva)

“É que tem a comunidade dos Arturo por causa do meu pai. Ele é que era o chefe e então dexô pros fio. Quando ele morreu- tava em véspera de morrer- ele entrego pra mim que tomasse conta dos menino, pra mim num dexá caí a Irmandade. E então nós viemo- a fãmia tudo reunido com a gente e fez a Comunidade dos Arturo. Aqui na Comunidade do Congado, umas duzentas pessoa mais ou menos. Todos participa da festa” (Gomes & Pereira, 2000:163). (Geraldo Arthur Camilo)

“Ah, eu tenho.. ah, eu tenho muito orgulho de ser, de ser filho dele, porque eu vou falar pra você, foi um mundo que ele deixou pra gente, a tradição que ele deixou, a gente é conhecido no Estado de Minas Gerais todinho, através dele, até hoje, ele morreu mas a gente, muita coisa que a gente chega, mesmo um nosso filho, chegou e falou com o nome dele é atendido até hoje, né? Quer dizer, a gente, eu fico muito alegre, muito satisfeito, pra mim é o maior presente do mundo.”

Com relação aos ensinamentos, Seu Bil continua falando da lembrança do pai:

“Ah, meu pai era a mesma, era igual nós, deste tamanho, desde pequitito quando eu comecei andar, às vezes eu ia lá por perto lá, eu fazia pirraça com ele, igual meu neto faz comigo, por isso que eu não gosto de maltratar ele, porque eu era a mesma coisa com meu pai, era meu pai e meu cunhado, Devardo, ele, às vezes saía pra o Congado, punha a chorar, ele falava, arruma que eu vou levar ele, e me levava, meu cunhado também me levava, o pai do Joaquim, então eles tinha muito carinho comigo, por isso que eu tenho muito carinho pelos meu neto também, porque eu já levei de raiz, meu pai era assim, meu cunhado também era, gostava de me levar. Fazia tudo, chegava lá, deixava eu dançar, bebia e eles dançava até dormir, daí descansava. Tem hora que eu to com vontade sair, o menino tá chorando, eu pego e levo, porque eu também fui assim. Ele fazia muita questão de me levar e eu faço questão também. O Felipe, o Felipe, ele não fica mesmo, e a gente tem de caminhar eles porque...” (Joaquim Bonifácio, Seu Bil)

“Papai conversava com nós como era a vida, ensinava o respeito, conselho, a educação. Foi muito pobre, muito trabalhador, tinha muitos filhos, lutava com dificuldade. Ensinou nós a trabalhar, mexer com roça, tudo ele ensinô nós. Sentava com nós, conversava com nós como era a vida, como nós tinha que viver.”

“Meu pai desde que nós nasceu, papai dançava o Congado, nós ficou acompanhando, passou a dançar.” (Juventina de Paula da Silva)

Dentro deste universo é que a Comunidade segue, sempre pautada nos ensinamentos do seu fundador e dos mais velhos da Comunidade. Simbolicamente a presença de Arthur Camilo é sempre lembrada, principalmente nas vozes e nos ensinamentos dos mais velhos como referência de continuidade do ritual do Congado.

Sobre as terras , muito se questiona e se levanta, pelas pessoas que vêm de fora conhecer a Comunidade, ou até mesmo jornalistas nos dias da festa, sobre a hipótese da Comunidade dos Arturos ser um “quilombo legalizado”, mas no entanto, pelo que constam nos documentos levantados por Gomes & Pereira, assim como para membros da Comunidade, não há possibilidade desta hipótese ser verdadeira, demonstrando na documentação que estas terras foram compradas pouco depois da Abolição, atestando o direito de posse aos Arturos. “A origem da Comunidade baseou-se na organização familiar, com a passagem do patrimônio material, cultural e religioso de uma geração para outra” (Gomes & Pereira, 2000:166).

Outras fontes indicam a origem familiar através de uma “transcrição da certidão de pagamento, extraída dos autos de arrolamento dos bens deixados por Camilo Silvério da Silva e Felisbina Rita Cândida”, passada a seus herdeiros, entre os quais se encontrava Arthur Camilo Silvério.

“Consta no documento que os 6,5 hectares “de terras e campo de cultura, situados mais ou menos no lugar denominado ‘Domingos Pereira’, na zona suburbana de Contagem” foram adquiridos “por título particular datado de 2 de novembro de 1888”. Prossegue o documento: “Conforme consta da citada certidão passada pelo escrivão do 2º ofício desta comarca, J. A. Filho, em 25 de março de 1952” (Gomes & Pereira, 2000:165).

Através da pesquisa feita por Gomes & Pereira, dos documentos levantados, assim como da lembrança dos filhos, contando sua história, fazendo a reconstituição dos lugares em que Arthur Camilo viveu, e quando constituiu família, na mata do Curiangu (Fazenda do Macuco), região situada entre Caracóis, Esmeralda e Betim, seguindo depois para Domingos Pereira, é que se torna possível constatar a origem familiar da Comunidade. Dentro destas linguagens, a oralidade e a memória prevalecem como um forte elemento de transmissão dos ensinamentos deixados por Arthur Camilo, propagando a

continuidade das tradições de uma geração a outra (Gomes & Pereira, 2000:167).

Em contraposição à influência exercida por Arthur Camilo no modo de ver o mundo e na vivência das tradições, colocou-se a figura da mãe Carmelinda Maria da Silva, que vem e é lembrada também com muito vigor no canto e na dança, como afirmação do sentido familiar.

“Nos cantos da guarda de Moçambique ressurge a figura da mãe Carmelinda, desdobrada na mãe-divina e na mãe terra de uma África longínqua. Por aproximação afetiva, as figuras maternas se entrelaçam, participando da mesma cena em que os Arturos são protagonistas”(Gomes & Pereira, 2000:169). Estes cânticos abaixo exemplificam esta junção simbólica da figura materna.

**“... É diversa povo bão
Eu agora vô falá
Minha mãe aqui da terra
Tamém é santa no altá ” (Moçambique)**

**“Ô mãe, mamãe
Ô mãe, mãe
Não tem uma mãe que não chora
Quando vê seus fio padecê” (Moçambique)**

**“ Ei meu Rosário!
É minha vida
Ei, meu Rosário
É nossa vida
Viva Nossa Senhora
Minha mãezinha querida” (Congo)**

**“ Papai, Mamãe
Óiá o meu coração ta doeno
Me acode, mamãe**

Oi senão eu acabo morreno” (Congo)

“Ei vamo no Rosaro

O Rosaro de papai

O Rosaro de mamãe

Oi, meu Jesus eu vô também” (Moçambique)

(Gomes & Pereira, 2000:360-364).

É possível perceber, portanto, o quanto o espírito familiar guia e é um forte elemento que reforça a solidariedade entre os Arturos. Os pais como exemplo e referência, sempre lembrados e rememorados seja nos cânticos, na dança, no modo de organização familiar, nos valores em comum, na solidariedade entre os irmãos e com todos da Comunidade, enfim, este agrupamento de cerca de 140 pessoas que vivem na Comunidade, e 390 pessoas ao todo da família dos Arturos, inclusive os que residem em outros lugares¹, se mantém unido em torno desta força que é o núcleo familiar. O fato do Congado dos Arturos ser composto em sua maioria por membros da família contribui para manter forte a tradição e o grupo, fazendo com que eles sejam considerados uma referência em Minas Gerais. Isto é claramente visível ao compararmos eles com outros grupos de Congado em que a maioria do grupo não é da mesma família.

Com os casamentos realizados fora da Comunidade, outras gerações se incorporam à família originada por Camilo Silvério. Estes novos elementos, segundo Gomes e Pereira, refletem a dinâmica social do grupo aberto e fechado para o mundo, na medida de suas necessidades e de seus interesses.

Na figura paterna também vem o marco da escravidão brasileira, e um pouco da história dos negros em Minas Gerais, na época do escravismo, através das

¹ Estes números foram levantados por um dentista que estava fazendo um trabalho na Comunidade e passou um questionário no ano de 2001, sendo confirmado pelo presidente da Comunidade, João Batista da Luz, que também fez este levantamento no mesmo ano.

histórias contadas pelo pai e recontadas pelos filhos de Arthur Camilo Silvério, os chamados Arturos de primeira linha.

Pesquisas feitas sobre as sociedades bantu, e as da África Central, demonstram que estas valorizavam muito a questão da linhagem, tendo isto como princípio de organização social ².

Podemos pensar de acordo com Slenes, neste desenvolvimento da Comunidade dos Arturos, como sendo uma característica comum de algumas sociedades africanas, assim como das sociedades bantu, de se estruturarem em torno da família extensa, isto é, como um grupo de parentesco que traça sua origem a partir de um ancestral comum (Slenes, 1999:143). Os Arturos de primeira linha são todos os filhos de Arthur Camilo Silvério, a primeira geração. Denominam-se assim como sendo os primeiros. Depois vem os de segunda linha, terceira, enfim, fazendo-nos pensar neste sistema de linhagem.

Seus filhos contam que Arthur Camilo trabalhou em serviços de fazenda sob a guarda do padrinho fazendeiro. "Nos anos posteriores à Abolição, foi comum que os descendentes de escravos permanecessem agregados às terras dos antigos senhores de seus pais. A relação de trabalho e de convivência não sofreu grandes melhorias, pois o agregado devia obediência ao patrão, que se impunha pela força e pela violência" (Gomes & Pereira, 2000:171).

O que permanece na memória dos filhos de Arthur Camilo e que é contado na Comunidade é que Arthur Camilo passou por todo tipo de humilhação, tendo uma vida de escravo, apanhando e vivendo com muito sofrimento. Até mesmo quando seu pai faleceu, ele não pôde ir dar a benção ao pai, seu último adeus, e ainda teve todos os seus dentes quebrados.

² Através de pesquisas feitas sobre a herança africana e a experiência escrava, é constatado que "a grande maioria dos escravos importados para o atual Sudeste do Brasil, desde o final do século XVIII até 1850, veio de sociedades falantes de línguas bantu, principalmente da atual Angola e da região que a historiadora Mary Karasch chama de "Congo-Norte" (a bacia do rio Congo/Zaire e a costa ao norte da desembocadura desse rio, até e incluindo o atual Gabão)". Podemos encontrar mais dados aprofundados sobre esta questão no livro de (Slenes, 1999:142-149).

O passado de sofrimento experimentado vai impulsioná-lo na dedicação que desempenhou na criação dos filhos, pois imaginava ser essa a única forma de protegê-los das mazelas próprias de um sistema que, embora não mais escravista, reservara ao negro a discriminação, a fome e a miséria. Neste contexto, cria-os dando forma a uma ética pautada no trabalho duro, na solidariedade entre os irmãos e na honestidade como força capaz de manterem-se em condições de respeito na sociedade que os circundava.

Essa história de vida e de homem é contada e recontada entre seus descendentes, virando o modelo através do qual a família mantém-se unida. Fato observado nas histórias de todos os filhos, dos quais exemplificamos Izaíra Maria da Silva (Tita), Juventina Paula Silva (Intina), e o de Conceição Natalícia (Tetane):

“Papai queria nós tudo com ele. ‘O que eu tomá, ocês toma. Não quero criá ocês igual eu fui criado. Eu sofri demais’. Num gostava assim que a gente trabalhasse fora. Trabalhava na roça, mas de noite tava todo mundo aqui em casa”(Gomes & Pereira,2000:172).

“Ele era uma pessoa assim, que ele não tinha aquela.... de ficar passeando aos domingo pra qui pra li, ele ficava deitado aí no terrero, e quando era a festa, ocasião das festa, ele era hóspede em casa, ia à folia, nós saía com ele à noite, até caixa eu batia, mas agora não presto pra nada. Eu, a minha cunhada,...comadre Leontina, a gente andava com eles tudo, mas ele chegava aqui, a gente ajudava fazer as coisa pra dar aos companheiro deles, e tirando disso, ele ficava só em casa, e também não gostava que nós saísse assim pra rua, agora aqui nós podia diverti a semana inteira, ele tava na cama com um zólho tampado e outro aberto, aí a gente ficava, continuava aquela brincadeira, a gente fazia muitas festinha, sabe? Natal, preparava muita ceia pra família assim, todo mundo reunido, então depois que ele faleceu, aí baixou um pouquinho, e minha mãe, ela era assim, uma pessoa de responsabilidade, mas era muito fechada, sabe? Ela não gostava de certas brincadeira, ela não gostava que a gente saísse muito, então a gente continuou naquele, e ele pediu, quando ele morreu, a única coisa que ele pediu de nós, os irmão cuidasse de nós, não deixasse nós trabalhar em Belo Horizonte, que nós continuasse unida como era o tempo dele, então a gente continua obedecendo o que ele falava.” (Izaíra Maria da Silva ,Tita)

“Papai falava: ‘ Hoje eu tô ensinando ocês, no fim da vida, vai pensando no que eu falei’.

Ele criou nós com amor, que todos são iguais, para o mais alto ajudar os mais baixos Deus pôs no mundo. Hoje o mais alto quer comer os mais baixo. O pobre passando fome, essa caristia.

Pai falava: ‘dar de beber a quem tem sede, de comer a quem tem fome cuidar dos enfermos’. Dava cama para dormir para quem chegasse, estendia a esteira. Papai foi um homem que ele era pobre e que tinha dó dos pobres.” (Juventina Paula da Silva, Intina)

“Papai em noite de lua reunia a gente e ensinava a cantar, daí a gente tinha que cantar. Papai tinha aquela responsabilidade com tudo de passar os ensinamentos.” (Conceição Natalícia, Tetane)

É neste universo moldado pela figura paterna que os Arturos seguem sua história, lidando com as diversidades da vida em um tempo bem diferente em que viveu o fundador da Comunidade.

Durante a semana, os Arturos estão sujeitos às mesmas pressões e carências como muitos outros afro-descendentes. Abandonam a terra que outrora lhes garantia o sustento e a unidade indivisível do agrupamento familiar e somam-se às fileiras de trabalhadores da indústria, do comércio e do setor de serviços. As atividades outrora praticadas não mais o são, e agora são as fábricas, lojas e lares que lhes garantem o sustento.

Essa realidade socioeconômica vai influir de maneira decisiva na forma com a qual o grupo organiza-se internamente, seja com relação à convivência entre uns e outros propriamente dita, ou na manutenção e forma de realização e participação nos cultos e festas. A devoção a Nossa Senhora do Rosário, a participação nos

festejos, o estímulo e preocupação de que os jovens sigam a tradição do Congado, participando das guardas de Congo e Moçambique, ou ajudando de alguma forma na festa, são as maneiras de resistir às diferentes pressões cotidianas vivenciadas por eles.

Assim, é através da memória e da manutenção das tradições transmitidas pelos antepassados que os Arturos se tornam uma força dinâmica em seu contexto. A figura paterna fixa e projeta nos descendentes o amor pela festa do Rosário de Nossa Senhora e pelo espírito da vida comunitária (Gomes & Pereira, 2000:180).

Com a morte de Arthur Camilo, a mãe, Dona Carmelinda Maria da Silva, vai prosseguir os ensinamentos deixados por ele, mantendo a união entre os filhos e a família, juntamente com suas duas filhas solteiras, que são: Maria do Rosário(Induca) e Izaíra Maria(Tita). Até os dias de hoje, ambas guardam a casa paterna, acolhendo a todos e centralizando a autoridade do pai e da mãe. Tudo passa por ali, desde decisões, coisas que estão acontecendo, reuniões da Irmandade, recebimento de visitas e de outras guardas no dia da festa, sendo a casa, portanto, um espaço

5. Altar da Capela pronto para a festa

sagrado e de poder, além de ser um elo simbólico entre todos da Comunidade.

1.3 Religiosidades: Irmandades e fé

**“São Benedito tenha pena de mim tenha dó
São Benedito tenha pena de mim tenha dó
A roda do mundo é grande o poder de Deus é maior
A roda do mundo é grande o poder de Deus é maior”
(Cântico do Moçambique dos Arturos)**

Pensar no Congado, no Reinado, nas procissões, nas irmandades religiosas, nas festas, nos santos e seus devotos requer entrarmos na questão do catolicismo popular do negro, de como o cristianismo se fundiu e persuadiu algumas manifestações afro-brasileiras, transformando-as. Assim como o espiritismo e algumas tradições religiosas africanas, também exerceram suas influências em algumas manifestações.

“Para o negro brasileiro, a aceitação do catolicismo em sua forma popular foi o caminho disponível numa sociedade dirigida por brancos e católicos e onde a inquisição vigorou até inícios do século XIX. Nos dias de santos os escravos conquistaram a possibilidade de organizarem seus batuques e, a partir daí, a religião africana construiu um espaço que foi preservado até hoje, com adaptações e características regionais diversas” (Ferretti, 1996:68).

O culto de santos negros ou de virgens negras, de acordo com Bastide, inicialmente foi imposto de fora ao africano como uma etapa de cristianização, e foi considerado pelo senhor branco como um meio de controle social, um instrumento de submissão para o escravo (Bastide, 1971).

Mas por outro lado este culto reverteu como uma maneira dos negros cultuarem seus deuses, suas crenças, envoltos no catolicismo, servindo também como instrumento de solidariedade étnica e de reivindicação social.

“O incentivo à devoção a Nossa Senhora do Rosário e aos santos negros, como por exemplo Santa Efigênia, São Benedito, Santo Elesbão, foi uma estratégia catequética da Igreja que organizava os negros em confrarias e em Irmandades, mas permitia a realização das danças e de alguns rituais africanos, como a coroação de reis e rainhas, abrindo –se assim uma fresta para as “sobrevivências religiosas africanas”. Com isso, os negros começaram a reinterpretar em termos africanos os valores cristãos; e a Igreja, em termos cristãos os valores africanos”(Santos, 1997:77).

Foram os dominicanos que promoveram, durante a Idade Média, a devoção a Nossa Senhora do Rosário e a recitação do terço³, fundando muitas confrarias em Portugal, França e Espanha. A intensa ação evangelizadora dessa ordem religiosa é tida por quase todos autores que estudaram as Irmandades do Rosário como fator de disseminação de tal invocação entre os africanos (Souza, 2002: 160).

Há também outra explicação para o êxito do culto a Nossa Senhora do Rosário entre os negros, que seria a possível identificação do rosário com objetos mágicos constituintes da religiosidade africana, os chamados *minkisi*, rebatizados de *fetiches* pelos portugueses. Alguns pesquisadores e estudiosos, como Tinhorão, Gomes e Pereira, entre outros, chegam a concluir que estes elementos foram maneiras dos negros associarem suas crenças com as impostas pela Igreja, associando neste sentido diretamente o seu rosário com o “rosário de Ifá” (colar de contas de adivinhação dos Yorubá), usado por sacerdotes africanos.

Outro autor que vai tentar explicar a adesão de africanos ao cristianismo é Saunders, que entende esta conversão e incorporação às Irmandades leigas como sendo formas de se integrarem à sociedade portuguesa, sendo também facilitadas

³O terço é cada uma das três partes do rosário. A oração do Rosário é um costume muito antigo que foi se desenvolvendo no decorrer de vários séculos, tendo sua origem na Idade Média. Nessa época os vassallos costumavam oferecer aos seus soberanos coroas de flores, em sinal de submissão e fidelidade. Os cristãos adotaram este uso em honra de Maria, oferecendo-lhe a tríplice “coroa de rosas”, daí o nome rosário, lembrando suas alegrias, suas dores e suas glórias, como participante do mistério da vida de seu Filho Jesus (ver mais informações sobre este assunto no Missal Cotidiano, 1996).

por algumas feições comuns às religiões africanas e à católica, como o hábito de rezar em conjunto, o culto aos santos (que podiam ser identificados a espíritos e deuses secundários de religiões africanas), a condução dos ritos por um sacerdote e as procissões com danças. Afirma ainda que até mesmo a crença em demônios e bruxaria podia ser facilmente entendida pelos africanos. No entanto, destaca que talvez o principal fator que levava à conversão era que esta era a chave da aceitação social (Souza, 2002:161).

Neste contexto surgiram as Congadas, nas quais os negros se apropriaram da cultura branca dominante, reinterpretando-a dentro do seu próprio campo semântico e simbólico, cultuando Nossa Senhora do Rosário. A mais antiga menção que temos sobre essas Congadas data de 1700 e da cidade de Iguarassu (Pernambuco), mas já existiam, pelo menos fragmentariamente, em pleno século XVII, e tinham mesmo sua origem em Portugal.

É neste contexto que vai se desenvolver a coroação dos reis e rainhas, no dia da festa de Nossa Senhora do Rosário, dando origem a danças variáveis segundo a etnia a qual pertencia o rei. Destaca-se mais precisamente, segundo Bastide, o complexo étnico-lingüístico bantu, que foi a que mais deixou características das civilizações africanas passadas, sem que o sacerdote percebesse, ao culto dos santos negros ou nas congadas.

Sobre a aparição da imagem de Nossa Senhora do Rosário para os negros, muito já foi contado, tendo várias versões sobre esta narrativa, que teve seu início com o resgate de uma imagem de Nossa Senhora, em Argel, África, segundo Frei Agostinho de Santa Maria.

Há duas versões que explicam a devoção a Nossa Senhora do Rosário, sendo uma histórica: na qual a santa teria possibilitado a vitória dos cristãos contra os muçulmanos na batalha de Lepanto, no dia 7 de outubro de 1571; além de propiciar outras vitórias, segundo a tradição católica, através da recitação do Rosário nos combates contra os inimigos espirituais. Sendo portanto instituída formalmente,

pelo Papa São Pio V, a devoção e o culto da festa do Santíssimo Rosário de Nossa Senhora, no dia 7 de outubro (Nunes, 1988, Keckeisen, 1949 apud Figueiredo, 1994:105).

A outra versão, que seria a mais importante para os negros, está na “lenda” da aparição de Nossa Senhora do Rosário sobre as águas do mar. Essa fundamentação mítica que os negros dão para Nossa Senhora pode ser apresentada nas narrativas dos Arturos, em Juventina Paula Silva⁴, filha da primeira geração, depois na versão de Gomes & Pereira (Gomes & Pereira, 1988 apud Santos, 1997:80), e por fim nos devotos de Nossa Senhora do Rosário do Serro, em Minas Gerais (Nunes, 1988 apud Santos, 1997:80-81):

“(...) Nossa Senhora apareceu no mar foi com o Congado. Ela apareceu, o senhor mandou a empregada buscar água. Daí ela chegou lá e viu aquela porção de piaba preta e Nossa Senhora subir assim na água e descia. Aí ela não levou a água, ela ficou assustada não levou água. O senhor porque você não trouxe a água?

Eu vi uma santa dentro d’água no meio de muita piaba. Aí vamo lá se tem essa piaba, se não tiver vou te jogar dentro do mar.

Quando ele chegou lá ele viu, bateu a cabaça para apanhar água, Nossa Senhora boiou na água junto com as piabas. Aí ele voltou e falou com padre. Pediu para o negro, negro não entrava na Igreja, era só branco. O padre foi, rezou, rezou, ela não quis sair com ele, aí foi os brancos com a banda de música, tocaram, tocaram, mas ela não saía, tá sem jeito. Ela não vai sair não.

Daí os negros tava sentado pensando na vida. O senhor me dá um pedaço de pau, ver se nós tira Nossa Senhora cantando. Aí, quem é ocês pra tirá? Fizeram uma xoxa de capim pra ela e fizeram um altazinho. Congo foi batendo, ela veio devagarzinho, duas vezes para beirada do córrego. Moçambique batendo também. Daí ela sentou em cima do tambor. Daí veio a rainha, enxugou, enrolou ela na toalha e levou ela pra xoxa onde eles fizeram, fez o altar lá e continuou dançando pra ela. Aí eles continuô fazendo a festa pra ela e de geração em geração vai fazendo a festa pra ela. A gente pede muito pra ela, na doença, em tudo a gente é atendida.” (Juventina Paula da Silva)

“(...)Na África uma imagem de Nossa Senhora do Rosário apareceu no mar.

⁴ Entrevista feita com Dona Juventina Paula da Silva no dia 14/11/01.

O grupo de Congo se dirigiu para a areia e, tocando seus instrumentos, só conseguiu fazer com que a imagem da santa se movesse uma vez:

Num movimento rápido, Nossa Senhora do Rosário se encaminhou para frente e parou. Então vieram os negros moçambiqueiros, batendo seus tambores com folhas de inhame, cantando para a Santa e pedindo-lhe que viesse para protegê-los. A imagem veio se encaminhando, no movimento de vaivém das ondas, lentamente até chegar à praia.”

“Diz uma lenda histórica, que certa época, Nossa Senhora do Rosário apareceu sob as águas do mar. Imediatamente os caboclos, já devotos da Santa Virgem através de catequeses dos jesuítas, rezaram, dançaram, cantaram, tocaram seus instrumentos, para que a Santa Virgem viesse até eles. Mas ela não veio.

Em seguida, os marujos, também devotos, foram até a praia, e empreenderam sua tentativa de trazer a Virgem do Rosário até eles. Após rezarem, dançarem, cantarem, tocarem seus instrumentos, não conseguiram trazê-la. Por fim, vieram os negros catopês, até a praia, e após louvarem a virgem do Rosário, ela veio até eles. Por isto é que se diz que a Virgem Nossa Senhora do Rosário é a protetora dos negros.”

Essas narrativas são transmitidas oralmente de pai para filho, há várias gerações. Elas informam que a Nossa Senhora do Rosário, venerada pelos negros, inseriu-se no meio deles através do som das caixas e tambores e das danças. Por isso, podem tanto ser lidas numa perspectiva de estratégia catequética, como da reinterpretção da referida devoção em modos africanos” (Santos,1997:80).

Além disso é possível compreender essa devoção dos negros à Virgem do Rosário pensando no arquétipo da grande mãe, o feminino, a busca inconsciente do filho por sua mãe, sendo concretizada na figura maternal da santa que aparece nas grutas, no mar, nos rochedos, cristalizando a força mágico-religiosa da fecundidade⁵. Assim como a vinda da santa pelo mar representando o inconsciente

⁵ O arquétipo da grande mãe marca a história de populações que conservam o primitivismo original, relembrando a fase do matriarcado. Os cultos femininos foram preponderantes nos primórdios da humanidade, quando a força mágico-religiosa se relacionava à vida fecundante, simbolizada pela terra e pela água, geradoras e, portanto, femininas. A força da Deusa-Mãe está presente na mitologia de inúmeros povos como princípio criador da vida e organizador do Cosmos(Ver D'eaubonne:1977) apud Gomes & Pereira, 2000:351).

⁶ Sobre este assunto ver mais em (Gomes & Pereira, 2000:351-356).

étnico da mãe África, solo primeiro dos negros, lembrando a vinda dos navios negreiros.⁶

Estas foram as formas encontradas pelos africanos para resistir à pressão do sistema escravista, identificando-se com os santos negros, como por exemplo, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, São Elesbão, como se estes compreendessem seus sofrimentos, como afirmou Boschi: “O negro ao supor que ‘os santos dos brancos’ não saberiam compreender os dissabores dos negros procurou viver uma religiosidade própria, de acordo com as tradições de seus ancestrais”(Boschi,1986 apud Gomes & Pereira, 2000:142).

Houve uma tentativa por parte da Igreja e da Colônia brasileira de impor uma prática cristã aos escravizados, educando-os nos mistérios e dogmas católicos do ensino religioso, para que fosse mantida uma ordem social escravista, “abafando” assim uma religiosidade africana que se manifestava no interior das senzalas, nos porões das casas grandes e no silêncio das fazendas e encruzilhadas. Diante dos cultos que se desviavam das normas eclesiásticas, ao som dos atabaques e tambores nos terreiros dos senhores, vinham as represálias corporais e as promessas de roupas e dinheiro, em troca do aprendizado da doutrina cristã (Figueiredo,1994:109).

No entanto, mesmo com as agressões do sistema escravista e da Igreja se formou o catolicismo dos negros, como uma maneira de se preservar o universo mítico dos antepassados, reforçando a crença nos ancestrais.

Neste sentido a dissimulação estrategicamente foi adotada pelos negros, na medida que a Igreja implantou, sobretudo em Minas Gerais, uma tentativa de uniformização religiosa, mas que contudo não foi bem sucedida, ocasionando uma reelaboração do modelo mítico do catolicismo, mantendo-se práticas rituais combatidas pelos cânones eclesiásticos (Gomes& Pereira,2000:143).

As Irmandades de leigos floresceram neste contexto, influenciando em diversos aspectos a religiosidade do negro e a sua vida em cativeiro.

A origem das Irmandades religiosas, de acordo com Antônia Quintão, vem do período medieval e surgiu a partir do modelo das corporações de ofício, que atendiam aos interesses profissionais de seus integrantes, mas tinham também como objetivo a assistência mútua entre os seus membros. Enquanto as corporações limitavam o seu auxílio aos próprios membros, as Irmandades eram formadas por leigos, sem restrições de qualificação profissional e, até mesmo, sem distinção social (Quintão, 1997:69-70).

O regimento dessas instituições se dava por um estatuto, o compromisso, contendo os objetivos da Irmandade, o seu funcionamento, as obrigações de seus membros, assim como os seus direitos adquiridos ao fazerem parte desta associação, devendo ser confirmado pelas autoridades eclesiásticas e pelos monarcas.

Além disso, as Irmandades zelavam pelas atividades religiosas, organizando procissões, festas, coroação de reis e rainhas, exercendo também atribuições de caráter social, como ajuda aos necessitados, assistência aos doentes, visita aos prisioneiros, concessão de dotes, proteção contra os maltratos dos senhores e ajuda para a compra da carta de alforria.

Nesse contexto é que aparece a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, sendo associada com a libertação dos escravizados, tornando-se a preferida e mais conhecida entre as outras Irmandades de pretos. Desde os séculos XV e XVI era sob essa invocação que em Portugal se congregavam os homens negros (Quintão, 1997:72-77).

“O ingresso nas Irmandades representava ainda o reconhecimento social, possibilidade de contatos, uma tentativa de contornar os preconceitos sociais e raciais, socorro nas aflições e certeza de um enterro digno” (Aguiar apud Quintão, 1997:86).

Para Antônia Quintão, as Irmandades representaram para seus confrades a possibilidade de garantir a sua sobrevivência numa sociedade profundamente

hierarquizada, injusta e desigual, dando dignidade ao negro (Quintão, 1997:72).

Em Minas Gerais, as Irmandades marcaram sobretudo a vivência religiosa do negro, interferindo e cerceando os rituais de sua terra de origem, de acordo com as medidas repressivas do Estado e da Igreja.

As Irmandades duplicavam-se em torno da região de maior exploração de ouro, nas vilas, formadas pela capitania, que necessitavam de muita mão de obra escrava. Na região de Mariana e Vila Rica, atuavam as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos; em Sabará, as de Santa Quitéria e Santíssimo Sacramento; em São João Del Rei, as de Nossa Senhora do Rosário e Santíssimo Sacramento. As diferenças étnicas se afluavam nessas Irmandades com relação ao campo religioso, pois havia divisões, como por exemplo, as de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito para negros escravizados ou forros, Nossa Senhora das Mercês para pardos, e Santíssimo Sacramento para homens brancos. Portanto, dentro dessas associações religiosas havia separação de negros, mulatos e brancos, promovendo conflitos entre si. Além disso, dentro das Irmandades de negros reforçavam-se a hierarquia do preconceito social e racial, pois diferenciavam negros brasileiros(crioulos) e africanos, vetando aos últimos o direito de exercerem cargos nas mesas diretoras das associações. O crioulo estava situado acima do africano na escala hierárquica dos líderes das Irmandades religiosas (Gomes & Pereira, 1992:289-291).

É possível perceber, portanto, que por trás de todas estas rivalidades se encontravam interesses políticos manipulados pelo Estado Português, nas Minas Gerais, uma vez que a integração do escravizado à religião do senhor era forjada através de seu ingresso nas Irmandades. A Igreja também tem sua participação juntamente com o Estado, pois procurava inibir os rituais que não fossem católicos, impondo aos negros o batismo e os preceitos cristãos.

Contudo, mesmo com as influências e manipulações do Estado e da Igreja, acredito, assim como Antônia Quintão, que “o controle sobre as Irmandades nunca

se deu de forma definitiva, e a resistência implícita e explícita a esse controle sempre existiu” (Quintão, 1997:22). Podendo ser demonstrada nas manifestações e crenças que perduram todo este tempo dentro das Irmandades, mantendo a vitalidade de heranças africanas, nos Congados, Reinados, Ticumbis, entre outros que se

6. Camiseta dos Arturos: um exemplo de como a raiz africana se mantém forte dentro do catolicismo

mantiveram e se recriaram aqui no Brasil.

Os Arturos inserem-se nesse painel histórico como agentes de tradições desprestigiadas pela Igreja e como reelaboradores da herança dos antepassados no interior do catolicismo. (Foto 4)

A Comunidade se manteve ligada neste quadro histórico do passado escravista, marcado pela tensão religiosa e social nas Irmandades, tendo em mente

o passado dos cativos e a devoção a Santa do Rosário. E são participantes no presente, carregando toda sua fé nos festejos do Rosário de Maria.

“A Irmandade do Rosário vinculada à comunidade dos Arturos tem se fixado no tempo na memória de Contagem e de Minas. A comunidade projeta como realidade viva a herança cultural de seus antepassados. A religiosidade marcada pelo catolicismo sofre a influência dos sons, danças e das imagens de uma tradição negro-africana”(Gomes & Pereira, 2000:206).

A Irmandade do Rosário de Contagem foi o espaço encontrado pelos Arturos para que continuassem os laços criados entre a população negra e a Santa do Rosário, nos primórdios da capitania. O culto à padroeira dos negros ganhou força e foi reelaborado dentro da comunidade (Gomes & Pereira, 2000:205).

São membros da Irmandade do Rosário de Contagem todos os seus associados, fazendo parte deste grupo a comunidade dos Arturos. Somente é necessário ressaltar que a Irmandade é composta pelos Arturos, mas por outros irmãos do Rosário também, que não fazem parte da família de Arthur Camilo Silvério.

A Irmandade se reúne todo último sábado de cada mês, na comunidade dos Arturos. Devido a uma participação efetiva na associação, os Arturos podem se candidatar a todos os cargos eletivos, tendo sempre um secretário, tesoureiro, diretoria. No entanto, para os Arturos a importância maior de se participar dessa associação está em continuar a devoção do pai, Arthur Camilo, pelo Rosário de Maria e pelo Congado. É através da comunidade, com as danças das guardas de Congo e Moçambique e com a continuidade da tradição aprendida pelos antepassados, que se fortalecem os festejos de Nossa Senhora do Rosário de Contagem.

Nesse sentido, é através do trabalho e da fé dos Arturos que há os festejos do Rosário, sendo tudo feito pela comunidade para a realização da festa. Os encargos da celebração ficam por conta da Irmandade, como no século XVIII.

Todos os Arturos se empenham para a realização da festa, com a

alimentação, a liberação do espaço, acomodações, enfeites na capela e no terreiro, enfim tudo o que seja necessário para que haja a continuidade do Congado, mantendo a tradição em respeito à memória e à devoção de Arthur Camilo Silvério.

É nesse caminhar que os Arturos se apresentam, superando, através da manutenção de suas tradições, os estigmas atribuídos aos negros no período da escravidão, em que as ordens vigentes e dominantes tentaram persuadir, interferindo nas práticas sagradas dos seus ancestrais.

Ainda hoje os Arturos carregam na memória as dificuldades passadas com as elites dominantes e com a Igreja ao longo da sua história, sendo faladas e lembradas por alguns deles que viveram o tempo passado:

“Hoje a gente tá muito melhor, muito melhor, porque no passado era muito humilhado, nós não ia dentro da igreja, nós não cantava dentro da igreja, nós não podia passar daquele ponto da igreja, inclusive em Contagem, tinha lugar que a gente tinha que parar pra passar a igreja, pra depois batê, a gente já foi muito humilhado aqui dentro de Contagem, e a população não dava valor. Hoje, graças a N. Sra. do Rosário que esses vindouros não tão pensando nisso, mas eles tão enxergando, porque quem, doutor que nem nunca pensava em Congado e ser isso, isso e aquilo, hoje cê vê aí, eu pessoalmente esse ano até eu deve de ter feito de entrevista aqui pra umas duas mil, criança, fora os adultos. Que às vezes o pessoal que tá sentindo que o passado, que às vezes algum antepassado deles, ajudou com meus antepassado, ajudou com alguém, hoje nós devemos de pensar. Agora muita gente estuda, mas não pensa, porque hoje eu chego e eu arraso o cê, eu piso muito no cê, às vezes meu filho daqui dez anos, daqui vinte anos, ele vai pagar, mas porque, às vezes ele não deve, mas tá pagando o que eu fiz com o cê, é o que tá acontecendo aqui em Contagem, que Contagem é uma vergonha, se Contagem pensasse a humilhação que eles já fez pra nós, e eles humilhou nós demais e hoje eu sou um empregado de N. Sra. do Rosário.” (Antônio Maria da Silva)

Esta fala revela a rejeição que houve no passado por parte da Igreja e de outras pessoas, e que hoje já há uma abertura e compreensão por parte da Igreja. No entanto, todos se preocupam se algum dia o padre Geraldo, da cidade de Contagem, sair ou se mudar de cidade, pois o padre, segundo os Arturos, gosta

muito da Comunidade e apóia todos os festejos, já tendo participado até como rei festeiro em um determinado ano. Isso revela que as relações não são tão 'estáveis' assim, e que ainda pode existir muitos preconceitos e falta de compreensão por parte da Igreja e de algumas pessoas.

Neste percurso teve um episódio que marcou fortemente a comunidade no ano de 1973, em que foi derrubada a Igreja do Rosário de Contagem, erguida a partir de 1868. De acordo com Gomes & Pereira, o interesse do expansionismo urbano retirou da comunidade negra um monumento que a força dos antepassados escravizados construiu. A demolição da igreja reatualizou a violência tantas vezes praticada contra os antepassados. Para os Arturos refletiu numa ameaça à continuação das festas do Reinado de Nossa Senhora do Rosário.

No entanto, os Arturos juntaram forças e refizeram uma igreja no centro comunitário, em regime de mutirão. Mas sentindo a falta da força dos ancestrais, eles construíram uma capela dentro da comunidade, num esquema de mutirão também, trazendo pela fé o trabalho dos antepassados.

É neste universo de solidariedade, devoção, esperança, que os Arturos seguem os ensinamentos transmitidos pelo pai Arthur Camilo, reelaborando no interior do catolicismo as suas próprias crenças 'negro-africanas', reatualizando a figura dos seus ancestrais na tradição do Congado.

A religião para os Arturos aparece portanto, como um importante elo de um passado, cravado na memória de seus descendentes, e de um presente, que se alimenta dessa referência, mas que no entanto imprime as mudanças de acordo com seu tempo. A religiosidade, a crença na Senhora do Rosário, a fé e a continuidade do ritual do Congado são transmitidas entre as gerações, sendo uma forma de fortalecer o grupo, a família, dando um sentido e uma identidade do que é ser um Arturo e ser negro na sociedade envolvente. (Foto

7)

As festas de Congado, para os Arturos, aparecem nesse contexto como um modo de ressignificar tanto o passado como o presente, relembrando para não esquecer o tempo do cativeiro, ao mesmo tempo dinamizando sua existência e espaço na sociedade atual. Seguindo essa trajetória é que pretendo no próximo capítulo refletir a partir do corpo, dos gestos e significados, nestas questões e no que é transmitido da memória social para a corporal.

7. Os Arturos e membros da Irmandade do Rosário em procissão de Nossa Senhora Aparecida dentro da comunidade

CAPÍTULO 2
CORPO: SEDE DE SÍMBOLOS,
SIGNIFICADOS E LEMBRANÇAS

2.1 Corpo: primeiro espaço

Neste capítulo pretendemos refletir o corpo em seus diferentes aspectos: simbólicos, culturais, sociais, fazendo uma abordagem primeiramente teórica de alguns autores que pensaram sobre o tema, seguindo numa discussão sobre a questão das marcas do corpo e seus significados, enfatizando o Congado e seus movimentos neste percurso. Escolhi pensar o corpo na comunidade dos Arturos, pois percebi que a movimentação corporal é fundamental para o Congado, sendo o corpo um elo com o sagrado, possibilitando que haja a realização deste ritual.

Pensar no corpo como sede de significados e significantes já se tornou um tema clássico nas discussões das ciências humanas, sobretudo na sociologia e antropologia, reconhecendo o quanto este corpo físico abarca uma série de significados que muitas vezes podem ser expressos corporalmente, dizendo muito sobre uma determinada sociedade, um grupo, um povo, podendo expressar toda uma cultura, hábitos, costumes, história, enfim, toda uma rede de relações e sentidos.

“O corpo e os usos que dele fazemos, assim como as vestimentas, adornos, pinturas e ornamentos corporais, tudo isso constitui, nas mais diversas culturas, um universo no qual se inscrevem valores, significados e comportamentos, cujo estudo favorece a compreensão da natureza da vida sociocultural” (Queiroz & Otta, 1999:19).

O corpo humano, por um lado, constitui uma entidade biológica, o primeiro instrumento e o mais natural do homem. E por outro lado é objeto de domesticação exercida pela cultura, sendo por ela apropriado e modelado.

No entanto, é impossível estabelecer uma rígida e clara separação entre o que se deve à natureza e aquilo que seria próprio à cultura no tocante ao corpo. A experiência do corpo, embora seja de ordem física e biológica, é sempre modificada pela cultura. As marcas deixadas por tatuagens, escarificações, perfurações, e

mesmo algumas mutilações, como por exemplo, circuncisão, extração de clitóris, entre outros, são sinais de pertencimento a um grupo, de identidade social, ao mesmo tempo em que assinalam a condição tida por autenticamente humana daqueles que as exibem.

Diferentemente dos seres humanos, nenhum animal transforma voluntariamente o próprio corpo, segundo José Carlos Rodrigues, que fez um amplo estudo sobre os significados simbólicos corporais. As transformações a ele impostas variam com cada cultura e também conforme os diferentes segmentos sociais no interior de um mesmo grupo (Rodrigues, 1979:44-46).

A cultura, portanto, dita normas em relação ao corpo. O corpo humano como sistema biológico é afetado pela religião, pela ocupação, pelo grupo familiar, pela classe e outros intervenientes sociais e culturais.

Inspirado no seu próprio corpo, o homem concebeu relações entre os astros, as estações, as coisas, os animais e os deuses; reconhecemos no nosso corpo e no das pessoas que conosco se relacionam um dos diversos indicadores da nossa posição social e o manipulamos cuidadosamente em função desse atributo.

Hoje no nosso cotidiano o corpo assume diferentes conotações, como por exemplo, liberado física e sexualmente, na publicidade, na moda, nos filmes, na televisão, etc; cultivado de maneira terapêutica, em dietas, objeto de obsessão da juventude, entre outros.

Ao corpo se aplicam crenças e sentimentos que estão na base da nossa vida social e que ao mesmo tempo não estão subordinados diretamente ao corpo.

É bastante amplo e intenso o emprego do corpo como forma de expressão, sendo possível, portanto, através da superfície dos corpos, demonstrar as profundezas da vida social.

2.2 Uma breve reflexão sobre o corpo

De acordo com Marcel Mauss, o homem não é um produto de seu corpo, mas, ao contrário, soube fazer de seu corpo um produto de suas técnicas e de suas representações.

Nesse sentido, as técnicas corporais são simbólicas e traduzem as diversas maneiras pelas quais os homens, em cada sociedade e de um modo tradicional, sabem se servir de seus corpos (Mauss, 1974:211).

As técnicas corporais, para Mauss, constituem montagens *fisio-psico-sociológicas* de séries de atos. A chamada técnica, para ele, seria um ato tradicional eficaz (não difere do ato mágico, religioso, simbólico). Mauss, ao definir técnica como um ato que é ao mesmo tempo tradicional e eficaz e ao falar do corpo humano em termos de técnicas corporais, elevou-o ao nível de fato social, podendo, portanto, ser pensado em termos de tradição a ser transmitida através de gerações. A técnica e a transmissão só são possíveis se há tradição, distinguindo portanto o homem dos animais.

Dessa maneira o corpo se apresenta como o primeiro e mais natural objeto técnico do homem, o instrumento mais natural, em que através da oralidade suas técnicas são transmitidas.

Mauss classificou algumas técnicas corporais, dividindo-as entre as técnicas corporais entre os sexos, demarcando as diferenças nos movimentos corporais dos homens e das mulheres; variações corporais com a idade, refletindo sobre a posição das crianças, e a facilidade e flexibilidade que são perdidas na idade adulta em algumas sociedades. Para Mauss, muitos aspectos que acreditamos ser de ordem hereditária são na realidade de ordem fisiológica, psicológica e sociológica. Uma certa forma de tendões, e mesmo dos ossos, não é outra coisa senão a decorrência de uma certa forma de se comportar e de se dispor. Por esse procedimento, é possível não só classificar as técnicas, como classificar suas

variações por idade e sexo (Mauss,1974:219-221).

Outro modo de classificação são as técnicas corporais relacionadas ao rendimento, em relação aos resultados do treinamento. São técnicas das normas humanas do treinamento humano. Processos que foram desenvolvidos pelos homens para adaptar seus movimentos, para terem a habilidade para fazer algo. Parte importante também é a forma da transmissão das técnicas, como são passadas e ensinadas essas, através da educação que a criança recebe, envolvendo aspectos não apenas fisiológicos, psicológicos, mas também das tradições que lhe são transmitidas.

Pensando em enumerar essas técnicas, Mauss encadeou-as dividindo-as a partir do nascimento do homem até a idade adulta, demonstrando que, desde o nascimento, muitas técnicas são empregadas, variando de acordo com a cultura e costumes de uma determinada sociedade; por exemplo, em algumas sociedades indígenas as mulheres têm os seus filhos de cócoras, em outras sociedades as mulheres dão à luz em pé, demonstrando que há técnicas de parto tanto para mãe, como para as auxiliares na retirada das crianças. Na idade de infância, há diferentes modos de sentar, acocorar-se, jeitos de carregar a criança, ao colo, nas costas, o desmame, o ato de dormir, enfim, várias técnicas corporais estão sendo passadas de acordo com os ensinamentos das diferentes sociedades.

Há técnicas da adolescência, momento que os jovens apreenderão definitivamente as técnicas corporais que conservarão por toda a idade adulta, seus ritos de iniciação, de passagem, até chegarem nas técnicas da idade adulta, em que tudo faz parte, desde modos de dormir, vigília, as atividades, movimentos coordenados e parados, movimentos do corpo inteiro, como por exemplo rastejar, pisar, andar, correr, dançar, comer, beber. Enfim cada civilização possui seus meios de classificação, suas técnicas corporais para os diferentes atos. Esses atos, segundo Mauss, seriam, portanto, mais ou menos antigos e habituais na vida do indivíduo e na história da sociedade.

Pensando neste corpo como instrumento natural, o primeiro e o mais normal patrimônio que o homem possui, é que se revela também a convergência de fenômenos singulares que põem em relação à cultura e à natureza, onde o grupo e o indivíduo se interpenetram.

“A estrutura biológica do homem possibilita-lhe ver, ouvir, cheirar, sentir e pensar, mas a cultura fornece o rosto de suas visões, sentimentos e pensamentos; criando novos cheiros, sons e visões, constituindo novos universos e novos corpos” (Rodrigues, 1979:129).

O corpo, portanto, é marcado por este entremeio de cultura e natureza, não podendo ser visto dissociado, pois a influência de um sobre o outro se dilui, demonstrando o quanto as culturas determinam no corpo físico os gestos, o jeito de andar, sentar, dormir, enfim, o jeito de ser do indivíduo. O social se faz presente nas menores ações humanas.

É possível perceber, portanto, o quanto o universo corporal é infinito de gestos e significado, determinados pelas diferentes culturas, e que cada detalhe, cada ação, tem um sentido.

Constituindo-se em um sistema natural de símbolos, o corpo físico exprime a relação existente entre o indivíduo e a sociedade.

O corpo é um complexo de símbolos; um sistema simbólico que porta a sua mensagem, mesmo que os seus receptores e emissores não estejam ou não sejam conscientes dela. Um sistema de símbolos que está sempre presente no comportamento social em relação ao corpo, ou no comportamento do corpo em relação à sociedade.

“No corpo, a ordem fisiológica material se une à ordem ideológica moral, como signos nos quais se encontram e se reúnem o sensível e o inteligível, o significante e o significado” (Rodrigues, 1979:130).

Os códigos corporais condensam em si as codificações da organização social. Nas codificações do corpo a apropriação intelectual é matizada de

emocionalidade; a consciência intelectual se obscurece por condutas emocionais que expressam sentidos inconscientes. Segundo José Carlos Rodrigues, que fez um estudo sobre o *Tabu do Corpo*, as reações do nojo são condutas dessa espécie: simbolizam, sob a capa da emotividade, significados infinitamente afastados das coisas de que se tem nojo, mas que a elas se reúnem no plano do inconsciente (Rodrigues, 1979:131).

Os elementos do corpo assim se erigem em significantes das relações sociais, se transformam em unidades polissêmicas. Cada elemento ou relação corporal refere-se não a um aspecto apenas da ordem social, mas a diversas realidades (Rodrigues, 1979:131).

O corpo significa ao mesmo tempo a Vida e a Morte; o Normal e o Patológico; o Sagrado e o Profano; o Puro e o Impuro; Consciente e Inconsciente; enfim, ocupa diferentes significados diante dessas “polaridades”, e às vezes apenas um prevalece sobre os outros (Rodrigues, 1979:131).

Essa contradição da corporalidade humana é que apresenta a dicotomia do homem entre a natureza e a cultura, o que é animal (natureza) e o que é social (cultura). O corpo ao ser um símbolo da estrutura social, simultaneamente natureza e representante da cultura, condensa em si esta ambigüidade e reproduz simbolicamente o que a sociedade deseja e o que a sociedade teme, o que a sociedade quer ou não quer ser.

É a sociedade que manipula o corpo para expressar-se. Para Rodrigues, ao pensar o corpo, os homens estão pensando a estrutura social e, ao defendê-lo, estão defendendo a ordem social (Rodrigues, 1979:137).

“A linguagem que apreende o corpo é uma instituição social, uma linguagem que volta as suas fontes para apreender a própria sociedade. As relações da sociedade com o corpo são relações da sociedade com ela mesma, ou seja, a sociedade codifica o corpo e as codificações do corpo codificam a sociedade” (Rodrigues, 1979:137).

Podemos perceber, portanto, que não se pode compreender a natureza do homem apenas em termos de natureza, pois na mesma matéria coexistem um corpo biológico e um corpo social.

A experiência do corpo é sempre modificada pela experiência da cultura, como já foi mencionado anteriormente. Nas diversas manifestações do corpo, os gestos, como por exemplo, da cabeça, das mãos, dos braços, do corpo inteiro, vêm carregados de significados. O mesmo gesto muitas vezes indica coisas diferentes, e ao contrário, coisas idênticas são, muitas vezes, como a afirmação, referidas por gestos diferentes. Há toda uma simbologia envolvendo os pés, as mãos, o bocejo, o sopro, o sonho, o beijo, entre outros (Rodrigues, 1979:97).

Para Rodrigues, explícita ou implicitamente, no comportamento corporal há muitas expressões, como por exemplo; pedais, alavancas, células fotoelétricas, botões, etc, que expressam silenciosamente uma sociedade. Geralmente as pessoas falam: “dos meus pneus, meus pára-brisas”, enfim, legitimam no próprio corpo um sistema político (Rodrigues, 1979:99).

Além disso, o homem, ao pensar que os gestos e posturas são universais e naturais, legitima a cultura no próprio corpo, como por exemplo: quando a pessoa não conhece o idioma de seu interlocutor, se expressa através de gestos que acredita serem universais, para se comunicar (Rodrigues, 1979:98).

Segundo Rodrigues, quando nos comunicamos socialmente situamo-nos simultaneamente em diferentes planos, nem todos igualmente conscientes. Recebemos signos verbais e não-verbais, posturas, aparência física, expressões faciais, movimentos de diferentes partes do corpo, enfim, um complexo de informações que tendemos a considerar naturais, mas que estão altamente codificadas e que variam de sociedade para sociedade: uma linguagem, tão coletiva como qualquer outra (Rodrigues, 1979:99).

Margareth Mead, que também fez um amplo estudo sobre o corpo, vai refletir sobre a adolescência que existe em Nova York e que não existe em Samoa,

revelando que são necessidades e criações culturais. Na Nova Guiné também fez um estudo sobre sexo e temperamento, mostrando a construção cultural do corpo, enfatizando a idéia do corpo como expressão da cultura, demonstrando que “cada cultura vai expressar diferentes corpos, porque se expressa diferentemente enquanto cultura” (Kofes, 1994:52).

Geertz também vai discutir sobre a visão sintética, entre natureza e cultura e corpo e cultura e como que essa interação evoca a interdependência entre corpo e cultura, sendo o corpo essencial para a cultura e, em sentido inverso, a cultura como organizadora dos sentidos das coisas, de nossa vida e do nosso corpo. Sendo assim, sem corpo não teríamos a cultura e sem cultura não teríamos o corpo, dentro dessa visão (Geertz, 1989:45-66).

O sentido do mundo é gerado através do corpo. E este aparece como sendo uma representação social, marcado pela sociedade e pelas representações coletivas. Os sistemas simbólicos e a sociedade seriam gerados a partir de sentidos corporais.

Nesse contexto, os sentidos do mundo dependem dos sentidos do corpo, e do que cada sociedade enfatiza e elege como principal em sua cultura.

A hierarquia dos sentidos e sensações depende de cada sociedade, de acordo com Constance Classen, que escreveu um livro sobre o mundo dos sentidos (Worlds of Sense). Há sociedades que desenvolvem mais algum órgão do sentido do que outros, de acordo com sua estrutura e organização social e cultural. Classen está interessada nas dimensões corporais da vida simbólica, através dos cinco sentidos do corpo. Os sentidos do corpo estão relacionados com os sentidos do mundo, e são construídos não apenas no plano social, mas corporal, cultural e sensível (Classen, 1993:79-105).

Na cultura ocidental a ênfase está na visão, muito mais do que em outros sentidos do corpo. Já em algumas sociedades indígenas, por exemplo, como a dos índios Suyá, do Xingu, Anthony Seeger vai concluir que os órgãos

correlacionados às faculdades consideradas eminentemente sociais por esses índios são a audição e a fala, sendo bem ornamentados. Para os Suyá, a orelha é furada, para que as pessoas possam “ouvir-compreender-saber”. E o disco labial é simbólico de, ou associado com, agressividade e belicosidade, que são correlacionadas com a auto-afirmação masculina, a oratória e a canção (Seeger, 1980 apud Queiroz & Otta, 1999:33).

Enquanto que os órgãos associados à visão e ao olfato (consideradas faculdades anti-sociais, a primeira, típica dos feiticeiros, e a segunda, dos animais) não recebem a mesma ornamentação (Queiroz & Otta, 1999:33).

No corpo também se tornam evidentes diferentes padrões estéticos e percepções de mundo. As pinturas corporais, os penteados, e a maquiagem adquirem, dentro de grupos culturais específicos, sentidos distintos para quem os adota e significados diferenciados de uma cultura para outra (Gomes, 2002:310).

Portanto, culturas diferentes definem e enfatizam os significados de órgãos e suas faculdades de formas bem variadas, de acordo com o simbolismo corporal relevante para aquela sociedade, possibilitando uma maior compreensão dos valores culturais.

O corpo aparece como sede de significados culturais, sociais, expressando aspectos fundamentais do ser humano, englobando os diferentes sentidos do corpo.

Há um outro autor, John Blacking, que vai fazer uma reflexão sobre a antropologia do corpo, enfatizando a interface entre corpo e sociedade. Para ele, o principal objetivo da antropologia do corpo está em examinar, em diferentes contextos culturais, os usos não-verbais de expressão do corpo, como por exemplo os gestos, a dança, posturas, jogos, assim como também nas extensões do corpo, dentro das habilidades, arte, destreza e rituais coletivos (Blacking, 1977:V).

De acordo com Blacking, é necessário quebrar a dicotomia de corpo e mente, emoção e razão, verbal e não-verbal, dentro de nossas análises da organização cultural e social. É preciso estar atento na linguagem, no intelecto, na mente, na

razão, e em outras características que são consideradas peculiaridades humanas, como extensões não-verbais de comunicação, o sentido, o corpo e a emoção, mesmo quando eles parecem ser totalmente culturais (Blacking, 1977:VIII).

Nesse contexto, os estudos da qualidade dos sentimentos humanos e das estruturas de afeto tornam-se uma prioridade dentro da antropologia do corpo (Blacking, 1977:5).

É através do corpo que nós nos conhecemos, entramos em relações; temos formas de conhecer a mente como parte do corpo, sendo dessa forma o corpo visto como corpo relacional. Nesse sentido a plasticidade do corpo é expressa em toda a sociedade, revelando que a sociedade é corpo, nós somos corpo, mas que tem algo do corpo que precede a sociedade, na discussão proposta por Blacking, se aproximando de outros teóricos, como Durkheim, Turner e Merleau-Ponty. A concepção da sociedade, nesse sentido, seria formada pela efervescência coletiva, momentos que geram experiência de estar com o outro, o sentimento de estar com o outro, se relacionar com o outro. Um corpo ativo, não apenas porque a sociedade ensina, mas um corpo perceptivo, que entra em relação com o outro (Blacking, 1977:5-8).

O comportamento humano e a ação são extensões das capacidades que já estão dentro do corpo, e as formas e disposição dessas extensões são generalizadas pelos padrões de interação entre os corpos no contexto social e ambiente físico diferentes (Blacking, 1977:11).

Blacking, ao priorizar o corpo, enfatizando as linguagens não-verbais, problematiza algumas questões defendidas e levantadas pela escola antropológica cultural, com relação ao determinismo cultural para os comportamentos corporais, e pela escola sociológica francesa, com relação ao simbolismo, demonstrando que há coisas que escapam da razão simbólica. Nesse caso o corpo manifesta coisas que os símbolos não dizem. Em sua concepção, é preciso pensar o corpo em seu contexto cultural, mas também como evento do corpo, juntando assim a

fenomenologia ao contexto cultural do corpo.

A primeira premissa da antropologia do corpo, na visão de Blacking, seria de que a “sociedade é um sistema de forças ativas”(Durkheim), não sendo algo simplesmente cognitivo, classificatório, mas a própria sociedade seria um evento corporal, estando impregnada de metáforas corporais. Nessa visão há uma ênfase no outro, como sendo fundamental para que haja o conhecimento de si mesmo através do outro. Todo este processo aconteceria entre os corpos, vindo até mesmo antes da linguagem, sendo esta mesma transformada em gesto corporal (Blacking,1977:8).

Dentro dessa concepção há a aproximação com as reflexões de Merleau-Ponty, com relação à fenomenologia da percepção, na qual o corpo é visto como espaço privilegiado da nossa existência no mundo. Para Merleau-Ponty, “o corpo é da ordem fenomenal e, enquanto tal, não pode ser redutível ao campo do acontecimento físico. Para além do físico é necessário entendê-lo como da ordem do campo fisiológico(vital) e também na especificidade do comportamento simbólico, constituindo o campo mental” (Almeida Leitão,1992 apud Gomes,2002:313).

A segunda premissa seria de uma retomada do evolucionismo cultural, em que se destaca o processo cognitivo do ser humano. Todos os seres humanos têm as mesmas propriedades de funções cognitivas. De acordo com Blacking, o comportamento humano e a ação são extensões das capacidades que já estão dentro do corpo, e as formas e disposição dessas extensões são generalizadas no contexto social e em ambientes físicos diferentes(Blacking,1977:10).

Uma antropologia do corpo deve ser primeiramente concedida com estados somáticos e capacidades que os organismos normais podem compartilhar , também pelas variáveis comuns físicas ou pelas experiências sociais dentro da cultura comum (Blacking,1977:13).

Os estados somáticos, que seriam estados de sentimentos, são

consequência do sensório e do sistema de comunicação das espécies humanas, que são a base para a condição da interação, sendo importantes para pensar como se entrelaça a relação entre cultura e corpo.

Para Blacking, o conhecimento das mentes dos animais não-humanos, é derivado das observações dos movimentos, dos gestos e da comunicação não-verbal. Dessa maneira, muito pode ser aprendido pelo animal humano, quando isto é estudado dentro do mesmo caminho (Blacking, 1977:16).

A terceira premissa viria reforçada por este pensamento, dando primazia para as formas não-verbais, para pensar o modo como a sociedade se constitui, sendo a cultura pensada numa extensão corporal (Blacking, 1977:13).

A quarta premissa seria a da indissociabilidade da mente e do corpo. É possível perceber essa ligação nas áreas de comunicação não-verbal, especialmente na dança e na música, nas quais nós podemos observar a mente em trabalho, através dos movimentos do corpo dentro do espaço e tempo. Blacking levanta a hipótese dessa dicotomia para refletir numa sociedade capitalista, na divisão social do trabalho, que se separa em trabalho manual e trabalho mental, fazendo um paralelo dentro desse pensamento, também com organização da mente humana, em que o ser humano depende das duas esferas do cérebro, o esquerdo, que seria o lado da razão, analítico, verbal, e o direito que seria o artístico, dos afetos, dos gestos corporais (Blacking, 1977:19).

Há nesse pensamento de Blacking a intenção de juntar a antropologia física com a antropologia biossocial e a interface das comunicações não-verbais, fazendo uma articulação do corpo com a expressão social do corpo.

Sendo, portanto, fundamental a percepção das formas não-verbais de interação, para que haja uma melhor compreensão da sociedade humana, dentro de uma visão totalizadora, mais integrada do ser humano em suas diferentes esferas, sejam elas emocionais, biológicas, sociais ou culturais.

Nesse sentido a antropologia do corpo pode contribuir com o nosso estudo,

ao considerar as formas não-verbais de comunicação como sendo importantes juntamente com as influências culturais e sociais para a compreensão do ser humano, revelando outras maneiras de refletir e apreender o conhecimento e os saberes em outros sentidos, e não apenas nos dados pela razão.

Dentro dessa perspectiva, compreender o corpo, seus movimentos, gestos, dança, cânticos, entre outros saberes que se encontram nessa comunicação não-verbal pode ser muito valioso, revelando o modo de ser, estar e experimentar o mundo, o que as palavras não são capazes de transmitir, o que está no próprio corpo para ser desvendado e revelado.

2.3 As marcas no corpo

1. Representação do escravizados na Festa da Libertação

Sendo o corpo uma construção social, organizada enquanto um sistema de signos, podemos dizer que o esquema corporal de um grupo social é depositário

de sua visão social do mundo.

Em algumas sociedades são freqüentes as intervenções praticadas no corpo, em decorrência dos ritos de iniciação. Pierre Clastres observou que durante esses rituais, no contexto das sociedades ágrafas e sem formação estatal, os preceitos mais caros ao grupo eram escritos, por meio de perfurações, tatuagens, escarificações e outras ações dolorosas, no próprio corpo dos iniciados, para que estes jamais esquecessem das lições que lhes eram transmitidas durante o desenrolar daqueles ritos. Em consequência disso, a lei deve ser escrita no corpo dos iniciados, não sendo possível apagá-la no decorrer do tempo. O que se grava no corpo humano e na memória é uma imagem da sociedade (Clastres, 1979:175-178).

O corpo traz consigo a marca da vida social, expressando a preocupação de a toda sociedade em fazer imprimir nele, fisicamente, determinadas transformações que escolhe de um repertório estabelecido pela própria sociedade. Arranhando, rasgando, perfurando, queimando a pele, imprimem-se *cicatrices-signos* que são formas artísticas ou indicadores de rituais de status, como por exemplo as mutilações do pavilhão auricular, corte ou distensão do lóbulo, perfuração do septo dos lábios, falanges, circunsição, tatuagem, corte de cabelo, enfim, diversas são as marcas, estéticas ou rituais, que o corpo carrega nas diferentes sociedades e culturas. De acordo com seus ritos propiciatórios, marcas tribais, signo de status social, ritos de passagem, entre outros significados e sentidos.

Geralmente nos ritos de iniciação, segundo Clastres, a sociedade designa o corpo como único espaço propício a transportar o sinal de um tempo, a marca de uma passagem, o cumprimento de um destino (Clastres, 1979:175).

A iniciação para os jovens é uma forma de testar a resistência e a coragem pessoal, desafiando os próprios limites do corpo de cada um. As marcas que a faca e a operação da pedra deixam sobre o corpo, suas cicatrizes, são maneiras de imprimir a sociedade neste corpo, marcando este homem para o resto de sua

vida, dando a ele a noção de pertencimento ao grupo, os fundamentos da vida social na sociedade a qual ele pertence, enfim, no corpo estão inscritos diversos signos para que não haja esquecimento do que ele é, e em última instância do que o grupo significa para ele também, sendo, portanto, este corpo uma memória, não somente dele, mas de toda a tribo, que está expressa para sempre na pele de cada membro dessa sociedade.

Nesse contexto, o corpo é marcado pela sociedade e pelas representações coletivas, que são estabelecidas pela própria sociedade como sistema simbólico. Este sistema simbólico é gerado a partir de sentidos corporais, sendo assim enfatizado por cada cultura e sociedade qual ou quais os sentidos que serão mais desenvolvidos e que servirão para dar sentido ao mundo e à sua organização social.

O trabalho de Clastres reforça a noção de que o corpo é de fato apropriado e adestrado pela cultura, concebido socialmente, alterado segundo crenças e ideais coletivamente estabelecidos. Como diria Mary Douglas, “o corpo é a um só tempo fonte de expressão e de símbolos”(Douglas, 1976:142).

Para Douglas, os rituais representam a forma das relações sociais e dão a elas expressão visível, capacitando as pessoas a conhecer sua própria sociedade. “Os rituais influem sobre o corpo político por intermédio do agente simbólico do corpo físico” (Douglas, 1976:158). Assim sendo, o corpo social precede o corpo físico mas depende desse corpo que o recria política e ideologicamente. Nesse sentido, o corpo físico é penetrado pelo corpo social e serve para sustentá-lo.

A estrutura social encontra-se, portanto, impressa no corpo, e a atividade corporal nada mais faz senão torná-la expressa. O corpo aparece assim como suporte simbólico.

Michel Taussig vai colocar um novo questionamento, com relação às práticas do xamanismo que ocorrem na Amazônia, e ao simbolismo, refletido nas práticas xamânicas, que não nos leva ao simbolismo do mundo(Taussig, 1983:49-61).

Taussig, assim como Constance Classen, tenta pensar na cultura através

dos seus corpos e dos seus usos, demonstrando que a cultura do terror se inscreve nos corpos dos torturados, como conjunto de imagens, idéias e valores, tudo isso produzido pelo próprio corpo. Com essa desordenação dos corpos, há uma desordenação do mundo que é produzida corporalmente também.

Pensando nesse sentido, como que o simbolismo, que é vital para o ser humano e para as culturas, pode se tornar insuportável para o corpo, demonstrando as tensões que são enfrentadas entre o corpo e a cultura, no caso na cultura do terror dentro do espaço de morte na Amazônia. A própria cultura legitima o terror e a tortura. Nesses momentos o corpo se revolta com a própria cultura, subvertendo as próprias representações coletivas. Dentro dessa visão o que se pretende é questionar e repensar os sentidos do corpo na produção de sentidos do mundo e repensar os usos do corpo na produção dos significados.

Nas sociedades complexas, em que a desigualdade fundamenta as relações sociais, o corpo torna-se objeto de um “adestramento” peculiar, para que adquira e expresse as características nele impressas por grupos hegemônicos e seus interesses de dominação. Sobre essas questões de dominação, Michel Foucault vai falar sobre as ‘disciplinas’, “métodos que, automatizando movimentos, posturas, gestos, etc., permitem o minucioso controle das operações do corpo, não apenas para incrementar o seu rendimento, controlar a sujeição constante de suas forças, impondo-lhe uma relação de utilidade/docilidade, mas, sobretudo, para submetê-lo politicamente” (Foucault, 1975 apud Queiroz & Otta, 1999:32).

O corpo para Foucault é marcado, disciplinado, esquartejado, vigiado, inscrito pela sociedade. Os “corpos dóceis”, denominados por ele, demonstram como a sociedade marca os indivíduos, reproduzindo um discurso social e de poder.

De acordo com Foucault, existem mecanismos de poder na sociedade que objetivam a disciplina e treinam (educam/instruem) o corpo para obedecer (adaptar-se) e ajustar-se para a ordem social e para a reprodução dela. (Marques, 1989:29).

O uso que se faz do corpo nas sociedades industriais, seja na maquinaria,

ou nos modos de produção em série, que é acompanhado por movimentos corporais repetitivos, assim como os corpos que são castigados nos sistemas penitenciários, ou os que são considerados loucos, criados pela própria sociedade, que determina verdades dentro do império da razão, são algumas das reflexões de suas pesquisas feitas em escolas, penitenciárias e hospitais, que estão em sua obra *Vigiar e Punir*. Foucault levanta questões muito importantes, mas que neste trabalho não serão abordadas e desenvolvidas, pois fogem do nosso objetivo, aparecendo mais como uma breve constatação de como a sociedade inscreve e marca seus indivíduos, através destes efeitos de poder dados pelo controle corporal.

No entanto, estes mesmos corpos operários, “automotizados” nas máquinas industriais, que precisam acompanhar os ritmos frenéticos de produção, se apresentam diferentemente em seus momentos de lazer, expressando liberdade de movimentos, leveza, opondo-se ao cotidiano das fábricas e indústrias, assim como a outras funções que lidam com o corpo de maneira mecânica e “robotizada”. É nas rodas de samba, no pagode, nos forrós, nos arrasta-pés, nas danças, rodas de capoeira, e em algumas manifestações afro-brasileiras, religiosas ou não, que podemos perceber o quanto estas pessoas expressam movimentos corporais, livres e soltos, surpreendendo e aliviando o próprio cotidiano “segmentado” em séries e produções.

Além dessa leveza e liberdade expressada corporalmente, há também uma forma de resistência que pode se manifestar nestes corpos, sobretudo na população negra, que muitas vezes manifesta em seu corpo, através das danças, músicas e outras práticas, as lembranças de um passado escravista.

Durante a escravidão, o corpo negro é moldado para que os significados relacionados às suas origens africanas, seus adornos, penteados, escarificações inscritas no corpo, que revelam signos, leis, símbolos de sua sociedade de origem, de sua etnia, enfim, todos estes elementos sejam destituídos, sendo vistos como sinais de barbárie aos olhos do colonizador, sendo substituídos por roupas, marcas

de propriedade gravadas a ferro sobre o corpo escravo, como sendo as marcas da civilização. “Pelo corpo se compreende a condição social de cada um, sua posição e status- pelas roupas que veste, pelo calçado, pelos pés descalços, marca inconfundível da escravidão” (Montes,2000:65).

É nesse período da escravidão, do tráfico, do navio negreiro, que o poder supremo dos senhores se sobrepôs aos negros escravizados, destituindo-os de suas origens, “banalizando-os”, retirando sua autonomia, seu “poder” em certo sentido, marcando um confronto que aparece expresso no corpo e em suas manifestações, revelando as maneiras de resistir e ressignificar este violento processo.

Nesse contexto, os escravizados utilizaram o corpo como uma das estratégias de resistência sociocultural e como agente emancipador . Seja pela religiosidade,ou pela dança, pela luta, pela oralidade, enfim, a via corporal foi um dos percursos adotados para combate e resistência (Tavares,2000:476). Nas sociedades escravistas essa resistência vem carregada de dissimulações ,que hora aparecem como divertimento, lazer, hora servem para lutar, se defender e conquistar a liberdade, assim como também reelaborar novas formas de crenças sem perder as referências de suas raízes, demarcando, portanto, um espaço de negociação e conflito.

O negro aproveitava todos os ensejos, religiosos, lúdicos ou de qualquer outra natureza, para intervir culturalmente à sua maneira, e assim coroou reis, organizou cortejos, dançou para orixás, imitou música que ouvia nas Igrejas, em suma, foi se afirmando de diferentes maneiras.

“É no convívio festivo, na contrição temerosa frente aos deuses e aos santos, ou na alegria profana do riso e da ironia, da lascívia ou da sedução, que explodem, em música e dança, formas de um mesmo poder inscrito no corpo, armas de conquista da expressão da própria alma” (Montes,2000:206).

O horizonte simbólico africano foi desarranjado, seja através do seqüestro

dos corpos hábeis, produtivos, seja através das representações materiais artisticamente produzidas como expressão do agir e do pensar no seu mundo cotidiano.

Dessa maneira, as festas e rituais constituíram-se em formas não-verbais de comunicação, transgredindo a rotina imposta pelos senhores ao corpo produtivo, individualizado, e que somente era recuperado dentro deste outro tempo cósmico, unindo-os com seus semelhantes, reconfigurando e reelaborando uma nova realidade.

“Os gestos foram subsumidos num bricolagem, instintivamente realizado diante da castração da fala que a psiquê do mundo colonial criou. Nesta engenharia de signos não-verbais foi se formando um gueto; que a memória corporal armazenou como fonte de um programa de atitudes corporais, caracterizando uma rede de resistências realizadas em práticas corporais. Desta rede faz parte o Candomblé, o Maculelê, o Jongo, e tantas outras festas” (Tavares,2000:478).

Os Congados no Brasil se inserem dentro deste contexto, revelando estratégias e formas de resistência criadas pela população negra, em algumas regiões, para que conseguissem manifestar e expressar suas crenças, dando vazão aos seus sentimentos e desejos, através dos seus festejos, dança e música. O corpo nesse sentido seria sede e receptáculo do sagrado, fundamentando as cosmologias africanas, em que corpo, mente e alma estão sempre juntos, expressando sua totalidade de sentidos. Sendo assim, por intermédio deste corpo, os deuses viriam cantar e dançar na terra. A ancestralidade é sentida nestas manifestações, fazendo parte de todo ritual, interferindo e participando, seja através do canto, dos gestos, da dança, enfim, de alguma maneira ela se faz presente. O culto a deuses, divindades, a ancestralidade, são heranças das culturas africanas, que se reorganizaram aqui no Brasil de uma outra maneira, devido a contingências históricas, mas que se mantiveram, reafirmando sua força e resistência.

Há diferentes tipos de Congados e Congadas, dependendo da região,

modificando o modo de dançar, cantar, gesticular. Cada região vai apresentar-se de um jeito, de acordo com a influência das diferentes etnias que vieram para o Brasil. Alguns Congos e Congadas fazem um tipo de representação dramática sobre as lutas entre cristãos e mouros, com base nos episódios da história de Carlos Magno e os Doze Pares de França. Outros fazem a teatralização das lutas entre um Rei do Congo e uma Rainha Ginga. Há ainda a encenação de embaixadas com encontros entre os guerreiros, com os bastões e espadas, além do desenvolvimento de embaixadas diplomáticas entre realezas distantes.

A Congada de Ilha Bela, por exemplo, faz uma dramatização em torno do conflito de dois reinos africanos, o do Rei do Congo, cristão e o do Rei de Aluanda, representado pelo seu Embaixador pagão. De acordo com Marianna Monteiro, que realizou um estudo sobre algumas Congadas, inclusive esta de Ilha Bela, “estes dois grupos colocam-se em dois campos antagônicos (o de baixo e o de cima), cada um num dos extremos da rua, definindo um espaço cênico polarizado, para a realização das cenas do bailado, que com isso ganha grande expressão dramática. De um lado, posta-se o rei de Congo, com seu secretário, com o Príncipe, com o Cacique, com sua Guarda de fidalgos. Do outro lado, o Embaixador inimigo e sua Guarda, os Conguinhos (guerreiros inimigos), um Guia e um Cacique do Embaixador. A ação desenrola-se a partir de diálogos entre mais de dois personagens, desenvolve-se nos dois campos e se faz acompanhar de coreografias, em sua maior parte guerreiras. As guardas se deslocam, fazem traçados variados no espaço, entrechocam as espadas, segundo os mais manejos, sempre integrados à ação dramática, que vai sendo desenhada nos diálogos” (Monteiro,2002:151-152).

Há também os Moçambiques do Vale do Paraíba, que realizam uma coreografia guerreira de Congo, mas sem a parte dramática, embora haja ainda esta lembrança. O cortejo é arranjado em duas filas, a dos mouros e a dos cristãos, encabeçadas, respectivamente, pelo mestre e pelo contramestre. Há manejos de

bastão enriquecendo muito todas as coreografias .Já não há mais a embaixada, que representava a história de Carlos Magno e os Doze Pares de França, na luta contra os mouros (Monteiro, 2002:164).

Estes foram alguns exemplos dados sucintamente sobre outros Congados, para mostrar um pouco as diferenças que se apresentam entre cada grupo, de acordo com a região e com a influência exercida nestes lugares.

É possível também encabeçar os Maracatus do Recife, os Afoxés baianos, Congadas mineiras e Moçambiques do Sul, Bandas de Congos capixabas, Taieiras sergipanas, Catumbis catarinenses, Ticumbis do Espírito Santo, enfim, como sendo todos originados dos cortejos de acompanhamento dos soberanos negros.

O Congado dos Arturos se apresenta fazendo o cortejo da realeza, sendo guiado pela Guarda de Moçambique e em sua frente a Guarda de Congo, “abrindo” os caminhos. Antigamente, disseram que faziam representações como se fossem embaixadas, mas que foram se perdendo ao longo do tempo, e hoje realizam assim as festas de Congado. Seguem em procissão percorrendo os caminhos de seus ancestrais e de seus antepassados, refazendo as trilhas sagradas da sua história. (Foto 2).

2. Guarda do Congo chegando na comunidade

O corpo dentro do Congado se apresenta como fundamental para que haja a religião com os ancestrais, com um passado histórico marcado pela opressão que os negros sofreram na época da escravidão. Por intermédio deste corpo carregado de sentidos e significados, há a sublimação e a lembrança que vem através dos cânticos, gestos e danças, expressando reminiscências fragmentadas de uma terra e de uma vida jamais esquecidas, estando inscritas no próprio corpo.

É através dessa memória que muitos grupos e comunidades congadeiras vão refazendo sua história, ensinando e continuando suas tradições, como é o caso dos Arturos. Nos Arturos, os ensinamentos e as danças iniciam-se bem cedo, logo aos primeiros passos das crianças. A manifestação corporal é muito presente na comunidade, devido ao Congado e às heranças africanas, que soam e reverberam no corpo.

Essas recordações históricas servem para a construção, preservação e transmissão da memória social negra. Para Paul Connerton, a memória social é composta de recordações e imagens do passado de um grupo social particular, que considera que as lembranças e o passado trazem uma influência e um impacto no presente, sendo experimentados e interpretados. O grupo social guarda o passado dentro da mente através de uma memória sedimentada no corpo (Reily,2001:5).

Neste contexto, passa o corpo a falar e a salvaguardar a memória do grupo por meio de modulações gestuais, referidas às formas de vida no tempo e no espaço de origem. O corpo passa a constituir o saber da comunidade e a perfazer-se como arquivo, fortalecendo uma sabedoria corporal.

O corpo se constitui, portanto, como centro energético, que apóia e ajusta a comunidade, com o objetivo de compensar as exaustivas jornadas de trabalho que recaem sobre este mesmo corpo diariamente. Desse corpo é retirada a máxima energia, catarticamente, para que se realize um contato com todo universo ancestral (Tavares,2000:478). (Foto 3)

3. Dançantes da Guarda do Congo

O corpo que dança nos dias de festa de Congado nos Arturos é bem diferente do corpo cotidiano que trabalha nas estradas dirigindo caminhões, nas fábricas, na roça, nas casas de família, escolas, entre outros lugares, com outras jornadas, esforços e funções. São corpos que apresentam um grande vigor físico, uma força, e ao mesmo tempo leveza de movimentos, gestos, passos, como se buscassem através da dança e da música energia e alimento para o físico, a alma e a mente. O canto e a dança aparecem como elementos de força e ligação com os ancestrais, e de uns com os outros, possibilitando a transmutação do cotidiano.

Nesse refazer dos caminhos sagrados, os Arturos vão construindo sua história, suas lembranças, sua identidade enquanto grupo e indivíduos, articulados por intermédio da linguagem corporal.

É através dessa memória corporal que teias de significados podem ser tecidas, possibilitando uma maior compreensão do homem em sua cultura, com seus gestos e símbolos e significados que são expressos no próprio corpo.

Acreditando que o corpo se revela como um espaço infinito de expressões,

sentidos, signos, que perpassam as diferentes esferas da existência humana, é que pretendemos refletir nas formas de comunicação que são expressas no corpo, a fim de compreender melhor sobre essa “linguagem gestual-corpórea”, abrindo-se para um novo paradigma do conhecimento, o conhecimento através do corpo.

Assim sendo, os diversos gestos corporais que o homem realiza desde seu nascimento, até a idade adulta, velhice, enfim, por toda a sua existência, vêm carregados de experiências “físio-psico-sociais” ¹, trazendo uma memória, uma cultura, uma história expressa e impressa no corpo.

O corpo aparece, portanto, como veículo simbólico, “falando” muito mais do que as próprias palavras escritas. Através da sua imagem, dos seus gestos, comportamentos, movimentos, signos, significantes, o homem revela seu grupo, seu povo, sua identidade, sua história, seus valores sociais e políticos, marcando seu caminho.

Neste trabalho, pretendo refletir nas imagens, lembranças, símbolos, que são expressos através da memória corporal dentro do ritual do Congado, trazendo um passado histórico escravista, e ao mesmo tempo confluindo com a experiência do presente.

No próximo capítulo, ao longo da etnografia das festas da Libertação e de Nossa Senhora do Rosário da Comunidade dos Arturos, estarei refletindo sobre os movimentos corporais dentro do ritual do Congado, tendo a dança como elemento de resistência e identidade cultural para os Arturos.

¹ Termo usado por Marcel Mauss, *As Técnicas Corporais*, In: *Sociologia e Antropologia*, Edusp, São Paulo, 1974:231-233.

CAPÍTULO 3
DANÇA , FESTA E VIDA,
SALVE O ROSÁRIO DE MARIA

3.1 Festas

1. Saída da Guarda de Moçambique da Comunidade dos Arturos

A festa para a Comunidade dos Arturos é o traço básico de sua característica enquanto grupo e o laço que une os membros da Comunidade é a fé na Senhora do Rosário: cada um deles é um elo na corrente de Maria. Participar desse elo significa retornar ao passado, quando os ancestrais atravessam o espaço e vêm compor a ingoma dos vivos e dos mortos (Gomes & Pereira, 2000:213). Outro tempo se instaura nestes momentos de festejos: é o tempo sagrado, do retorno às origens,

alimentando a fonte primordial de vida, de busca da força dos antepassados para se enfrentar o presente, o cotidiano. A palavra *ingoma*¹ significa tambor, algumas pessoas na comunidade falam que *ingoma* é o Congado, é algo muito maior como podemos perceber na fala de um capitão do Moçambique:

“A ingoma é no dialeto africano, ela significa tambor. A ingoma nada mais é que tambor, porque cê vê bem, o candombe foi criado através do tambor, então a gente tem respeito muito grande ao tambor e muito grande com as caixas, que hoje simplificaram, a gente usa pra fazer os sons que a gente dança, né, pra gente dançar e tal, então a ingoma significa tambor e é onde a gente canta a “ingoma”..., é por causa daquele som que a gente quando bate a gente sente lá na alma, a gente busca lá nos quilombos, aquela tristeza dos nosso antepassado de ter somente aquilo ali pra festejar e somente ali porque era, né, um refúgio dos escravos, então é aquilo, é através da ingoma, o tambor, a gente canta aí, lembrando aquele passado.” (Kinha, capitão do Moçambique)

Ao dançar, cantar, louvando a grande mãe do Rosário, os Arturos se unem em filhos e irmãos ,recriando o passado, unindo vivos e mortos. O grupo se fortifica quando dança e canta junto, diante da Senhora Sagrada. As vestes, o canto, a dança, os instrumentos, a alma toda se manifesta exteriorizando toda fé e devoção, formando o Rosário de Maria.

As festas são, portanto, um elemento agregador do grupo, marcando os grandes momentos da Comunidade. No calendário festivo da Comunidade, se encaixam as festas de cortejo, que são as de Nossa Senhora do Rosário, que ocorrem no mês de outubro, comemorando o nascimento de Nossa Senhora do Rosário, e as da Libertação dos Escravos, quando celebram a alforria, que ocorrem no mês de maio, sendo muito importantes, pois simbolizam as trilhas sagradas percorridas pelos ancestrais, religando-os com sua família e também com suas

¹ Ingoma - Tambor - Do termo multilingüístico bantu *ngoma*, tambor. (Lopes:134).

raízes africanas. A outra festa é a de Folia de Reis, durante o ciclo natalino, em que rememoram a jornada dos três Reis Magos. Estas são as festas externas da Comunidade, manifestadas para o público, seguindo o calendário litúrgico. Os festejos de Congado acontecem nesses meses de maio e outubro; mas durante todo ano, aos domingos, os Arturos “batem o Congado”, como dizem, para pagar as visitas recebidas em suas festas, nas outras Comunidades. No entanto, isto ocorre até início de dezembro, sendo fechado o Congado e reaberto somente depois da quaresma, no sábado de aleluia. (Foto 2)

2. Folia de Reis

3. Geraldo Arthur Camilo na Festa do João do Mato

As festas internas são as do João do Mato, para festejar a colheita do milho, que acontece em dezembro, o Candombe, para abrir o Congado, o Batuque e os festejos de aniversário, batizado, casamento, que acontecem durante o ano todo, sempre muito alegres, acompanhados com muita música e dança. (Foto 3)

Especificamente aqui iremos focar as festas da Libertação e a de Nossa Senhora do Rosário, que são as festas de Congado, pois são as maiores festas, e praticamente movem, guiam e alimentam a Comunidade.

3.2 Festa da Libertação

**“ Oia viva Senhora do Rosário
Mãe do negro sofredor
Oia viva Princesa Isabel
Cativeiro acabou
Mas oiê oiá
Viva Senhora do Rosário
Oiá viva Princesa Isabel
Cativeiro acabou”
(Cântico do Congo dos Arturos)**

A festa da Libertação é muito significativa para os Arturos, pois é quando eles comemoram a abolição da escravatura, sendo de introdução mais recente na história da religiosidade popular dos negros. Há aqueles que discordam e acham que não há nada para se comemorar, mas para os Arturos há um outro sentido, como podemos perceber na fala de Kinha, capitão do Moçambique:

“A festa da libertação, muitas pessoas tem ela de forma diferente, até tem muitas pessoas, até do congadeiro mesmo, eles num gostam dessa festa porque ela lembra o cativeiro, mas a maior parte, creio eu que aí uns 98,99% dos congadeiros, fazem essa festa da abolição, pra manter pro negro nunca se esquecer do seu fundamento, o que foi a sua vida no passado, né, então a festa da abolição ela tem toda a demonstração da época da escravidão, desde a época da escravidão até a libertação e a primeira missa que o negro pôde assistir dentro de uma Igreja, então ela conta essa história toda, ela revê, rememora essa história que pra nós é muito significativa, porque é um passado muito triste a escravidão, foi muito triste pra todos nós, mas é uma coisa que nunca vai fugir, nunca vai sair da nossa pele, do nosso sangue, da nossa alma, nunca vai sair, então a gente tá sempre rememorando, não é a nível de ficar nos castigando, não, é a nível de nos dar valor e procurar cada vez mais o nosso lugar diante da sociedade, do mundo

de um modo geral". (Jorge Antônio dos Santos, Kinha, capitão do Moçambique)

4. Festa da Libertação

A festa de maio é chamada de “Reinadinho”, sendo a de outubro a maior, e considerada como Reinado mesmo. No entanto a sua importância é a mesma, e para alguns até maior, por conta do significado da abolição e da lembrança do cativo. Outro tempo se instaura nos dias que antecedem e no período da festa, fazendo com que os Arturos mergulhem simbolicamente no universo sagrado.

A festa representa o rompimento com o cotidiano e suas preocupações, dando oportunidade para que surja um outro mundo para o indivíduo, no qual ele se sinta amparado e transformado por forças que o ultrapassam (Caillos, 1963:96-97).

Algumas pessoas da Comunidade comentaram que nesses dias eles até escutam os tambores baterem sozinhos: João , capitão do Moçambique disse:

“ Vovó Carmela contava que os tambores batiam sozinhos dias antes da festa, um dia ele ouviu os tambores conversando, daí ela falou ‘eles conversam mesmo, conversam lá com Esmeraldas’, é algo incrível que me marcou a vida toda.” (João Batista da Luz, capitão do Moçambique, presidente da Comunidade)²

Neste período as pessoas ficam mais resguardadas, há algumas proibições e mistérios que eles precisam cumprir, sobretudo os reis, rainhas e alguns capitães, que possuem funções importantes dentro do ritual.

Alguns dias antes da festa, os preparativos estão “a todo vapor”, as pessoas se ajudam, dividindo as tarefas. A espera pela festa é vivida muito tempo antes, e na semana que antecede a festa já começam os preparativos na cozinha, onde filhas e netas de Arthur se empenham para que tudo dê certo. Assim como os bisnetos, netos e netas auxiliam para enfeitar o salão da casa paterna, no reparo dos instrumentos e confecção de outros, organizados por Zé Bengala e Dunga, capitães do Congo. A arrumação da Igreja é comandada por Tereza, amiga da Comunidade e participante da Irmandade ,figura importante nos preparativos da festa. Na capela, ou ainda na arrumação da área externa , todos trabalham ajudando para que a festa se realize bem, com muito orgulho e prazer de mais uma vez cumprir

“a vontade de papai, a manutenção da tradição do Congado. O primeiro de Minas Gerais.” (Izaíra Maria da Silva (Tita), filha de Arthur)

Os preparativos acontecem na casa paterna da Comunidade, a casa que

² Esmeraldas foi onde Arthur Camilo e Carmelinda viveram com os filhos antes de se mudarem para esta propriedade em que fica a Comunidade atualmente, em Domingos Pereira. Consta por alguns levantamentos de pesquisadores que os Arturos mudaram-se, para onde residem hoje, na década de 40, confirmado por alguns filhos e netos mais velhos de Arthur.

era dos fundadores da Comunidade, Arthur Camilo e Carmelinda, onde moram as irmãs solteiras Izaíra Maria da Silva, Tita, e Maria do Rosário da Silva, Induca, que representam simbolicamente os pais, e que, como matriarcas, comandam os acontecimentos na Comunidade, recebem as pessoas de fora, as visitas que vêm conhecer a Comunidade. Tudo passa por ali e por estas duas senhoras. A casa paterna é um lugar onde se reúne toda a família, nos grandes almoços, onde recebem-se as guardas visitantes, onde acontecem as comemorações dos aniversários, casamentos. O seu espaço é estratégico, pois fica no meio da Comunidade, próximo da Igreja do Rosário que há dentro da Comunidade, sendo enfim um lugar em que todos passam e em que se centraliza o poder da Comunidade, simbolicamente falando, marcando um eixo central de ligação entre todos os Arturos.

E assim vão passando os dias que antecedem a festa, cada qual ajudando no que pode, inclusive nós e todas as pessoas de fora que vão chegando, instaurando-se assim, um espírito de alegria, fé e esperança.

Geralmente dois dias antes da festa há a abertura do Congado, através do ritual que se chama Candombe. Todos da Comunidade se reúnem na capela e falam: “vai bater Congado”.

“O candombe é o africano, do candombe é que saiu o Congado, o Moçambique, né? O candombe é que tirou Nossa Senhora do mar, os escravos não conseguiram, ela veio, andou um pouquinho, depois voltou, aí veio o candombe e os escravos fez com os pau , furou os pau, fez o tambor e aí eles foram lá e com o batuque tirou ela, eles conseguiram tirar ela com o candombe.

Então a raiz do Congado é o candombe.” (Joaquim Bonifácio da Silva, Seu Bil, filho de Arthur, 1º capitão do Moçambique)

Candombe é uma dança de negros que se caracteriza pelo toque de três tambores sagrados, Santana, Jeremia e Santaninha, cujos toques conduzem o canto

e a dança. Os tambores do Candombe chamam os antepassados e funcionam como intermediários entre os vivos e os mortos. A fundamentação do Candombe se relaciona com o mito da aparição de Nossa Senhora do Rosário, em suas diferentes versões, nas águas do rio, do mar, ou sobre a pedra, em que a Virgem sentou-se sobre o grande tambor africano, com que os negros faziam o batuque. O tambor convertido em andor recebe o nome de Santana carregando a Senhora do Rosário para fora das águas. Através do mito, o Candombe revela aos descendentes de escravos de hoje sua ligação com a ancestralidade e com sua família, conectando as novas gerações com a tradição (Monteiro, 2002:202).

No ritual dos Arturos apenas os mais velhos, da primeira geração, filhos de Arthur, é que tocam, e os Arturos dançam em frente aos tambores, movimentando os ombros, alternando-os para baixo, curvando o corpo, cantando como se fossem desafios, entrando uma pessoa de cada vez. O ritual do Candombe representa a resistência negra manifestada num desafio em que simbolicamente o branco era sempre vencido. Os cânticos e a dança rememoram a África, os ancestrais e a época da escravidão, em que os negros tinham que dissimular perante os brancos, gesticulando de maneira diferente, assim como se estivessem se coçando, cantando metaforicamente com nomes de insetos, animais, cobras. Seguem alguns cânticos cantados pelos Arturos:

**“Ô, dono de Candombo
É candombero(Coro)
Eia dono de Candombo
É candombero (Coro)”**

**“Ê, oi,oi
Num mexe comigo
Oi, num me assanha(Coro)
Oi, num bole comigo
Oi, num me assanha(Coro)”**

“Oi, o que coça aqui?”

**É carrapato(Coro)
O que coça aqui?
É carrapato(Coro)”**

**“Fio de pexe
Peixinho é(Coro)
Fio de pexe
Peixinho é(Coro)”**

**“Ê , oiá nego de Angola
Vamo saravá (Coro)
Óia nego de Angola
Vamo saravá (Coro)”**

Todos estes cânticos, como foi dito acima, simbolizam as dissimulações, a lembrança da terra dos ancestrais, a reafirmação do poder dos candombeiros e a continuidade dos ensinamentos para as outras gerações.

Segundo Marianna Monteiro, no Candomblé, “a Comunidade se reúne para tirar verso, dançar e cantar, definindo sua identidade mais profunda de descendentes de africanos, de negros brasileiros, filhos de escravos, de Comunidade interessada em preservar e elaborar suas relações internas, tendo em vista o passado. Ancorado na crença africana do poder da palavra, o verso do Candombe nunca é coloquial, é sempre metáfora a ser decifrada, e continuada, na composição de uma alegoria coletiva que presentifica e reforça a identidade da Comunidade” (Monteiro,2002:205).

A dança do Candombe aparece representada no Moçambique, estando ali a continuidade das forças e ligações com o passado e com o legado africano. Desse modo, embora o Candombe seja mais fechado, não circulando pelas ruas, suas sementes estão ali manifestadas no cortejo do Moçambique, em seus cânticos e movimentos corporais.

Neste ritual não se pode gravar, nem filmar, nem tirar fotos, e eles fazem

alguns dias antes da festa, justamente para não ter muita gente de fora. Depois que se acaba o Candombe, todos se recolhem e vão dormir.

Nos dias seguintes seguem-se os últimos preparativos para a festa que começa no sábado.

3.2.1 A festa vai começar

No sábado, por volta das seis horas da tarde, inicia-se a festa com o aviso

5. Mastro de 13 de Maio

dos foguetes e dos apitos do capitão do Congo, Zé Bengala, que comanda o Congo.

Na capela os toques das caixas se iniciam, chamando todos para o levantamento dos mastros. A guarda de Congo é a primeira a sair, cantam em frente ao altar louvando a Santa, todos os dançantes do Congo primeiramente beijam a bandeira com a imagem de Nossa Senhora, seguindo depois para seus lugares.

Formam-se duas fileiras, uma de cada lado, os mais velhos ficam na frente, terminando com os mais novos, crianças até de dois anos já acompanham. O Congo é composto por homens, mulheres, crianças e jovens. A presença de mulheres na guarda de Congo é posterior à morte de Arthur Camilo. O Congo desce em direção à casa paterna. O Moçambique entra na capela depois do Congo, puxa seus cânticos e também segue em direção à casa paterna. O Moçambique é composto em sua maioria por homens, de crianças a adultos. Depois as guardas de Congo e Moçambique se dividem para buscar os reis e rainhas em suas casas.

Prosseguindo o caminho, as guardas de Congo e Moçambique seguem em direção à Igreja do Rosário e à Casa de Cultura de Contagem, para levantarem os mastros. Neste dia de sábado, as guardas vão sem as vestes festivas do dia da festa.

Ao chegar na Igreja do Rosário, que é a mais próxima da Comunidade, dividem-se as guardas, indo a guarda do Congo levantar os mastros na Casa de Cultura, e a guarda do Moçambique levantar os mastros em frente à Igreja do Rosário. Não há uma ordem estabelecida. Em algumas festas o Congo levanta o mastro na Casa de Cultura, em outras, o Moçambique. E o mesmo acontece na Igreja do Rosário, também. No entanto, o importante é iniciar na Casa de Cultura, e depois é que se levantam os mastros em frente à Igreja do Rosário. Por isso, enquanto a guarda que foi levantar na Casa de Cultura não chega, eles não levantam o mastro na igreja, pois dizem que “quebra a corrente”. Na Casa de Cultura levantam-se dois mastros, pois foi o primeiro cruzeiro de Contagem instalado ali, além de ser em frente da casa de José Aristides, chefe supremo do Congado no Brasil, amigo de Arthur Camilo Silvério.

O mastro é colocado nos locais sagrados, portando um estandarte, que representa a figura dos santos de devoção. As bandeiras de devoção simbolizam Nossa Senhora do Rosário, Divino Espírito Santo, São Domingos, Princesa Isabel, São Jorge Guerreiro, Santa Efigênia e São Benedito.

A representação simbólica do mastro é o sinal concreto da união entre céu e terra, os vivos e os mortos, corpo e alma, ligando os indivíduos aos antepassados. Na frente da Igreja do Rosário são colocados dois mastros, um representa o Congo, o outro o Moçambique.

É um momento de muita emoção e força quando se colocam os mastros, pois quando se eleva o estandarte, elevam-se simultaneamente os corações: o canto se veste de alegria, os instrumentos fazem coro, caixas batendo, gungas repicando. As vozes anunciam, repetidas vezes:

“Levantei banderê

Levantei banderá

Levantei coroê

Levantei coroá”

Neste momento os gestos de reverência se dão em volta do mastro, os reis, rainhas, capitães, todos os filhos do Rosário, passam pelo mastro, alguns beijam o mastro, outros o tocam com as mãos, passam nele seus objetos de culto, suas cruzes e terços, os capitães passam o bastão em volta cerca de três vezes, outros encostam a testa, como se quisessem pegar forças do sagrado. (Fotos 6 e 7)

Há também alguns fiéis que acendem velas ao pé do mastro, fazendo seus pedidos, orando, enquanto o canto e a dança prosseguem, circulando ao redor do mastro, marcando a sacralização do espaço, fazendo com que esta energia reverbere se expandindo entre todos os participantes e até mesmo nos espectadores que acompanham o cortejo. Firmado os mastros, os reis e rainhas, assim como os capitães e todas as pessoas, empostam as mãos, em sentido diagonal aos mastros, ao som do cântico:

6. Mastro erguido

7. Dançantes do Moçambique ao redor do mastro

“Vamo pelo ar, ô bandera

Vamo pelo ar, ô bandera”

Dando continuidade à festa, as guardas de Congo e Moçambique seguem trazendo a coroa rumo à Comunidade, onde lá irão levantar mais quatro mastros.³ Chegando na Comunidade, a guarda de Congo desce para a casa do capitão regente, para levantarem dois mastros, e o Moçambique segue para a casa de um capitão já falecido, erguendo-se um mastro em frente à casa dele. Depois as Guardas se encontram e vão levantar o último mastro, que fica em frente à Capela da Comunidade. Após o levantamento dos mastros, todos entram na Capela e despedem-se (Foto 8), cantando repetidas vezes:

³O número de mastros varia de acordo com o ano e a festa, como por exemplo a última festa da Libertação em 2003, quando foram erguidos 7 mastros dentro da Comunidade. Pois há mastros de cumprimento de promessa e também em frente à casa de Dodora e Mário, que receberam uma parte das Guardas visitantes para almoçar em casa.

“Até amanhã

8. Os participantes dançam ao redor do mastro

Se Deus quiser

Até amanhã ”

Terminado o canto, todos dão as mãos e rezam um Pai Nosso, pedindo proteção para a festa e para todos os congadeiros da Comunidade.

Após este momento, todas as pessoas descem para a casa paterna, para tomar um café e comer as roscas, biscoitos, e broas feitas especialmente para a festa. Este é um momento descontraído, quando surgem conversas, os acertos finais, outros se recolhem para descansar, para o dia seguinte que em breve irá chegar.

Antes do raiar do dia , os foguetes e os tambores já avisam o começo de um longo e esperado dia. As pessoas vão chegando, para fazer a primeira oração do dia, a chamada **matina**.

3.2.2 Matina: o chamado para um grande dia

Na madrugada que antecede a festa, acontece a matina, cerimônia mais interna, em que participam apenas as pessoas da Comunidade, para realizar a primeira oração do dia.

Os foguetes e as batidas dos tambores vão avisando os congadeiros da primeira oração do dia, o chamado da força do primeiro canto, o pedido de proteção aos antepassados. O povo do Rosário vai se levantando, os tambores vão buscar seus reis e rainhas, seguindo para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, próxima à Comunidade. Esse é um dos momentos mais bonitos, pois os Arturos cantam, dançam, expressando sua fé, devoção, angústias de um tempo passado na sua mais profunda essência.

Rumo à igreja vão cantando em tom de lamento os cânticos dos antepassados, lembrando os pais, avôs, tios, assim como capitães e pessoas importantes do Congado, que já partiram. Fica estabelecido assim um elo entre os vivos e os mortos, assim como um retorno simbólico à terra de origem dos seus ancestrais.

Ao chegar na igreja os sinos tocam e as portas se abrem e o grupo entra cantando, parando em frente à Virgem do Rosário. Reza-se um terço inteiro, e depois são feitos os pedidos de paz, proteção para festa e para todos, paz no Congado, para que sempre possam contar com Nossa Senhora do Rosário, enfim, todos fazem seus pedidos.

Depois saem da igreja cantando e, ao pé do Cruzeiro, Seu Antônio Maria da Silva, capitão regente, puxa este canto:

**“ Salve o Cruzeiro do Sul
Aonde as alma têm que rezá
Aonde os fio chora de tristeza
E as alma vêm te consolá”**

Todos olham para o Cruzeiro, os olhos do capitão se enchem d'água, num momento de muita emoção, como se tivesse puxando do peito aquela tristeza e chamando um consolo, um apoio. Seguem para a Comunidade, e os cânticos cada vez mais relembram um lamento africano, falando das senzalas, do cativeiro, do tempo da escravidão. Os movimentos corporais se alternam, com batidas dos pés ao chão, como a dança do Moçambique, fazendo o corpo pulsar a todo momento, marcando um eixo de ligação entre o céu e a terra. Como se quisessem entrar na terra para pegar forças e subir. Mas são movimentos mais para baixo. Alguns dançantes chegam até mesmo a descer, flexionando bem os joelhos, alternando os ombros, como se estivessem 'incorporados', semelhante ao movimento de "preto velho", conhecido na Umbanda.

Chegando na Comunidade, encerra-se a matina na capela, depois de passar na casa do capitão regente e de passar na casa paterna também. É servido um café com biscoitos e todos já começam a se arrumar para o início da festa.

3.2.3 Vamos passear na rua

Por volta das oito e meia da manhã, iniciam-se as batidas dos tambores e o Congo e o Moçambique, juntamente com toda a realeza, saem e vão para a igreja matriz da cidade de Contagem. Na frente já foram os Arturos, que vão representar os escravizados e as mucamas, carregando gamelas de madeira com milho, urucum, cana, raízes e frutas. Estes alimentos vão para o ofertório da igreja e simbolizam a época da escravidão, em que "as mucamas ficavam muito na cozinha", segundo Sueli, que se veste de mucama em quase todas as festas de maio.

As Guardas de Congo e Moçambique, antes de sair para "passear na rua", passam nos espaços sagrados da Comunidade, assim como nas casas dos reis e rainhas para buscá-los. O Congo é o primeiro a sair: sempre sai da capela, de

frente para o altar, virando-se somente depois que passam da porta e já estão fora da igreja, em sinal de respeito e reverência com a Santa do Rosário e os santos sagrados do altar. Na porta ficam dois capitães com o bastão, empostados ou com a espada, sinal de proteção também. Primeiramente o capitão de comando do Congo, José Bengala, apita e fala para os marinheiros (dançantes do Congo):

“Alerta, marinheiro, alerta!

Que nós viemo fazê nesse dia, marinheiro?

Lová o Rosário de Maria!(Todos)

Viva o Rosário de Maria!

Viva!”(todos)

Depois iniciam cantando :

“Senhora do Rosário

Oh, Senhora do Rosário

A Senhora é uma mãe tão boa

Oi venha ver os seus filhos

Ajoelhá a teus pés

Pedindo força pra vencer na vida”

Seguem da igreja, passam pelo Cruzeiro em frente à igreja e descem para a casa paterna para cumprimentar a rainha do treze de maio, Izaíra Maria da Silva, Tita (Foto 9). Cantam assim quando chegam em frente da rainha:

“Senhora rainha que na minha frente está(duas vezes)

Viajamo dia e noite, noite e dia sem parar

Vim trazer meus marinheiros para lhe cumprimentar”

9. Congo indo para a casa da Rainha do 13 de Maio

Assim cantam repetidas vezes e a associação com o mar, marinheiro, e com a viagem, a meu ver tem ligação com o mito de Nossa Senhora do Rosário, que foi vista no mar pelos negros, assim como com a eterna ligação com a terra africana, com a travessia nos navios negreiros . Ali, na figura da rainha, está simbolicamente a mãe do Rosário, protetora dos negros.

Depois o Congo vai até a casa do capitão regente , Antônio Maria da Silva, dançando e cantando. A Guarda de Moçambique nesse momento sai da capela cantando:

**“Levanta povo e vamos embora
Levanta povo e vamos embora...”
(cântico do Moçambique)**

O mesmo trajeto é repetido, dando a volta no Cruzeiro, indo para a casa paterna, saudando a rainha. Depois seguem para casa do rei do treze de maio, Antônio Eustáquio da Silva, filho do capitão Raimundo Afonso da Silva (falecido). Ao buscar o rei, seguem para casa paterna, para buscar a rainha. Depois voltam

para a capela, para pegar as coroas que estão no altar e os outros reis e rainhas que na capela se encontram, juntamente com a princesa Isabel. Seguindo então em direção à igreja matriz. Cantando assim: (ver se tem fotos deste momento

**“Ei, ora Deus adiante
Vamo nós andá com Deus, ai ai
Vamo nós andá com Deus, gente
Com Deus e a Virgem Maria”**

Sempre quando vão buscar as rainhas ou reis, ou vão à casa de um capitão, há um cumprimento, feito pelo capitão de comando ou pelos capitães ou membros

10. Cumprimento do Primeiro Capitão do Moçambique Bil ao Rei do 13 de Maio

da Guarda que estejam cantando, sejam do Moçambique ou Congo, fazendo o sinal da cruz para as pessoas da casa. É um gesto de reverência, respeito e desejo de bons sentimentos e também de proteção. Primeiramente, há a união das mãos, o movimento em cruz, e depois o abraço, encostando ombro com ombro, três vezes. (Foto 10)

Ao passar na porteira, os filhos do Rosário dão as costas para o mundo lá fora, voltando-se o corpo para a Comunidade, dando um giro,

para sair do espaço sagrado, conhecido, se protegendo, para ir para a rua. Na porteira, assim como na capela, como já foi dito, ficam dois capitães com os bastões erguidos em diagonal, nestes locais de passagem. De acordo com Van Gennep, “a porta é o limite entre o mundo estrangeiro e o mundo doméstico, quando se trata de uma habitação comum, entre o mundo profano e o mundo sagrado, no caso de um templo. Assim atravessar a “soleira” significa ingressar num mundo novo” (Gennep, 1974 apud Cunha, 1986:66). (Foto 11)

Em todas as esquinas e encruzilhadas por que os dançantes passam,

11. Capitães do Moçambique depois de fazer a proteção ao congado na porteira

também dão um giro em torno de si mesmos, para se proteger e não pegar nada de ruim que possa estar nestes lugares. Há cânticos certos para cada momento, cada passagem, seja para buscar reis e rainhas, seja para lembrar alguns pontos significativos para a Comunidade, como por exemplo o espaço da antiga igreja do Rosário que foi derrubada. Os Arturos seguem pautados na trilha dos seus ancestrais e nos ensinamentos transmitidos pelos conhecedores do sagrado, dentro do Rosário de Maria.

O trajeto da procissão segue o itinerário feito por Arthur Camilo Silvério, detendo-se nos pontos sagrados: saída da capela, para a casa paterna, passando

pelo Cruzeiro em frente à capela da Comunidade. Passam também na casa dos reis e rainhas e de alguns capitães falecidos. Este é o trajeto interno. As outras paradas são externas, na Igreja do Rosário, e no Cruzeiro próximo da casa do falecido José Aristides, o grande babalão de Contagem e capitão do Congado no Brasil. Estes locais constituem os cinco locais sagrados do trajeto, os cinco mistérios do terço: a capela, a casa paterna, o Cruzeiro da comunidade, a Igreja do Rosário, e a cruz do babalão (Gomes & Pereira, 2000:217). O início e o fim do ritual acontecem dentro da capela, na Comunidade.

Assim seguem: a Guarda de Congo na frente, o Moçambique atrás, bem devagar, trazendo a coroa, que é composta pelo rei e pela rainha festeira, três rainhas, rei e rainha do treze de maio, rei perpétuo, rei Congo e rainha Conga. Os reis e rainhas são acompanhados sempre dos guardas das coroas, com suas espadas. (Foto 12)

12. Reinado chegando na Igreja Matriz na Festa da Libertação

Chegando na igreja de São Gonçalo, matriz da cidade de Contagem, ao lado há um espaço popular com escadaria e um palco de cimento, onde fica toda a realeza,

a Princesa Isabel, dois cavaleiros dos Arturos, além de alguns políticos também, uma Sinhá e um Senhor, para fazerem a representação da Abolição da Escravatura. Em frente ficam os que irão representar os escravizados, deitados, acorrentados, e as mucamas, assim como a Guarda de Congo e Moçambique dos Arturos e também outras Guardas visitantes que vieram para a festa. (Fotos 13 , 14 , 15 e 16)

A abertura foi feita (nestas quatro festas que acompanhamos em maio) por um pesquisador e amigo da Comunidade⁴, que fala do treze de maio, da abolição, e um pouco das condições do negro hoje em nossa sociedade. Depois há uma encenação entre o senhor e a sinhá, tendo este ano uma novidade, a encenação de um escravo e uma escrava,⁵ falando sobre os sofrimentos de sua condição, clamando pela liberdade. Depois os dois representantes dos escravizados cantam e dançam. Em seguida há a leitura da Lei Áurea, sendo assinada pela Princesa Isabel. Neste momento os escravos soltam suas correntes e um capitão puxa o canto festejando a liberdade (Foto 17):

**“ Tava dormino
Sá Rainha me chamô
Acorda, nego
Cativoiro já acabou”**

Depois juntamente com a Guarda de Moçambique, todos cantam, dançam, choram, festejando a liberdade, gritando : “Viva a liberdade” .E cantam:

**“No dia 13 de maio
Fazendero todo chorô
Chorô, Choro
Condenado de nego acabô” (Foto 18)**

⁴ O pesquisador e amigo da Comunidade é Erisvaldo Pereira dos Santos.

⁵ A sinhá é representada pela pesquisadora Glaucia Lucas;a representação da escrava e do escravo foi feita pela pesquisadora e bailarina Júnia Bertolino juntamente com seu marido Jorge África, que é músico.

13. Representação de mucamas

14. Representação dos escravizados

15. Rei Congo

16. A Realeza no espaço público

17. Júnia e Jorge cantam clamando a liberdade

18. Tiago, jovem dançante, cantando

E agradecem à Princesa Isabel:

**“Olha viva a Princesa Isabel
Olha viva a Princesa Isabel
Se num fosse ela
Nossa vida era um fel”
(Cântico do Moçambique)**

Seguindo em direção à igreja, saem os escravizados, as mucamas, depois a Guarda de Congo e as outras Guardas visitantes, vindo por último o Moçambique dos Arturos trazendo toda realeza. Vão cantando e dançando, entoando a lembrança do cativoiro:

**“Papai num gosta
De casca de coco no terreiro**

**É devera, Sá Rainha
Eu alembrei do cativoiro”
(Cântico do Moçambique)**

“Essa música mexe com a gente. Que assim como a gente canta ela, realmente a gente sente na pele o que os nossos antepassados passaram. E aí nos dá assim aquela, uma certa angústia, uma certa tristeza muito profunda, né, pelos acontecimentos da época da escravidão.” (Jorge Antônio dos Santos, Kinha, capitão do Moçambique).

Na frente da Igreja há um momento de silêncio, as portas ainda se encontram fechadas, até que se ouve o lamento negro puxado por um capitão do Moçambique:

**“No dia 13 de maio
A assembléia trabaio
Nego véio era cativo
A princesa libertô
Nego véio era cativo
Hoje já virou doutor, oh!**

**Oh! No tempo do cativoiro
Era branco que mandava
Quando branco ia à missa
Nego que levava**

**Quando branco ia à missa
Era nego que levava
Sinhô branco entrava pra dentro
Nego cá fora ficava**

**Sinhô branco entrava pra dentro
Nego cá fora ficava
Nego não podia falar nada
Que de chibata ainda apanhava oiê....**

19. Cortejo em frente à Igreja, esperando as portas se abrirem

**Nego só ia rezá
Quando em Senzala chegava
Ele fazia suas oração e entregava
A Nosso senhor
Ele fazia suas oração e entregava
A nosso senhor e a todos antepassados**

**Ai que dô
Jesus Cristo tá no céu
Acolhendo toda as alma
Daqueles nego sofredô⁶**

Do lado do capitão que faz o lamento permanece um jovem, que ouve atentamente para continuar os fundamentos sagrados. É assim que os ensinamentos se passam, de geração para geração, na preocupação da continuidade do ritual.

Depois outro capitão puxa um canto, pedindo para que eles possam entrar na igreja:

**“ Ô seu Padre abre a porta
Hoje nego qué entrá
Qué ouvi a santa missa
Que o Padre Eterno vai celebrá”**

As portas se abrem, adentram no espaço, primeiramente os reis e rainhas, depois os escravos e mucamas, as guardas e o povo.

Há a celebração da missa conga, que é uma missa cantada e acompanhada pelos toques dos tambores e por alguns cânticos do Congado. A Guarda de Congo fica à direita do altar e a do Moçambique do lado esquerdo. A realeza senta-se nos primeiros bancos da igreja. Os cânticos se alternam, entre o Congo e o Moçambique (Foto 20).

⁶ Transcrito nos Arturos numa entrevista feita com Joel Catarino da Silva, capitão do Moçambique, em novembro de 2001.

O público é variado, tanto gente da Comunidade como outras pessoas de

20. Celebração da Missa Conga

fora, que estavam na igreja para assistir à missa, como de costume.

Depois retornam para a Comunidade em procissão, indo na frente os escravizados e as mucamas, depois a Guarda de Congo dos Arturos, as outras Guardas visitantes, e por último a guarda de Moçambique dos Arturos , juntamente com a realeza. O público que acompanha é variado também. Há fotógrafos de jornais, há pesquisadores, simpatizantes, devotos, amigos da Comunidade. (Fotos 21 e 22)

Chegando à Comunidade, as guardas visitantes entram na capela dos Arturos, cantam, dançam, louvam a santa e depois se dirigem para a casa paterna, onde irão almoçar, uma de cada vez. Este ano, para adiantar o processo, pois eram 19 Guardas visitantes, dividiram-se as Guardas, para comerem na casa paterna e na casa de um capitão do Congo.(Foto 23)

Neste ciclo, a festa vai circulando, cada Guarda que acaba de almoçar faz o agradecimento ao alimento, cantando e dançando, e depois vão embora. A última Guarda a almoçar é a dos Arturos, juntamente com a realeza, por volta das 17horas.

21. Guarda visitante de Lafayette retornando para a comunidade

22. Cortejo de mucamas retornando para a comunidade

23. Hora do almoço

Após o almoço dos Arturos há o agradecimento ao alimento, para a santa, para as cozinheiras, lembrando-se de São Benedito⁷ também. É um momento bonito e de muita emoção, em que o Rei Congo, Seu Geraldo, canta (Foto 24):

24. A realeza faz seu agradecimento

**“ Lá do céu desceu um anjo
Todo cheio de nobreza
É ma’ São Sebastião, meu Deus
Que vem agradecer a mesa”**

Depois todos vão à capela para buscar os andores de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Saindo da Comunidade, levando os andores para a igreja do Rosário. Lá deixam os andores, e as Guardas de Congo e Moçambique se dividem, cada uma acompanha as pessoas que vêm cumprir promessa. Quando

⁷ Contam os devotos desse santo que ele era um escravo cozinheiro. Castigado pelo seu senhor foi obrigado a cozinhar para muitas pessoas sem ter comida nenhuma na cozinha, pois o senhor tinha tirado tudo, para provocar e maltratar Benedito. No entanto, quando chegaram as visitas e foram comer, Benedito colocou as panelas vazias, mas quando foram abertas, estavam cheias de uma cheirosa comida, que abriu o apetite de todos. Daí em diante, ele se tornou santo, subindo aos céus. (ver mais sobre Tomaz, L. Da Senzala À Capela, Brasília, UnB).

começa o ritual de cumprimento de promessa, o penitente recebe a veste real e a coroa na cabeça. Segue cumprindo sua promessa com uma das Guardas, seja de joelhos ou em pé, dando voltas na igreja. Findada a promessa, o penitente se dirige ao altar, onde os reis o abençoam, recolhendo a coroa e o manto.

Depois das promessas, a Guarda do Congo vai descer o mastro na Casa de Cultura, e o Moçambique desce os mastros em frente à igreja do Rosário, seguindo todos para a Comunidade. Chegando na Comunidade, Congo e Moçambique se dividem, para descer os mastros, que foram erguidos no dia anterior, cantando assim:

**“ Eu vô descê banderê
Eu vô descê banderá”**

Repetidas vezes, cantam esta música, formando a mesma dança circular do levantamento dos mastros. Estas danças circulares representam a totalidade completa, quer no tempo, quer no espaço. Dançar em círculo permite que todos os participantes se reconheçam igualmente na mesma configuração. “O movimento cadenciado, o ritmo e a participação de cada um na harmonia grupal fazem com que o círculo seja vivenciado como símbolo vivo e pulsante” (Costa,1998:23).

Depois seguem para a capela encerrando a festa. O pessoal do Moçambique bate as gungas fortemente no chão, como se estivessem despedindo-se, com uma força que parece que brota do chão. Os capitães cumprimentam a coroa e se cumprimentam, finalizando a festa. Depois todos descem e vão tomar café e comer biscoitos na casa paterna. Nos olhos, nos rostos de todos, há uma expressão de dever cumprido, alegria, felicidade, e em meio ao cansaço a satisfação se revela por mais uma festa realizada.

3.3 Festa de Nossa Senhora do Rosário

**“ Oh! Senhora do Rosário
Oi, alembra de nós alembra
Alembra alembra alembra
Pela amor de Deus
Oi alembra de nós alembra”
(Cântico do Moçambique dos Arturos)⁸**

A festa de Nossa Senhora do Rosário é uma festa em que os Arturos comemoram o aniversário de Nossa Senhora do Rosário, que é no dia 7 de outubro. Para alguns é uma festa melhor, pois dura três dias, podendo ser mais curtida e aproveitada. Como fala um capitão do Moçambique:

“A festa de outubro é de muita alegria, motivação de Nossa Senhora ter aparecido, é uma espécie de agradecimento por tudo que ela faz pra gente.” (Antônio Eustáquio da Silva)

O mastro de aviso da festa é levantado 15 dias antes, na Casa de Cultura da cidade de Contagem. Desse dia em diante o sagrado toma conta dos filhos do Rosário, instaurando-se um outro tempo e ritmo na Comunidade. A novena começa, e só termina na véspera da festa, sendo cada dia o terço rezado na casa de uma família.

Os preparativos para a festa se iniciam como na festa da Libertação, uma semana antes, mas no entanto são mais intensos, pois esta festa dura três dias, sendo necessário, portanto, fazer mais biscoitos, broas, roscas, comida, enfim, dobra-se a quantidade das coisas e o número de pessoas para ajudar também aumenta. (Foto 25)

⁸ Este cântico foi cantado numa entrevista feita com 3 jovens, Fabiano, Tiago e Everton, em que eles escolheram este como um canto que eles gostam muito e que louva Nossa Senhora do Rosário, em novembro de 2001.

25. Preparativos para a festa

Congo, o Candombe é:

**“ Candombe é o pai dos congadeiros.
A importância do Candombe no Congado
é você fazer a coisa de raiz.
Você não vai ao filho sem passar pelo pai.”
(José Bengala, capitão do Congo)**

Antigamente, no Candombe só participavam os mais velhos, as crianças não podiam nem assistir. No entanto, agora, as crianças quando são chamadas podem participar, como foi o caso de alguns jovens que cantaram e dançaram.

Seguem-se os preparativos para a festa e, no sábado da festa, no final da tarde, a imagem de Nossa Senhora do Rosário passa pela Comunidade num andor, sendo levada por uma caminhonete, com uma carreata atrás. É um momento de muita emoção, todos param o que estão fazendo, para ver a Santa passar, e cantam a música de Nossa Senhora do Rosário (Foto 26):

**“ Virgem do Rosário
Coisa mais mimosa
Entre as outras flores
Coisa mais formosa**

Entre as outras flores

26. A imagem de Nossa Senhora do Rosário passando pela comunidade

Coisa mais formosa”

Em frente à capela fizeram um cálice de areia no chão e uma coroa de flores para a Santa passar. As crianças vão atrás do carro, correndo com bandeirinhas de papel, acenando para a Mãe do Rosário.

Naquele instante em que a imagem da santa passa, parece que tudo se congela, é possível perceber a fé, a devoção nos olhos de cada pessoa ali presente.

À noite há o levantamento dos mastros, cada mastro é encimado por um estandarte, que representa a figura dos santos de devoção.

O mastro é elemento simbólico de grande importância nas comemorações coletivas, passando a caracterizar o centro energético da festa, unindo terra e céu, vivos e mortos, corpo e alma; o indivíduo se liga aos antepassados.

Dois mastros foram erguidos em frente à igreja de Nossa Senhora do Rosário, fora da Comunidade, representando o Congo e o Moçambique. Outros foram colocados dentro da Comunidade, em frente à capela, depois em frente à casa de

um capitão que morreu, e outros dois em frente à casa do capitão regente do Congado, que organiza o circuito da festa e também protege espiritualmente a festa, como ele mesmo disse:

“Eu preciso protegê o Congado , porque tem muita gente que num sabe rezá, e muito capitão que num sabe da responsabilidade que tem, por isso tenho que limpá, rezá, para abrir os caminho, pois num é fácil controlar um Congado, num deixar energias negativas e coisas ruins atrapalharem...” (Antônio Maria da Silva, filho de Arthur, Capitão Regente do Congado)

Acaba o levantamento dos mastros, todos se reúnem na casa paterna para tomar um café com biscoitos, e depois todos vão dormir, pois logo mais a festa começa.

Na madrugada, já se ouvem os tambores, como um chamado para se fazer a primeira oração do dia. Poucos acompanham a matina, muitos vão descalços, e os cânticos relembram um lamento africano, falando da senzala, do cativeiro, do tempo da escravidão. A matina revela muito da “raiz”, da ligação direta com os ancestrais, com os escravos, com a África, para ganhar força, para lutar no dia a dia. Na igreja, uma senhora da Comunidade faz um pedido depois que foram feitas as orações:

“Nossa Senhora do Rosário faça com que os jovens e as crianças mantenham o Rosário, rezando e cultivando para manter a tradição” (Maria Aparecida da Silva)

Depois da volta da matina , é servido um café com biscoitos e todos já começam a se arrumar para o início da festa.

3.3.1 Os tambores estão chamando

Por volta das 9 horas da manhã, iniciam-se as batidas dos tambores e o Congo e o Moçambique, juntamente com toda a realeza, saem da capela e vão para a igreja do Rosário, em procissão e cortejo, dançando e cantando. O trajeto na Comunidade segue o da festa da Libertação, o Congo sai primeiro da capela, dá volta no Cruzeiro em frente, depois segue para a casa paterna, saudando a rainha, que dessa vez é Maria do Rosário, Induca, a rainha da festa de outubro. Depois descem para a casa do capitão regente Antônio Maria da Silva, para saudar os outros reis, subindo novamente rumo à igreja do Rosário. O Moçambique segue o mesmo trajeto, voltando na igreja para puxar toda a coroa, seguindo para a igreja do Rosário, que é mais próxima da Comunidade (Foto 27).

27. Guarda de Moçambique chegando na Igreja do Rosário

Chegando na igreja, o Congo e o Moçambique dão a volta, cumprimentam as outras Guardas, trocando as bandeiras. (Foto 28)

Depois o Moçambique canta para o padre abrir a porta da igreja, como já foi mostrado anteriormente na festa da Libertação. É como se fosse uma maneira de sempre lembrar o pedido de abrir a porta e que por muito tempo o negro não podia entrar na igreja.

28. Troca de bandeiras

Abrem-se as portas , a realza entra primeiro, sentando-se nos primeiros bancos,depois entram as Guardas de Congo ficando à direita, e Moçambique ficando à esquerda e depois entram as outras Guardas visitantes e o povo. Assistem à missa Conga e depois seguem para a Comunidade. O Congo na frente, depois as outras Guardas e o Moçambique atrás, trazendo a coroa (Foto 29).

29. Guarda do Congo voltando para a comunidade

Chegando na Comunidade, seguem-se os mesmos processos da festa da Libertação: as Guardas chegam na capela, cantam , dançam, descem pela Comunidade, saudando os mastros erguidos, depois almoçam , agradecem o alimento recebido, cantando geralmente:

**“ Deus que lhe pague
Deus que lhe ajude
Deus que lhe dê
Vida e saúde”
(Cântico de agradecimento do Congado)**

Os Arturos como anfitriões comem por último, fazendo o agradecimento em seguida. Os capitães e toda a realeza colocam os bastões apoiados na mesa neste momento (Foto 30).

30. Agradecimento da mesa

Depois saem todos em direção à igreja do Rosário novamente, levando os andores de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. Chegando lá entram na Igreja colocam os andores e assistem a uma missa normal.(Foto 31)

Depois voltam para a Comunidade cantando e dançando, encerrando na capela à noite, para a festa que continua no dia seguinte.

No dia seguinte, manhã de segunda-feira, há mais uma missa que é rezada dentro da capela da Comunidade. Neste dia também, os Arturos recebem as visitas de políticos, como por exemplo o prefeito da cidade, que veio na comunidade neste último dia da festa , para almoçar com sua equipe e fazer uma visita.

31. Cortejo levando os andores para a Igreja do Rosário

No entanto, o que importa mesmo é que neste dia a família está toda reunida, não há Guardas de fora, as coisas estão mais calmas, como disse um capitão do Congo:

“Eu gosto mais de segunda-feira, porque é mais raiz...” (Carlos Antônio da Luz, Dunga)

Num certo momento aparece o Moçambique Mirim, organizado pelas crianças, fazendo todo percurso interno da Comunidade, demonstrando a continuidade dos ensinamentos e da tradição. Os mais velhos observam e ficam felizes por saber que, com todas as mudanças e transformações, há algo que fica muito forte, marcando a continuidade. (Foto 32).

Depois do almoço que se realiza na casa paterna coletivamente, o Congado se prepara no final da tarde para descer os mastros. Antes disso, há o pagamento de promessas na própria Comunidade, indo o penitente com uma das Guardas cumprir a sua dívida com a Santa. As pessoas que vão cumprir promessa vestem o manto dos reis e rainhas, e na cabeça recebem a coroa, dando geralmente três voltas em volta da capela, passando pelo Cruzeiro que fica em frente à capela da Comunidade (Foto 33).

Cumprida esta missão, o Congo e o Moçambique saem em direção à igreja

32. Guarda do
Moçambique
Mirim

de Nossa Senhora do Rosário, fora da Comunidade. Lá descem os mastros, retirando as bandeiras, retornando para a Comunidade em seguida. Depois descem os mastros internos da Comunidade, seguindo para a coroação dos novos reis

33. Guarda do
Moçambique
chegando na
Igreja

festeiros.

A coroação dos reis e rainhas festeiros geralmente acontece uma vez por ano, na festa de outubro, pois é uma festa maior. Os festeiros são amigos da Comunidade, conhecidos que participam dos acontecimentos cotidianos da

Comunidade, fazem parte da Irmandade do Rosário também. Os festeiros arcam com as despesas materiais, garantindo a comida e outros gastos, propiciando a continuidade da festa, pois estas festas são muito dispendiosas, e sem uma ajuda externa, não seria possível realizá-las. Os reis festeiros permanecem ao lado do chefe supremo, rei Congo e a rainha Conga, autoridade feminina maior, sob a proteção do Moçambique.

A corte do Rosário, segundo Gomes e Pereira, representa os dois catolicismos, socialmente condicionados: o catolicismo do senhor branco e a religião do negro escravo (Gomes & Pereira, 2000:248).

Na hora da coroação, a realeza negra vai se colocando em frente ao altar, onde chegam os atuais reis festeiros e o casal que vai receber a coroa, ou seja, os novos reis festeiros.

Dentro da estrutura ritual das cerimônias de Reinado, a rainha e o rei Congos representam as nações negras africanas, hierarquicamente presidindo, na ordem do sagrado, os ritos e as celebrações ali dramatizadas (Martins, 1997:32).

Toda esta forma de organização dos Reinados negros, segundo Leda Martins, “podem ser lidos como um micro-sistema que opera no interior do macro-sistema, dramatizando um modo de reelaboração secular e religioso diverso, inscrito no cotidiano das Comunidades, expressão de uma cosmovisão e vivência do sagrado singulares”(Martins, 1997:47). Dentro deste contexto, em que acontece toda esta representação simbólica, é que se revelam, a partir da narrativa fundadora, as nuances do catolicismo com os repertórios das *supervivências* africanas, sendo reencenados através da tradição oral.

O Rei Congo, Geraldo Arthur, escolhe um capitão para conduzir a cerimônia da coroação. Inicia-se o canto para chamar o rei e a rainha que serão coroados, depois se canta para os atuais reis festeiros entregarem a coroa. Neste momento, todos os bastões dos capitães e rainhas e reis, assim como as espadas dos Guardas das coroas, estão empostados em direção aos dois casais. Depois se canta para

os novos rei e rainha receberem a coroa, e depois confirmam através do canto a coroação. Todos estes cantos são feitos pelo Moçambique, apenas o canto da confirmação é que é cantado pelas duas Guardas, o Congo e o Moçambique.

Assim a festa se encerra na capela por volta das 11 horas da noite, e como de costume todos descem para tomar um café com biscoitos, sendo este o momento de conversa, mais descontraído, em que todos comentam sobre a festa, os “acontecidos”, as paqueras, enfim, um momento de confraternização.

No dia seguinte, a vida volta ao seu ritmo costumeiro, a maioria sai para trabalhar às 6 horas da manhã ou até antes. Os anciões, algumas mulheres e as crianças pequenas ficam na Comunidade. No entanto, a satisfação está dentro de cada um, de mais uma festa realizada, mais um desejo cumprido, a continuidade do “Rosário de papai”, como muitos deles falam. O significado da festa aparece como um alimento para a continuidade da vida, dando-lhes um sentido e uma identidade do que é pertencer a um grupo, do que é ser Arturo.

As duas festas de Congado da Comunidade dos Arturos podem ser compreendidas através de uma busca de reviver e relembrar o passado, para que não seja esquecido. Como diria Olgária Mattos: “Lembrar é não esquecer” (Valente & Gusmão, 1991:31). Neste reviver, refazer, com as imagens e idéias de hoje, as experiências do passado, há uma tentativa de reconstruir a própria história, marcando uma identidade para o futuro.

Tanto na festa da Libertação, como do Rosário, há uma construção da memória africana, da época da escravidão, sendo refeita com os olhares e sentimentos dos Arturos de hoje, ressignificando cada momento ritual. Pela memória, segundo Ecléa Bosi, “o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações” (Bosi, 1979:9).

O passado retorna vivo, palpável, visível através das danças, dos cânticos sagrados, das falas dos ancestrais que ali estão sempre presentes no ritual do Congado. Dessa maneira, o ritual, além de propiciar a ressignificação do presente, do cativo, do que já se passou e do que continua a existir, na vida cotidiana dos Arturos e dos negros brasileiros, propicia uma inversão da ordem socialmente estabelecida, de brancos em oposição aos negros, do cotidiano pobre, racista, da falta de liberdade, enfim, de algumas oposições enfrentadas na nossa sociedade.

Nesse sentido, no momento em que os Arturos estão realizando o Congado, cantando e dançando, manifestando suas crenças e formas de resistir, eles também estão num movimento de catarse social, “curando-se” das opressões cotidianas. As festas possuem, por assim dizer, uma eficácia simbólica, noção inaugurada por Mauss e Durkheim, desenvolvida mais tarde por Lévi-Strauss, que reflete em seus trabalhos na carga simbólica dos atos e na cura pelo inconsciente através dos símbolos, reorganizado através do mito e dos ritos.¹⁰ O ato de festejar, louvar, realizar a festa, reatualizar o ritual a cada ano, aparece como uma história que é contada pelos Arturos, sendo por eles vivida, tecida, interpretada, com base nos mitos e na memória, fortalecendo e nutrindo o grupo.

Este dizer e manifestar da Comunidade vem através do corpo, da alma, dos gestos, da cultura, numa dimensão expressiva do ato, criando significados. De acordo com Geertz, através da interpretação dos “dramas”, é possível entender estes significados, que se encontram, neste caso, na experiência e nas histórias dos Arturos, de como eles representam a si mesmos na festa e em todo o ritual (Geertz, 1989:278-321). A festa, portanto, aparece como uma maneira dos Arturos reconstruírem sua história, tanto para as pessoas de fora, público, mas sobretudo para si mesmos.

⁹ ver mais sobre este assunto em Strauss, L, *Antropologia Estrutural*, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1991. Artigo “A eficácia simbólica”: 215-236.

3.3.2. Memória, gestos e dança

34.
Movimentos do
Moçambique

**“Povo de Angola
Negô véio moçambiqueiro
Vamos saudar
Os dançadores deste terreiro”
(Cântico Moçambique)**

A dança realizada pelos Arturos vem carregada de gestos, significados,

símbolos, sentimentos que se “inscrevem” no corpo. É nos ritos sagrados, de devoção a Nossa Senhora do Rosário, que estes movimentos se exteriorizam reatualizando o passado.

As imagens do sagrado estão nas vestes festivas do Congo e do Moçambique, nos instrumentos que conduzem o movimento do corpo, nas procissões que deslocam os devotos para os lugares santos.

Nos Arturos, o corpo que dança complementa a vivência dos mistérios enunciados nos cânticos. Os movimentos se fazem em função de uma celebração que o homem manifesta diante do divino.

Os Arturos são aquilo que cantam e dançam, portanto a alma e o corpo são os pontos sensíveis da Comunidade. O canto espera a sua ressonância no corpo que o recebe dentro do ritual de Congado. Os diferentes corpos são nomeados pela força dos movimentos que expressam, mas somente juntos podem formar a unidade que tornam coesas as guardas de Congo e Moçambique. O Congo seguindo na frente abre caminho para que o Moçambique preencha, com o suor dos corpos e a sonoridade das gungas, o espaço que vai se abrindo, numa espécie de outro corpo a ser ocupado pelo movimento dos dançantes (Gomes & Pereira, 2000:405).

A dança sagrada dos Arturos começa a existir no momento em que o corpo se investe do símbolo, sendo tomado por ele: o corpo recebe e assume a força deste símbolo (Gomes & Pereira, 2000:412).

Tudo se transforma em símbolo sagrado: a veste festiva, o bastão, o Rosário carregado no peito, as gungas, tambores, espadas, cordões, bandeiras, enfim, todos estes elementos possuem um significado especial, sendo investidos de força e energia, assegurando o cumprimento dos ritos.

No Moçambique o bastão é o símbolo maior de comando dos principais capitães, e no Congo o tamboril e/ou a espada cumprem a mesma função (Martins, 1997:47). Os bastões de mando comuns na África Centro-Occidental eram *minkisi*

que incorporavam qualidades da entidade divina representada, e com a qual eram meios de contato. Esses bastões estão presentes nas festividades de Congado, manifestando-se como “resíduos” remanescentes das culturas africanas (Souza,2002:221).

Os capitães de Moçambique e o rei Congo se investem do poder do bastão, revelando-o como signo de sabedoria e proteção, marcando uma hierarquia simbólica. Antes da saída do Congado, o capitão regente, ou o rei Congo, passa o bastão em volta da cabeça dos capitães e dos dançantes, num gesto de pedido de benção e proteção para os santos lá de cima, e também para os antepassados. Outro gesto marcante é a passagem do bastão em volta do mastro e do Cruzeiro,

35. Capitão do Congo saudando o mastro

num mesmo pedido de benção e proteção, como diria um capitão do Moçambique: (Foto 35)

“

A

li tá pedindo a benção, para o santo e para os antepassados, dá proteção para eles lá, eles que foram os donos do bastão, os bastões que eles passam pra nós, e os antepassados que já brincô aqui, tipo pedindo a benção e proteção para nossa festa.” (Joel C. da Silva, capitão do Moçambique)

Há todo um ritual de consagração dos bastões, quando são firmados os ensinamentos que serão transmitidos pelo rei Congo e capitão-mor, coroando os capitães que forem escolhidos, pois não são todos que estão preparados para levar o bastão e carregar esta responsabilidade. Este ritual não tem data certa para acontecer. Dizem que há um intervalo mais ou menos de sete anos, mas é o rei e capitão-mor que decide o momento certo de coroação. A importância do bastão pode ser confirmada por dois capitães coroados:

“O bastão cê tem que, pegou ele cê tem que ter amor àquilo ali e não brincar com ele, porque não é coisa de brincadeira, você vai tirar música, você necessita dele e outra, ele faz uma firmeza, né, se as criança que tá ao seu lado ao redor de você tudo você, aquele bastão serve pra tudo isso aí. Você sarvá outro Capitão que tá de guarda, éh, o bastão tem um significado muito bom, muito importante.” (Zequinha, capitão do Moçambique)

“O bastão aqui, o bastão é sagrado, é aquilo, por exemplo, é meu e eu tenho de cuidar dele, porque ali é a mesma coisa dum, é uma imagem que ta na mão da gente, e aquela fé, pra mim é igual, meu avô, meu avô passou pro meu pai, e meu pai passou pra mim, então eu cuidei dele com o maior carinho, eu tô com ele na mão é a mesma coisa que eu tá com o pensamento no meu pai ali, e ele tá ali comigo, a mesma coisa, a gente alembra dele na hora, isso aqui era do meu pai, a gente tem o maior carinho por aquilo.” (Bil, primeiro capitão do Moçambique, leva o bastão do pai Arthur Camilo) (Foto 36)

Outro símbolo importante no Congado é a bandeira, tendo como função mostrar o percurso para as Guardas, o trajeto sagrado a ser seguido e os espaços cotidianos a serem pisados. A bandeira parte do plexo para o altar e percorre todo

36. Seu Bil com o
bastão do pai
Arthur Camilo

o espaço de maneira circular, tocando todas as cabeças e sendo beijada por todos os dançantes, assim como os devotos, que às vezes, num rompante, entram na sua frente para beijá-la. Na vivência do ritual o corpo passa a ser a bandeira e a representar o altar também, guiando os filhos do Rosário.

Os tambores também exercem a função sagrada, possibilitando a realização do ritual, fazendo a ligação com o divino e com os ancestrais, sendo repercutidos no corpo e na alma. “Os velhos e pesados tambores de tronco escavado são venerados como as insígnias mais fundamentais da ancestralidade africana, uma espécie de lastro sagrado a ancorar a comunidade ao terreiro de seus avós” (Dias,2001:870). Portanto, através dos seus toques e som, há a possibilidade do religamento com os ancestrais, com os familiares, assim como com as raízes africanas. Nos Arturos, os três tambores utilizados no Candombe se ligam ao mito fundador de Nossa Senhora do Rosário, sendo eles que retiraram a Santa do mar , como já foi mencionado no início deste trabalho. Os tambores na Comunidade dos Arturos, possuem um quarto especial, do lado da capela, onde apenas algumas

pessoas podem entrar, cuidar e mexer neles.

Nesse sentido, é possível perceber como o poder se apresenta de diversas formas, seja nos elementos e objetos rituais, nos significados e símbolos atribuídos a eles, como também no corpo. Na Guarda de Congo, quando se vai puxar um cântico, é preciso pegar no bastão do capitão condutor, para levar a Guarda, estando imbuído daquele poder.

Quando os capitães, os dançantes, que são chamados vassalos, os reis e rainhas se cobrem com suas vestes festivas, transformam-se em filhos do Rosário, fazendo parte de um todo coletivo. Como diria um capitão do Congo:

“A partir do momento que eu me fardo, eu já não sou mais José Bonifácio, eu já sou, me sinto uma pessoa diferente. Você sente, as vezes você pega no bastão para cantar uma música e canta outra que você nem estava pensando nela, aí é que está a diferença.”(José Bonifácio, Zé Bengala)

Esta é uma demonstração de quantos mistérios há no Rosário de Maria, e de que eles ganham forças e são simbolicamente expressados nos elementos rituais. Além de revelar também como o poder vem inscrito no corpo e “veste” ou fixa quem o detém (Balandier, 1980:17).

As vestes da Guarda de Congo são calças e camisas brancas, com um saiote rosa. Na cabeça levam um capacete cor de rosa com flores e tiras de fitas coloridas penduradas, geralmente amarelas, verdes, rosas. Estas cores, segundo os Arturos, simbolizam as flores oferecidas a Nossa Senhora no momento da aparição dela no mar. (Foto 37)

O Moçambique veste calças e camisas brancas também, e saiote azul, mas pode usar saiote branco também, além da camisa azul neste novo uniforme. Na cabeça usa um lenço branco amarrado e nos pés carrega as gungas. As cores simbolizam o manto de Nossa Senhora do Rosário, que era azul. (Foto 38)

37. Guarda do Congo dançando

38. Guarda do Moçambique dançando

Além das cores , o saiote tem outra finalidade também, que é dar vida ao movimento. No caso do Congo, o saiote é mais rodado, fazendo com que os passos e deslocamentos laterais se destaquem na direção do movimento. Já o Moçambique, possui um saiote mais retilíneo que tem como objetivo marcar uma dança que quer penetrar o solo. As gungas usadas nos tornozelos representam a lembrança da escravidão. São latinhas com esferas de sementes, ou chumbo, que são amarradas nos tornozelos, cerca de 4 latinhas em cada tornozelo. Elas dão um

39. Gungas

peso que faz com que o corpo seja puxado para dentro da terra, e com as batidas dos pés elas marcam o canto e reverberam no corpo um pulso de pilão, marcando a ligação com o céu e a terra (Foto 39).

“Gunga é um instrumento de martírio para o negro, usado na senzala pelo capitão do mato nos negros fujões.” (João Batista, capitão do Moçambique)

O Congo é composto por um mestre que comanda a Guarda, depois vem o primeiro capitão, a segunda capitã, que leva o tamborim, o segundo capitão regente e o capitão mirim da Guarda. Há geralmente três caixeiros, podendo às vezes chegar

até cinco caixas. Os dançantes são chamados de vassalos, e há também a

40. Bandeireira

bandeireira, que leva a bandeira com a imagem de Nossa Senhora na frente da Guarda, guiando os cortejo. O tamboril e espadas levadas por alguns capitães são os símbolos maiores de comando (Foto 40).

O tamborim no Congo exerce função semelhante à do bastão. Nele há o pulso do Congo, batendo ao ritmo do capitão que o transporta, tornando presente a força dos antepassados em meio a estes corpos dançantes. “O ritmo iniciado pelo tamboril identifica-o como instrumento que torna maleáveis as laterais dos corpos, possibilitando liberdade suficiente para a concepção interna e a execução externa da ginga” (Gomes & Pereira, 2000:417).

A espada também é um símbolo de poder participando da circulação do

Cruzeiro e do hasteamento do mastro. Quem a carrega articula movimentos de subida e descida, como se fosse um prolongamento do braço, tendo a missão de guardar a bandeira e abrir os caminhos, sendo também um símbolo guardião e unificador das redes que compõem o Congado (Gomes & Pereira, 2000:418).

O movimento do Congo é em espiral, há um balanço do quadril para as laterais, fazendo um cruzamento com os pés. É um movimento saltitante, alegre, que eleva o corpo para cima, sendo também bem ligeiro em certos momentos. O Congo possui alguns passos de 'base', que são tradicionais, e muitas variações de movimento, que vão sendo inventadas ou até mesmo recriadas a partir da base. Cada passo vem de acordo com o tipo de canto, ou seja, quando é um canto mais lento, o movimento é mais lento, com passos tipo "marchando", ou andando para frente e para trás, assim como cruzando também, mais lento, conforme a batida das caixas. Quando o canto é mais rápido, as batidas das caixas soam mais depressa, o movimento é acelerado, saindo do chão, fazendo cruzamentos, balanços bem marcados com os quadris. Estes movimentos dos quadris e de energia dinâmica, presentes no Congo, são os dois elementos que fazem com que o corpo dançante catalise e reverbere a força energético-cósmica (Tavares, 2000:478).

A dança do Congo, como falam os dançantes, é uma dança de "varreção", para limpar os caminhos.

"O Congo é uma dança mais leve, uma dança mais florida, com ritual de varreção, vai fazendo uma limpeza no caminho, por isso ele leva flor, e é uma dança mais movimentada.

Essa dança, esse movimento veio num tipo de limpeza de caminho para que Nossa Senhora pudesse passar"(Zé Bengala, capitão do Congo)

O Congo em sua coreografia delineia os caminhos a serem seguidos pelo Reinado e Moçambique. Em certos momentos do cortejo, as duas filas do

Congo se abrem, separando-se, para voltarem a unir-se, fazendo a meia-lua. A bandeira volta-se para a Guarda, protegendo-a. Os caixeiros e o capitão descem e sobem pelo meio das duas filas, que movimentam-se em sentidos contrários. Tudo parece embaralhar-se, para depois voltar à velha ordem, com renovada união. O Congo avança inteiro para que atrás venha o Moçambique trazendo a coroa (Monteiro,2002:198). De acordo com José Bengala:

“A meia-lua é feita nas entradas, encruzilhadas, é um cruzamento para liberação de passagem. Em cruzamento, se não faz a meia-lua, gira para indicar o caminho do trono. É também a saudação do Congo para o Moçambique, o Congo puxa o Moçambique e o Moçambique puxa o trono” (Zé bengala, capitão do Congo)

Além dessas variações, há a dança da Manguara, que é o Congo de paus, e a dança “Gira de Mané Calunga”, que eles dançam geralmente quando estão na Comunidade, em seu próprio terreiro.

A dança “Gira de Mané Calunga” pode ser dividida em quatro fases, iniciando-se pelos dançantes que ficam em duas fileiras, uma em frente a outra, dançando os movimentos básicos do Congo e cantando, tendo dois capitães, que ficam em cada extremidade, no meio das alas; depois cada capitão de uma ala e de outra trocam de lugar simultaneamente, pulando e gingando, repetidas vezes, formando um contorno oval no chão. Num terceiro momento, o capitão vai para o primeiro lugar da fila de sua ala, e inicia um movimento de trança: saindo pelo lado de fora, cada capitão contorna o primeiro membro da fila, passando pela sua frente e dando-lhe a mão por trás. Forma-se assim uma corrente; cada dançante que é contornado passa a fazer parte do cordão, até que todos, de mãos dadas, refazem o movimento ondular, encaminhando-se para o começo da fila. Correndo e pulando, repetem algumas vezes o mesmo trajeto, até que retornam para a posição inicial, com os capitães na ponta das filas (Gomes & Pereira, 2000:438-439). Terminando estas

seqüências, os dançantes ficam de frente novamente e, quando a música determina, **“passa, passa marinheiro...”**, eles trocam de fileira, com quem está à sua frente, num rápido movimento. É uma dança que parece uma brincadeira, todos sorriem e cantam alegremente, com uma leveza no corpo, levantando a “poeira do terreiro”. O cântico é assim:

**“Seo Mané Calunga
Calunga dendê (2vezes)
Passa ,passa marinheiro pro outro lado, Calunga
Que eu quero vê”**

A dança da Manguara ou de Congo de Paus, como chamam os Arturos, também é composta por várias etapas : primeiramente formam-se duas fileiras de dançantes de Congo, com um capitão no meio das duas alas dando o comando. As caixas ficam na ponta das alas, num lugar fixo, executando batidas “ritmadas lineares”. Primeiramente, formando-se as duas fileiras, os dançantes andam com o bastão na mão em posição vertical, junto ao corpo, retornando ao chegar na ponta, sempre marcando um “pulso” com o corpo, com o passo básico do Congo. Depois uma fileira fica em frente da outra, com os bastões na posição horizontal, cruzando-os. Seguindo neste movimento, formam um círculo, com as duplas uma de frente para outra, e vão rodando, trocando os pares, batendo os bastões verticalmente cruzados, em cima e em baixo, alternadamente, cada qual com um dançante. Depois as duas fileiras ficam novamente de frente uma para outra e colocam os bastões na horizontal, cruzando-os e descendo com eles até o chão. A próxima etapa é marcada pela batida dos pés, em que as fileiras lado a lado seguem batendo um pé entre os bastões e o outro fora, seguindo até o final da fileira, quando retornam num movimento oval para fora, para o início da formação, indo dessa vez cada dançante sozinho, pisando no meio do espaço dos paus cruzados. Depois desse movimento, retornam para a formação anterior, em que vão os pares pisando um

pé dentro e o outro fora, sempre com o corpo cadenciando num pulso, e num leve balançar de quadril. Em seguida os dançantes ficam de frente para seu par e colocam os bastões em sentido horizontal, retos e não mais cruzados, iniciando o movimento de sobe e desce sem soltar os bastões, num movimento trançado, em que uma dupla passa por baixo e a outra passa por cima, formando um desenho trançado. Depois param novamente de frente com os bastões na horizontal e entrelaçam-se indo pra frente e a outra dupla para trás, num desenho de encaixe, mas que na verdade não se encaixa, forma-se o desenho e logo se desfaz alternadamente. Por fim, ao soar do apito do capitão que comanda a dança, o movimento se encerra, cada dançante pega seu bastão e dá uma volta em fila, como no início, parando de frente para seu par. Esta dança é feita no terreiro da casa paterna, sendo muito aplaudida pelas pessoas que ficam atentas assistindo. Esta é a única dança de Congado nos Arturos, que é ensaiada, alguns dias antes. No entanto, não acontece em todas as festas. Um capitão até disse que o rei Congo acha que é preciso fazer mais esta dança “para cuidar melhor do nosso terreiro”. Acho que esta dança diferencia-se um pouco das outras Guardas, marcando um espaço e uma particularidade dos Arturos, pois foi inventada por um capitão do Congo. Nesse sentido, há o desejo de se mostrar algo novo e criativo que paralisa os olhares de quem assiste, sendo muito elogiado e aplaudido. (Fotos 41, 42, 43 e 44)

O Moçambique é composto por três caixeiros, um tocador de pantagome, que é uma lata, tipo uma calota de carro com esferas de chumbo, em que o tocador balança de um lado para o outro, tirando um som tipo um chocalho. Há também a bandeireira, que leva a imagem de Nossa Senhora, guiando o cortejo. O bastão levado pelos capitães é o maior símbolo de comando, cumprindo a função também de proteger e de demonstrar autonomia e poder.

Os movimentos do Moçambique são mais verticais, marcando um pulso como

41, 42, 43. Dança do Congo de Paus
44. Dança "Gira de Mané Calunga"

se o corpo do moçambiqueiro fosse um pilão. A batida dos pés com os gungas marca o ritmo do corpo complementando o soar do pantagome.

“Esse som que o gunga transmite atua como um complemento do soar do pantagome e dos gungas, soar na voz, no sentido da resposta do canto.” (João Batista, capitão Moçambique)

A batida dos pés é marcada assim: bate-se primeiro um pé, seja ele direito

45. Crianças do Moçambique
ou esquerdo, a escolher, e depois se bate duas vezes o outro, e assim vai alternando. Os braços vão soltos, e há uma alternância dos ombros de acordo com o sapateado, pendendo o movimento para baixo. É uma dança que não apresenta muitas variações e nem mudanças de passos, como no Congo .

A dança do Moçambique é voltada para baixo, como se o corpo fosse penetrar na terra para ganhar forças, para depois subir. Há um sentido criativo e regenerador nesses movimentos, segundo Mikhail Bakhtin, que realizou um estudo sobre a cultura popular na Idade Média, refletindo sobre o “baixo corporal”. Para o autor, “a

orientação para baixo é própria de todas as formas de alegria popular e do realismo grotesco. Em baixo, do avesso, de trás para frente: tal é o movimento que marca todas essas formas. Elas se precipitam todas para baixo, viram-se e colocam-se sobre a cabeça, pondo o alto no lugar do baixo, o traseiro no da frente, tanto no plano de espaço real como no da metáfora” (Bakhtin,2002:325). Nesse contexto, dentro da movimentação corporal do Moçambique, este querer penetrar no solo, além de chamar os ancestrais, tem um sentido revitalizador, e de mudança de perspectiva da própria realidade, sendo manifestada através da dança.

Os cânticos variam, marcando a intensidade do movimento. Há os cânticos Serra Acima, que são cânticos mais rápidos, fazendo com que o movimento fique mais rápido, e os cânticos Serra Abaixo, que apresentam uma batida mais lenta, soam mais como um lamento:

“É uma música Serra Abaixo que a gente lembra mais do tempo da escravidão, igualzinho como o nego cantava, assim chorando, entendeu, chorando assim que os senhor lá bateu neles, eles cantavam em louvor a Nossa Senhora do Rosário, assim chorando, é uma música muito importante no Congado”. (Tiago dos Santos, jovem dançador do Moçambique)

A dança dos Arturos se processa internamente, dilatando-se depois para fora, revelando as memórias, lembranças, gestos: tudo está no corpo. Assim este corpo, visto em sua totalidade, físico, mental, social, espiritual, demonstra que a consciência não está fora do corpo, e sim dentro dele. Como disse Marcel Mauss, em seu estudo sobre as técnicas corporais:

“ No fundo, corpo, alma, sociedade, tudo se mistura. Os fatos que nos interessam não são fatos especiais de tal ou qual parte da mentalidade; são fatos de uma ordem muito complexa, a mais complexa que se possa imaginar. São aqueles para os quais proponho denominação de fenômenos de totalidade, em

46. Moçambique

que não apenas o grupo toma parte, como ainda, pelo grupo, todas as personalidades, todos os indivíduos na sua integridade moral, social, mental e , sobretudo, corporal ou material”(Mauss,1974:198).

A partir dos movimentos corporais e dos gestos, os dançadores das Guardas de Congo e Moçambique estão refazendo sua própria história, reatualizando seu passado, mas também recriando seu presente e trilhando sua caminhada futura, expressando e articulando a sua identidade coletiva.

Nesse sentido, as danças e os cânticos aparecem como atividades corporais no Congado, dentro das quais a experiência da memória social pode ser suprida e

restabelecida (Reily,2001:21).

É dentro desta articulação das imagens do passado, de uma memória social negra e das experiências contemporâneas cotidianas que se encontra a comunidade dos Arturos, trazendo para o corpo a rememoração do cativoiro, na encenação dramática do Congado, transformando a sua vida social.

Nesta perspectiva, os festejos de Congado podem ser compreendidos como um drama social, conceito desenvolvido por Victor Turner, inspirado nos dramas gregos e no trabalho sobre ritos de passagem de Van Gennep. Os ritos de passagem podem ser divididos em três fases: separação, margem(limiar) e agregação.

Na fase da separação ocorre o afastamento do indivíduo ou de um grupo, seja de um ponto fixo anterior na estrutura social,ou de um conjunto de condições culturais, ou ainda de ambos. Durante o período “limiar”, intermediário, as características do sujeito ritual são ambíguas, pela própria condição de “transitante”. Por fim, na terceira fase, há a reincorporação ou reagregação, quando o sujeito ritual passa a ocupar novamente uma posição social, tendo direitos e obrigações a cumprir dentro da estrutura social (Turner,1974:116-117).

Sendo assim, o Congado poderia ser compreendido dentro dessas etapas, na medida em que há a realização da festa, marcando inicialmente a separação e interrupção do cotidiano, no qual a Comunidade se volta para os preparativos da festa e para viver um momento diferente na estrutura social. Depois há o período de ‘liminaridade’, de transição, onde há a manifestação dos conflitos, da inversão da estrutura social, podendo ser manifestada através de todo ritual do Congado, para se chegar no momento de reagregação e revitalização que surgiu a partir dessa fase limiar, reintegrando o grupo à sociedade, na volta ao seu cotidiano e realidade, mas com uma diferença importante trazendo um efeito transformativo e revitalizador. “Os rituais têm a capacidade de transformar os participantes em diferentes status sociais, bem como em diferentes estados de consciência. Isto é geralmente atingido

no estado liminal do ritual” (McLaren,1992:85-86).

A liminaridade é um estado cultural que, de acordo com Turner, proporciona “aos homens um conjunto de padrões ou de modelos que constituem, em determinado nível, reclassificações periódicas da realidade e do relacionamento do homem com a sociedade, a natureza e a cultura” (Turner,1974 apud Bandeira,1988:249).

Nesse contexto, as situações de crise e conflitos, que são geradas na liminaridade, são muito importantes para que a sociedade possa se resolver e se compreender. Estes momentos são propiciados através dos rituais, quando os homens expressam aquilo que os toca intensamente, revelando também os valores do grupo. Para Turner, “o ritual é uma seqüência completa de atos simbólicos”, enfatizando sempre o processo (Turner,1988:75).

De acordo com Turner, nestes momentos liminares, há o surgimento da “communitas”, que se apresenta de maneira fundamental dentro da experiência ritual. “A “communitas” irrompe nos interstícios da estrutura, na marginalidade; e por baixo da estrutura, na inferioridade. Em quase toda parte a “communitas” é considerada sagrada ou “santificada”, possivelmente porque transgride ou anula as normas que governam as relações estruturadas e institucionalizadas, sendo acompanhada por experiência de um poderio sem precedentes” (Turner,1974:156).

No caso do Congado é possível pensar na experiência de “communitas” como sendo um momento compartilhado por todos, em que o grupo se une, aprofundando os vínculos humanos, sendo vital para a comunidade. Nesse sentido, a cada festa celebrada esta “communitas” sacraliza-se e sai dos ritos mais fortalecida (Bandeira,1988:250).

Portanto, através dos rituais, os participantes são levados a refletir sobre seus processos de interpretação, recriando novas configurações sociais e culturais.

Esta noção de drama social, dada por Turner, contribui aqui neste trabalho para uma melhor compreensão do ritual do Congado, revelando a importância de

reviver o ritual para se refazer novos caminhos, apontando para o futuro. A dança aparece neste contexto, dentro da ação remediadora do drama social, como uma maneira criativa de revitalizar o cotidiano e o social. Segundo Judith Hanna, nos momentos de ruptura com o cotidiano, em que há a realização de uma seqüência de movimentos corporais extraordinários, a dança serve para suscitar momentos de liminaridade, mas não só isso, podem ser cerimônias, que façam refletir e reconstituir o cotidiano, sem nenhum jogo lúdico e transformador, tendo um efeito de espelho mesmo (Hanna, 1987:19-24).

Nesse sentido, as danças do Congo e Moçambique aparecem como uma forma de comunicação não-verbal importante nos momentos rituais, possibilitando a mediação com o sagrado, unindo o presente ao passado, através do simbolismo dos movimentos corporais, re-significando as lembranças do cativoiro, trazendo forças para o cotidiano.

47. José Bengala ensinando as crianças

3.3.3. Vivenciar, recriar, transmitir: a dança e suas transformações

Na comunidade dos Arturos, os saberes e os conhecimentos são transmitidos através da oralidade e da vivência do sagrado, para as crianças e jovens, na certeza de se manter a continuidade da tradição do Congado.

Estes conhecimentos são transmitidos de geração para geração, usando os diferentes sentidos do corpo, não somente o verbal, mas principalmente o corporal, englobando o canto, as danças, os gestos, ligando o corpo à mente e ao espírito.

As tradições e transmissões orais, segundo Vansina, são fontes históricas que se determinam pela forma como se “apresentam”, são orais e não-escritas e têm a particularidade de que se passam de geração para geração na memória dos homens (Vansina, 1967:13).

O pensamento oral está ligado a uma outra forma de saber e a outras experiências, estabelecendo o elo do homem com a palavra. Nesse sentido, a palavra está sempre viva e em movimento, estando presente nos cânticos, mitos, histórias, conversas, sons, gestos.

A oralidade, segundo historiadores e sociólogos africanos, como “meio de expressão de uma civilização, está sempre integrada aos diferentes aspectos da vida social, desempenhando funções múltiplas e variadas. Atua como memória da sociedade e transmite códigos de ética e expressão estética. Assim, a tradição oral é uma forma de instrução transmitida pacientemente, de boca a ouvido e de mestre a discípulo, através dos tempos” (Cunha, 1986:139).

Há portanto toda uma hierarquia no Congado, para transmissão dos conhecimentos, na qual os capitães regentes e primeiros capitães e os reis e rainhas, assim como as pessoas mais velhas da Comunidade, ensinam os jovens e as crianças, através da palavra, dos gestos, da dança, reproduzindo simbolicamente todo o processo da criação vinculado à palavra. Nesse sentido, as palavras transmitidas pelos ancestrais ou pelas pessoas mais velhas são revividas nos gestos, danças, cânticos, dentro do contexto mágico religioso.

“A maioria das religiões do Brasil que têm suas origens na África tem, em sua herança, o compromisso de transmitir sua tradição tanto de forma oral quanto, e principalmente, de forma corporal. Desta forma, serão as pessoas mais

48. Capitães do
Moçambique - A
força do canto

velhas(“pedaços de memória coletiva”, como designou Carvalho, 1987), ou ainda os que têm mais tempo na religião, que portarão em seus corpos o fundamento, ou seja, a tradição religiosa”(Pólvora,2001:123).

A comunidade dos Arturos se insere neste contexto, em que os ensinamentos são transmitidos de geração a geração, de pai para filho. Embora haja um ensinamento que é transmitido oralmente, em que os mais velhos da comunidade conversam com os jovens e as crianças sobre o Congado, a maior parte deste aprendizado se dá corporalmente através da vivência cotidiana da religião, das tradições e do modo de ser. Sendo assim, o corpo acaba assimilando a cultura na qual está envolvido. (Foto 49)

No cotidiano e sobretudo nos dias que antecedem as festas, há um

49. Congo Mirim

incentivo para que as crianças e jovens participem dos preparativos da festa, privilegiando assim o ensino e a aprendizagem, envolvendo e comprometendo novas gerações com a sua continuidade e preservação. Uma imagem freqüente no espaço da comunidade é a de crianças batendo latas, cantando, dançando “Lele”, que é como geralmente eles chamam o Congado, quando são pequeninos.

Este modo sutil de aprendizado é tão interessante que acaba passando até mesmo o modo de dançar dos pais para os filhos, os movimentos corporais apresentam semelhanças nos “trejeitos”, no jeito de curvar o corpo, segurar o bastão, entoar o canto.

Outro dado importante é que se toda a família, o pai e a mãe, dança, há uma maior tendência da continuidade da tradição, a tradição se mantém ‘viva’, as crianças se sentem estimuladas a dançar e a participar, não deixando o Congado.

De acordo com Hanna, a dança pode ser vista como comportamento humano, formado a partir de seqüências de movimentos corporais, que podem ser culturalmente modelados, revelando que temos vocabulários de movimentos e sentidos do corpo, que são constituídos culturalmente (Hanna, 1987:30-36).

Assim sendo, pode-se dizer que as danças apresentadas nas festas de Congado, assim como em outras festas populares, seriam expressões corporais de experiências acumuladas e armazenadas ao longo de gerações. Segundo Silva,

“não se trata da memória-hábito, como uma ação decorada e repetida em certos momentos específicos, mas sim de um aprendizado social, que diz respeito à especificidade cultural de determinados grupos” (Silva,2001:130).

É dessa maneira que a dança nos Arturos ganha significado, trazendo as experiências do passado para serem revividas no presente, formando um elo com uma tradição e memória que vem expressa no corpo. Vale ressaltar, no entanto, que a tradição é vista aqui num processo dinâmico, como nos mostra Deoscoredes dos Santos :

“...quando falo de tradição não me refiro a algo congelado, estático, que aponta apenas à anterioridade ou antigüidade, mas aos princípios míticos inaugurais constitutivos de identidade, de memória, capazes de transmitir, de geração a geração, continuidade essencial e, ao mesmo tempo, reelaborarem-se nas diversas circunstâncias históricas, incorporando informações estéticas que permitem renovar a experiência, fortalecendo seus próprios valores” (Santos,D., 1989 apud Santos, I.,2002:112).

É dentro deste processo que os Arturos seguem, pautados na memória dos ancestrais, realimentando o seu presente, junto das transformações da sociedade em que vivem.

A dança da Guarda de Congo apresenta passos novos a cada ano que se passa, vindo também com novos cânticos, que são inventados pelos Arturos mais jovens. A partir da música nova , passos são inventados, criados, trazendo novos elementos. Os passos tradicionais não são esquecidos, continuam ‘vivos’, mas outros são criados, tomando estes corpos, e o próprio passo antigo ganha um novo movimento mesmo que não seja modificado estruturalmente.

Durante este tempo de pesquisa surgiram cerca de três passos novos. No entanto, as maiores variações acontecem nos cânticos. Somente este ano foram inventados oito cânticos novos da Guarda do Congo. Abaixo seguem dois cânticos

novos do Congo que foram colocados com os novos passos:

**“O navio negreiro ih vem chegando
Ele vem chegando devagar
Ele vem trazendo este povo
Que é de Nossa Senhora”**

**“Oh Senhora do Rosário
Teus olhos clareiam
As estrelas lá do céu
Sua coroa alumeia”**

Estes dois cânticos foram inventados por dois jovens dançantes do Congo, aliás quase todos estes cânticos novos são inventados pelos jovens, assim como os passos também.

Já no Moçambique não há variações, a dança não se modifica, mas os cânticos apresentam sutilmente algumas modificações, como uma certa influência até de cânticos do Padre Marcelo.

Os mais velhos não acham que há modificações, para eles tudo continua igual, já os capitães de 30, 40 anos, mais ou menos, percebem estas mudanças e se preocupam sobretudo com a possibilidade de se deixar de cantar os cânticos antigos, de ‘raiz’, como falam os Arturos mais velhos. Quanto à dança, não acham que haja problemas, desde que se mantenha a estrutura inicial, as variações são uma forma de incentivar a continuidade do ritual.

O novo, neste aspecto, não vem para substituir ou eliminar as tradições, mas sim acrescentar novas possibilidades de relacionamento do indivíduo com o seu universo cultural, redefinindo os ritmos de identidade (Silva, 2001:195).

Dentro desta perspectiva, os adultos e os anciões estão constantemente estimulando a participação dos jovens e das crianças, tanto no Congado como fora dele. No Congado, nesta última festa, foram divididas duas Guardas de Congo:

uma com os jovens e adultos, homens e mulheres, e outra com as crianças até mais ou menos 12 anos. O capitão mestre de Congo, **José Bengala**, falou que:

“Dividiu o Congo, pois estava muito grande e também porque

50. Congo Mirim

assim as crianças vão aprendendo mais, tendo mais incentivo para cantar, participar, sendo que quando crescem, demoram para pegar o bastão e cantar”.

Fora do Congado, há o incentivo de práticas como por exemplo a capoeira e a dança para integrar os jovens e aqueles que param de dançar no Congado, num determinado momento da vida, sobretudo os meninos, por volta dos 18 anos. O grupo de dança **Filhas de Zambi** se encaixa neste contexto, sendo composto por adolescentes, meninos e meninas, dos Arturos, em sua maioria dançantes do Congado, mas com alguns jovens que deixaram de participar, mas que tocam para o grupo, acompanhando as apresentações também. As coreografias, em sua maioria, são montadas pelos próprios participantes do grupo, coletivamente, e algumas foram ensinadas por duas professoras de dança. Geralmente os passos das danças fazem parte de uma fusão de repertórios, juntando o movimento afro com o axé. As músicas cantadas em algumas coreografias revelam o caráter

contestador dos problemas enfrentados pelos negros na nossa sociedade . Como podemos perceber nestes dois cânticos, que fazem parte de duas coreografias do grupo:

**“Eu sou negro sim
Como Deus criou
Sei lutar pela vida
Cantar liberdade
E gostar dessa cor
Nasci livre e fui feliz
Lá na África querida
Partilhando os dons de Deus
Festejando o Deus da vida”**

**“ Eu vou tocar minha viola
Eu sou o negro cantador
O negro canta, deita e rola
Lá na senzala do senhor**

**Dança aí negro nagô
Dança aí negro nagô
Oh Oh Oh**

**Tem que acabar com essa história
Que negro é inferior
O negro é gente quer escola
Quer dançar samba e ser doutor**

**Dança aí negro nagô
Dança aí negro nagô
Oh Oh Oh”**

Há também um reforço da auto-estima e da identidade que é manifestada no canto e na dança, revelando a importância do corpo como instrumento e símbolo de poder, revigorando um conjunto de valores e crenças, dando forças para o

51, 52, 53. Filhas de Zambi

cotidiano, num movimento extraordinário.

No Congo há músicas também contestatórias, falando das injustiças que passam os negros e de como eles as driblam com a ajuda da Senhora do Rosário. Como podemos ver nestes três cânticos do Congo:

**“Eu não matei
Eu não robei
Em num fico nada, oi, ai
Mas o povo tá dizeno
Que amanhã é dia do meu jurado
Vô pedi Nossa Senhora
Para sê minha adevogada”
(Gomes & Pereira,2000:508)**

**“È com Deus e Nossa Senhora
Nessa rua eu quero passá
Co’a licença do delegado
E do vigário desse lugá”
(Gomes & Pereira,2000:508)**

**“Lá na rua de baxo
Lá no fundo da horta
A polícia me prende
Sá Rainha me solta”
(Gomes & Pereira,2000:508)**

Estes cânticos revelam a tensão social enfrentada pelos Arturos e pelos negros na sociedade envolvente, onde há desconfianças, julgamentos formados em cima de preconceitos, discriminações, assim como o pedido de permissão para a igreja e para o delegado, para que o Congado e a festa se realizem. Em todos os cânticos o pedido de proteção e ajuda da Santa do Rosário aparecem como alternativa e amparo para estas tensões vividas.

Outra questão interessante é que em certos momentos na própria dança do

Congo há alterações nos movimentos, intensificando alguns passos, abaixando o corpo em outros. Geralmente estas alterações de intensidade são dadas quando a Guarda do Congo já está na Comunidade, com muita alegria, como se fosse uma brincadeira, mas que, no meu entender, pode ter o significado de se aproximar da origem africana, dialogando através da dança com dois universos e mundos, o africano e o dos brancos.

Portanto, seja no Congado ou em outras formas de manifestação da Comunidade dos Arturos, há sempre uma ligação com a memória ancestral, um passado que unifica o corpo com o presente e os olhos para o futuro, definindo uma identidade, recriando e revivendo, a cada momento e em cada movimento corporal, sua história, criando uma nova realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos no fim de um trabalho, percebemos quantas coisas ficam para serem ditas, pois o conhecimento é inesgotável e a cada momento junto com ele nos transformamos, mudando também o nosso pensamento.

Nesse sentido, é normal que fiquem algumas lacunas a ser preenchidas por novos trabalhos que certamente surgirão para continuar e completar estes espaços.

Tentei ao longo do trabalho demonstrar a importância do ritual do Congado, e como há diferentes linguagens possíveis para analisarmos e refletirmos sobre um grupo, um povo, uma sociedade, uma cultura, enfatizando neste caso a dança, os gestos e os movimentos do corpo.

De acordo com Júlio Tavares, “a identidade corpóreo-gestual se introduz como uma nova variável para se pensar as ações políticas, os processos de interações sociais e as sintonias energético-cósmicas realizadas pelos ritmos corporais” (Tavares,2000:478). Nesse sentido, penetrar no conhecimento através do corpo, pode propiciar que a história do corpo seja vista como uma história social.

Os Arturos, através das festas, das danças, do canto, da devoção e fé que possuem, expressam seu modo de viver, de pensar e de estar no mundo.

As festas realizadas pela Comunidade possibilitam uma reinstauração do espaço mítico, onde a fé se apresenta de maneira mais profunda, integrando o homem com seu semelhante e com seu Deus. A noção de pertencimento a uma ancestralidade resgatada e cultuada nos cantos, nas danças e nas rezas dos momentos de festa integra e sociabiliza o grupo (Gomes & Pereira,2000).

As práticas rituais, nesse sentido, “envolvem relações multidimensionais,

que em seu conjunto criam as condições concretas de movimento de totalidade social e cultural na simultaneidade de funcionamento do sistema comunitário por inteiro. Essas práticas rituais, em seu conjunto, tornam a Comunidade um fato concreto, uma realidade viva e pulsante. Todos os membros da Comunidade passam, conjuntamente e ao mesmo tempo, do familiar para o coletivo” (Bandeira, 1988:212).

É neste movimento promovido pela festa, em que todos os membros da Comunidade estão reunidos em torno de um sentimento comum, que há o surgimento da “*communitas*” em sua maior plenitude. O ritual do Congado, por assim dizer, traz à tona este sentimento, representando a valorização da etnia, internalizada através dos conteúdos simbólicos de seu discurso, exercitada através da alegria, do canto, da dança, da comida coletiva, da festa (Bandeira, 1988).

Segundo Maria de Lourdes Bandeira, “o Congo na “festa” tem assim valor étnico ontológico, em que se inscrevem o orgulho, a beleza, a coragem, a generosidade dos homens negros e de sua cultura. É uma comunhão festiva da etnia negra, em cuja “*communitas*” os negros recuperam sua auto-estima étnica” (Bandeira, 1988:255).

É neste sentido que dentro do ritual do Congado os gestos, danças, movimentos ganham um significado especial, revelando estratégias de sublimação do cotidiano por meios expressivos e simbólicos dos ritos.

“Por via da performance corporal - movimentos, gestos, danças, práticas performáticas, cerimônias de celebração e rituais - a memória seletiva do conhecimento prévio é instituída e mantida nos âmbitos social e cultural” (Martins, 2000:81).

Assim sendo, a performance corporal dos Arturos é de extrema importância, pois revela a memória seletiva do grupo, sua história, seus significados e significantes, construindo referências para o futuro e ressignificando seu presente.

Dentro desta seleção fragmentada de significados, é possível que haja a revelação dos resíduos, do que se quer “esconder”, demonstrando parte de uma

determinada situação, da “estrutura social”. Nesse contexto, é que surgem as performances apresentando possibilidades de transformação e interpretação da vida social (Turner,1988:72-98).

Para Victor Turner, as performances não são nunca amorfas ou abertas, possuem uma estrutura diacrônica, um início, meio e fim. Turner discute os vários tipos de performance social (drama social) e cultural, tendo cada uma seu próprio estilo e regras características (Turner, 1988:80). Os tipos de performance são diferenciados em cada cultura de acordo com a complexidade de campos socioculturais dentro dos quais eles são gerados e sustentados(Turner,1988:82).

“As performances culturais são “experiências concretas” e “unidades de observação”, ou seja, “constituintes elementares” da cultura, pois possuem “uma medida de tempo limitada, ou pelo menos um começo e um fim, um programa organizado de atividades, um conjunto de atores, uma audiência e um lugar e ocasião de performance” (Turner,1988 apud Müller,2000:167).

Neste contexto, talvez seja possível pensar que o ritual do Congado se encaixa no processo de performance que propicia a recriação do universo social. O ritual performático modifica a experiência vivida pelos Arturos.

Turner se aproxima das teorias desenvolvidas pelo pensamento sociológico de Dilthey, sobre as estruturas de experiência, trazendo a perspectiva da “experiência vivida”, englobando o afeto, vontade e a interpenetração (Turner,1988:84).

Nesse sentido, o reviver , recriar, reconstruir dado a partir da experiência vivida na performance, possibilita uma transformação e reelaboração do passado num presente, com vistas para o futuro, articulando os significados em cada ritual, reorganizando a própria sociedade revitalizando-a (Muller,2000:165-170).

Assim sendo, relembrar o cativeiro nas festas de Congado, e reviver dentro da performance este passado, recriando-o, possibilita aos Arturos transmutar sua própria realidade.

A realização das festas de Congado, portanto, promovem a ressignificação tanto do passado como do presente, um vez que traz à tona as contestações, a devoção e a sublimação da alma e do corpo através das danças e dos cânticos em todo ritual.

Reviver e relembrar, seja no corpo, na dança, nos gestos, na festa, faz com que os Arturos se mantenham fortes enquanto grupo, e possam reorientar seus caminhos, vivendo as dualidades entre o sagrado e o profano, o dinâmico e o estático, o moderno e o tradicional, que trazem ameaças, mudanças, mas que, no entanto, aparecem como formas de re-elaboração dos próprios atores em suas dinâmicas de mundo.

CRÉDITOS

Fotos

Capítulo 1

1; 2; 3; 5; 7

Camila Camargo Vieira

4; 6

Alexandre do Nascimento Souza

Capítulo 2

1; 2

Alexandre do Nascimento Souza

3

Camila Camargo Vieira

Capítulo 3

1; 4; 5; 6; 7; 8; 9; 11; 13; 14; 15; 16; 19; 20; 21; 22; 23; 24; 26; 27;
29; 31; 32; 33; 34; 35; 36; 38; 39; 40; 41; 42; 43; 44; 45; 46; 47; 48

Alexandre do Nascimento Souza

2; 3; 10; 12; 17; 18; 25; 28; 30; 37; 49; 50; 51; 52; 53

Camila Camargo Vieira

Diagramação, Tratamento de Fotos, Ilustrações

Fernanda Giuliatti

Revisão do texto

Rui Cabral

Abstract

Sueli Formentin

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Mário de. *Danças dramáticas do Brasil*, III Tomo, São Paulo, Livraria Martins, 1959.
- ARANTES, Antônio A. *O que é cultura popular*, São Paulo, Brasiliense, 1990.
- ARAÚJO, Alceu M. *Cultura popular brasileira*, São Paulo, Melhoramentos, 1973.
- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais*, São Paulo, Hucitec Annablume, 2002.
- BALANDIER, Georges. *O Poder em Cena*, Brasília, UnB, 1980.
- BANDEIRA, Maria de Lourdes. *Território Negro em Espaço Branco*, São Paulo, Brasiliense, 1988.
- BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*, Vol 1 e 2, São Paulo, Edusp, 1971.
- BLACKING, John. "Preface"; "Towards an Anthropology of Body"., Blacking, John(org.), In: *Anthropology of the Body*, The London, New York and San Francisco: Academic Press, 1977.
- BORGES, Eloisa. *Os Devotos do Rosário- Devoção e Promessa na festa do Rosário de Santo Antônio do Monte*, Departamento de Psicologia Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 1997, Tese de Mestrado.
- BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder. Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo, Editora Ática, 1986.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, São Paulo, Edusp, 1987.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Festa do Santo de Preto*. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1985.
- _____. *Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural*, São Paulo, Brasiliense 1986.
- _____. *Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual*,

São Paulo, Paulinas, 1985.

_____. *O Divino, o Santo e a Senhora*, Rio de Janeiro, FUNARTE, 1978.

_____. *Peões, pretos e congos: trabalho e identidade étnica em Goiás, Goiânia, UNB, 1977.*

BRUNHS, Heloísa. *Conversando sobre o corpo*, Campinas, Papirus, 1994.

CAILLOIS, Roger. *O Homem e o Sagrado*, Lisboa, Ed.70, 1950.

CANCLINI, Nestor G. *As culturas populares no capitalismo*, São Paulo, Brasiliense, 1983.

CANDIDO, Antônio. *Os Parceiros do Rio Bonito*, São Paulo, Duas Cidades, 2001.

CARDOSO, Haydeé Dourado de Faria., *O Gesto, o Canto, o Riso: História Viva na Memória*, São Paulo, Tese de Doutorado da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1990.

CARNEIRO, Edson. *Ladinos e Crioulos: Estudo sobre o negro no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*, São Paulo, Edusp, 1988.

CASTRO, Eduardo B. Viveiros de. *A Fabricação do Corpo na Sociedade Xinguana*, Rio de Janeiro, Boletim do Museu Nacional, no. 32, 1979.

CASTRO, Hebe Maria Mattos. *Das Cores do silêncio: Os significados da Liberdade no Sudeste Escravista-Brasil séc.XIX*, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1995.

CLASSEN, Constance. *Worlds of Sense: Exploring the senses in history and across cultures*, London, Routledge London and New York, 1993.

CLASTRES, Pierre. *Da Tortura Nas Sociedades Primitivas*, In: *A Sociedade Contra O Estado*(Investigações de Antropologia Política), Afrontamento/Porto, 1979.

COSTA, Ana Lucia Borges da. *Dança: Uma Herança à Disposição de Todos*, In: RAMOS, Renata Carvalho L. (org). *Danças Circulares Sagradas: Uma Proposta de Educação e Cura*, São Paulo, TRIOM, 1998.

CUNHA, Marlene de Oliveira. *Em Busca de um Espaço: A Linguagem Gestual no Candomblé de Angola*, Dissertação de Mestrado do Departamento de Antropologia Social-USP, São Paulo, 1986.

- DANTAS, Mônica. *Dança: O enigma do movimento*, Porto Alegre, UFRGS, 1999.
- DAOLIO, Jocimar. *Da Cultura do Corpo*, Campinas, Papirus, 1998.
- DAWSEY, John. *Nossa Senhora Aparecida e a Mulher Lobisomen: Benjamin, Brecht e Teatro dramático na Antropologia*, Florianópolis, Ilha : Revista de Antropologia, v.2, n.1, p.85-103, dez.2000.
- DIAS, Paulo. *A Outra Festa Negra*, Jancsó, István e Kantor, Iris (orgs.) In: *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*, vol.II, São Paulo, Hucitec/Edusp, 2001.
- DOUGLAS, Mary. *Natural Symbols*, U.S.A, First Vintage Books Edition, 1973.
- _____. *Pureza e Perigo*, São Paulo, Perspectiva, 1976.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *O negro e o Catolicismo Popular*. Lima, Tânia(org), IN *Sincretismo Religioso: O Ritual Afro*, Recife, Ed.Massangana, 1996.
- _____. *Repensando o Sincretismo*, São Paulo/ São Luís, Edusp, Fapema, 1995.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Os Reis de Mina: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos no Pará do Século XVII ao XIX*, Belém, Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, vol.9/(1)/1994.
- FOUCAULT, Michel, *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, Petrópolis, Vozes, 1999.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro, Guanabara, 1989.
- _____. *Negara: O Estado teatro no Século XIX*, New Jersey, Princeton University Press, 1980.
- GENNEP, Arnold Van, *Os ritos de Passagem*, Petrópolis, Vozes, 1974.
- GIFFONI, Maria Amália C. *Reinado do Rosário de Itapeacerica*, São Paulo, Palas Athena do Brasil, 1989.
- GIRARDELLI, Élsie da C. *Ternos de Congos, Atibaia*, São Paulo, FUNARTE, 1981.
- GOMES, Nilma Lino. *Corpo e Cabelo como ícones de construção da Beleza e da Identidade Negra nos Salões Étnicos de Belo Horizonte*, Tese de Doutorado do Departamento de Antropologia-USP, São Paulo, 2002.
- GOMES, Núbia Pereira de M. & PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Arturos : olhos do Rosário*, Belo Horizonte, Mazza, 1990.
- _____. *Inumeráveis Cabeças: Tradições Afro-Brasileiras e*

- Horizontes da Contemporaneidade*. Fonseca, M^a N. Soares(org), IN *Brasil Afro-Brasileiro*, Belo Horizonte, Autêntica, 2000.
- _____. *Mundo Encaixado: Significação da Cultura Popular*, Belo Horizonte, UFJF, 1992.
- _____. *Negras raízes mineiras: os Arturos*, Belo Horizonte, Mazza, 2000.
- GREINER, Christine e BIÃO, Armindo(orgs). *Etnocenologia*, textos selecionados, São Paulo, ANNABLUME, 1998.
- HANNA, Judith Lynne, *Dança, Sexo e Gênero*, Rio de Janeiro, Rocco, 1999.
- _____. *To Dance Is Human: A Theory of Nonverbal Communication*, Chicago and London, The University of Chicago Press, 1987.
- LE GOFF, Jaques, *História e Memória*, Campinas, Unicamp, 1992.
- LIMA, Rossini Tavares de. *O folclore do litoral norte de São Paulo*, Rio de Janeiro, FUNARTE, 1981.
- LOPES, Nei. *Dicionário Banto do Brasil*, Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Imprensa da Cidade, (sem data).
- LUCAS, Glaucia. *Os Sons do Rosário: Um Estudo Etnomusicológico do Congado Mineiro-Arturos e Jatobá*, Escola de Comunicação e Artes da USP, São Paulo, 1999, Tese de Mestrado.
- MADUREIA, Antônio J. *Danças populares brasileiras*, São Paulo, RHODIA, 1989.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*, São Paulo, Abril Cultural, 1976.
- MARQUES, Isabel M. M. de Azevedo. *Dance in the Curriculum: The Brazilian Case*, London, Laban Centre for Movement and Dance, 1989.
- MARTINS, José de Souza. *A dialética do corpo no imaginário popular*, São Paulo, revista Sexta –feira, no.4/1999.
- _____. *Terra de negócio e terra de trabalho: contribuição para o estudo da questão agrária no Brasil*, In *Expropriação & Violência : A questão política no campo*, São Paulo, Hucitec, 1982.
- MARTINS, Leda M. *Afrografias da Memória*, Belo Horizonte, Mazza, 1997.
- _____. *A Oralitura da Memória*. Fonseca, M^a N. Soares(org) IN *Brasil*

- Afro-Brasileiro*, Belo Horizonte Autêntica, 2000.
- MAUSS, Marcel. *As Técnicas Corporais*, In: Sociologia e Antropologia, São Paulo, Edusp, 1974.
- MCLAREN, Peter. *Rituais na Escola*, Petrópolis, Vozes, 1992.
- MEYER, Marlyse. *Caminhos do Imaginário no Brasil*, São Paulo, Edusp, 1993.
- MISSAL COTIDIANO. Petrópolis, Paulinas, 1996.
- MONTEIRO, Marianna F. M. *Espetáculo e Devoção: Burlesco e Teologia – Política nas Danças Populares Brasileiras*, Tese de Doutorado do Departamento de Filosofia da USP, São Paulo, 2002.
- MONTES, Maria Lucia. *Olhar o Corpo; Olhar a Si Mesmo; Sentir a Alma* In: Negro de Corpo e Alma, São Paulo, Mostra do Redescobrimento, Brasil 500 anos, Fundação Bienal de São Paulo, 2000.
- MULLER, Regina Pollo. *Corpo e imagem em movimento: há uma alma neste corpo*, São Paulo, Revista de Antropologia, vol.43 (no.2), 2000.
- NUNES, Maria Clementino. *História e Significação Simbólica da festa do Rosário do Serro*, Belo Horizonte, Revista de História, n6, 1988.
- ONG, Walter. *Oralidade e Cultura Escrita: A tecnologização da palavra*, Campinas, Papirus, 1998.
- PEIRANO, Mariza, G. *S.A análise antropológica de rituais*, Série Antropologia, Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, Brasília, 2000.
- PEREIRA, João Batista Borges. *A Cultura Negra: Resistência de Cultura á Cultura de Resistência*, São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Dédalo, no. 23, (177-188), 1984.
- PEREIRA, Taynar de Cássia Santos. *Igreja do Rosário dos Pretos do Pelourinho: Um clamor com axé!*, Identidade Negra e inculturação afro-brasileira na Igreja do Rosário dos Pretos, São Paulo, Tese de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, USP, 2001.
- POEL, Francisco, Van der. *O Rosário dos homens pretos*, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1981.
- PÓLVORA, Jacqueline Britto. *O Corpo Batuqueiro: uma expressão religiosa afro-brasileira*. Leal, Ondina Fachel(org). IN *Corpo e Significado*, Ensaios de

- Antropologia Social, Porto Alegre, UFRGS, 2001.
- PORTINARI, Maribel. *História da dança*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989.
- PRICE, Richard. *First –Time: The Historical Vision of an Afro- American People*, Baltimore and London, The Johns Hopkins University Press, 1983.
- QUEIROZ, Maria I. *O Campesinato Brasileiro: ensaio sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*, Petrópolis, Vozes, 1976.
- QUEIROZ, Renato da Silva & Otta, Emma (orgs), *O Corpo do Brasileiro: Estudos de Estética e Beleza*, São Paulo, Senac, 1999.
- QUINTÃO, Antônia Aparecida. *Irmandades Negras: Outro Espaço de Luta e Resistência*, São Paulo, Tese de Mestrado do Departamento de História, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1991.
- _____. *Lá Vem meu Parente: As irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (Séc.XVIII)*, Tese de Doutorado do Departamento de História-USP, 1997.
- RAMOS, Arthur. *As culturas negras no Brasil, vol.III*, Rio de Janeiro, Guanabara, s/d
- _____. *A Sobrevivência da dança e da Música*, IN Folclore Negro do Brasil, Rio de Janeiro, Casa do Estudante, 1954.
- REILY, Suzel Ana. *To Remember Captivity: The Congados of Southern Minas Gerais*, Latin American Music Review, 22.1(2001) 4-30.
- REIS, João, J. e GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: História dos Quilombos no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- REIS, João José. *A morte é uma Festa- Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX*, São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- REIS, Letícia Vidor de Sousa, *Negros e brancos no jogo da capoeira: a reinvenção da tradição*, São Paulo, Tese de Mestrado do Departamento de Antropologia Social da USP, 1993.
- RODRIGUES, Graziela. *Bailarino pesquisador intérprete: processo de formação*, Funarte, Rio de Janeiro, 1997.
- RODRIGUES, José Carlos, *Tabu do Corpo*, Rio de Janeiro, Tese de Mestrado em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de

- Janeiro, Achiamé, 1979.
- ROYCE, Anya Peterson. *The Anthropology of dance*, University Press, USA, 1977.
- SABARÁ, Romeu. *Comunidade Negra dos Arturos e o Drama do Campesinato Negro Brasileiro*, Departamento de Antropologia da USP, Faculdade de Ciências Humanas, São Paulo, 1997, Tese de doutorado.
- SANTOS, Erisvaldo P. dos. *Religiosidade, identidade negra e educação: o processo de construção da subjetividade de adolescentes dos Arturos*, Dissertação de Mestrado, da Faculdade de Educação-UFMG, Belo Horizonte, 1997.
- SANTOS, Inaicyra Falcão dos. *Corpo e Ancestralidade : Uma proposta pluricultural de dança-arte-educação*, Salvador, UFBA, 2002.
- SCARANO, Julia. *Devoção e escravidão*, São Paulo, Nacional, 1976.
- SILVA, Carlos Benedito R. da. *Ritmos da Identidade: mestiçagens e sincretismos na cultura do Maranhão*, Tese de Doutorado do Departamento de Ciências Sociais -PUC-SP, São Paulo, 2001.
- SILVA, Eduardo e REIS, João José. *Negociação e conflito*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- SILVA, José Graziano da. *A nova dinâmica da agricultura brasileira*, Campinas, Unicamp, IE, 1996.
- SILVA, Rubens Alves da. *Negros católicos ou catolicismo Negro? Um estudo sobre a construção da identidade Negra no Congado Mineiro*, Faculdade de Ciências humanas da UFMG, Belo Horizonte, 1999, Tese de mestrado.
- SLENES, Robert W. *Na Senzala, Uma Flor*, Esperanças e recordações na formação da família escrava-Brasil Sudeste, século XIX. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.
- SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil Escravista: História da Festa de Coroação de Rei Congo.*, Belo Horizonte, UFMG, 2002.
- STRAUSS, Claude Lévi. *A Eficácia Simbólica*, In: *Antropologia Estrutural*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1991.
- TAUSSIG, Michael. *“ Cultura do Terror: Espaço da Morte na Amazônia*. Rio de Janeiro, *Religião e Sociedade* 10, 1983.

- TAVARES, Júlio. *Educação Através do Corpo*, In: Negro de Corpo e Alma, São Paulo, Mostra do Redescobrimento:Brasil 500 anos, Fundação Bienal de São Paulo,2000.
- TINHORÃO, José R. *Os Sons dos negros no Brasil*, São Paulo, Art Editora, 1988.
- TOMAZ, Laycer. *Da Senzala À Capela*, Brasília, UnB, (sem data).
- TURNER, Victor. *O Processo Ritual*, Petrópolis, Vozes, 1974.
- . *The Anthropology of Performance*, PAJ, NY,1988.
- UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, *Introdução ao estudo do Congado*, Belo Horizonte, 1974.
- VALENTE, Ana Lúcia E. P. & GUSMÃO, Neusa Maria M. de. *Duas Mulheres Negras: histórias de religiosidade popular e resistência*, Cadernos de Campo, revista dos Alunos de Pós- Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia-USP,1991.
- VANSINA, Jan. *La tradición oral*, Barcelona, nueva colección labor, 1967.
- VERÍSSIMO, de Melo,. *As Confrarias de Nossa Senhora do Rosário como Reação Contra-Aculturativa dos Negros no Brasil*, Salvador, Afro-Ásia Publicação do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, n.o 13, 1980.
- ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz: A “literatura” medieval*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

Convite da Festa da Libertação de 2003

A Comunidade Negra dos Arturos convida
você e sua família para
a Festa dos 115 anos da Abolição
da escravatura no Brasil,
em Contagem, M.G.

Programação

Sábado 10 de Maio - na Comunidade

- 19 h - Concentração das Guardas de Congo e Moçambique dos Arturos.
- 20 h - Levantamento dos mastros com os estandartes de São Benedito, Santa Efigênia e da Princesa Isabel.

Domingo 11 de Maio

- 4h - Festa da Matina com a "Dança que Chama o Sol" na Comunidade dos Arturos.
- 7 h - Desfile dos escravos e cavaleiros, saindo da Casa da Cultura até o Espaço Popular, centro de Contagem.
- 8:30 h - Concentração das Guardas Visitantes no Espaço Popular.
- 9:30 h - Leitura da "Lei Áurea", em seguida o Canto de Liberdade dos Negros Cativos no País.
- 10 h - Apresentação do Lamento Negro, na porta principal da Matriz de São Gonçalo.
- 10:30 h - Missa Conga celebrada pelo Vigário da Paróquia de São Gonçalo, Pe. José Geraldo Sobreira.
- 11:30 h - Cortejo das Guardas para a Comunidade dos Arturos.
- 12 h - Almoço de confraternização das Guardas.
- 16 h - Procissão de São Benedito, saindo da Comunidade até a Igreja do Rosário.
- 18 h - Cumprimento de promessas, na Igreja do Rosário.
- 18:30 h - Despedida dos Grupos Visitantes.
- 21 h - Encerramento dos festejos "Deus Seja Louvado".

APOIO:

CONTAGEM
PREFEITURA MUNICIPAL

INDUSTRIA GRAFICA JIM LTDA - 3308-1784

Comunidade dos Arturos- Rua Capelinha nº 50 Bairro Jardim Vera Cruz

Convite da Festa
do Libertação 2001

Arturos da 1ª Geração - da esquerda para a direita:
Juvenino, Induca, Bê, Terana, Tita, Mano, Sr. Geraldo e Antônio
Foto: Lúcio Dias

*O Prefeito do Município de Contagem, Dr. Ademir Lucas
e a Comunidade Negra dos Arturos, convidam
V.ª S.ª e família para os Festejos Comemorativos do
113º Aniversário da Abolição da Escravatura no Brasil.*

PROGRAMAÇÃO – MAIO/2001

DIA 12 DE MAIO - SÁBADO

19:00 horas - Concentração das Guardas de Congo e Moçambique dos Arturos,
na Comunidade.

20:00 horas - Levantamento dos mastros com os estandartes de São Benedito,
Santa Efigênia e da Princesa Isabel, na Comunidade dos Arturos.

DIA 13 DE MAIO - DOMINGO

05:00 horas - Festa da Matina com a "Dança que Chama o Sol", na Comunidade dos Arturos.

07:00 horas - Desfile dos escravos e cavaleiros, saindo da Casa da Cultura até o Espaço Popular,
ao lado da Matriz de São Gonçalo, Centro de Contagem.

08:30 horas - Concentração das Guardas Visitantes no Espaço Popular.

09:30 horas - Leitura da "Lei Áurea", em seguida o Canto da Liberdade dos Negros Cativos no País.

10:00 horas - Apresentação do Lamento Negro, na porta principal da Matriz de São Gonçalo.

10:30 horas - Missa Conga celebrada pelo Vigário da Paróquia de São Gonçalo, Pe. José Geraldo Sobreira.

11:30 horas - Cortejo das Guardas para a Comunidade dos Arturos.

12:00 horas - Almoço de confraternização das Guardas.

16:00 horas - Procissão de São Benedito, saindo da Comunidade até a Igreja do Rosário.

18:00 horas - Cumprimento de promessas, na Igreja do Rosário.

18:30 horas - Despedida dos Grupos Visitantes, - Espetáculo pirotécnico.

21:00 horas - Encerramento dos Festejos "Deus Seja Louvado".

Impresso

Maria, primeira Cristã Modelo de Evangelização

PROGRAMAÇÃO

28/09/2001 - Sexta Feira - 19h 30min
Celebração Eucarística
 Tema: Maria, Mãe do Salvador
 Participação e homenagem à Nossa Senhora:
 Matriz do "São Gonçalo"

29/09/2001 - Sábado - 19h 30min
Celebração Eucarística
 Tema: Maria, Mãe de todos os santos
 Participação e homenagem à Nossa Senhora:
 Comunidade "Nossa Senhora do Rosário"
 Comunidade das "Artesas"

30/09/2001 - Domingo - 19h 30min
Celebração Eucarística
 Tema: Maria, Mãe de todos os anjos
 Participação e homenagem à Nossa Senhora:
 Comunidade "Nossa Senhora das Graças"
 Comunidade "São Gonçalo"

01/10/2001 - Segunda Feira - 19h 30min
Celebração Eucarística
 Tema: Maria, serva fiel
 Participação e homenagem à Nossa Senhora:
 Comunidade "São Rafael"
 Comunidade "São Judas Tadeu"

02/10/2001 - Terça Feira - 19h 30min
Celebração Eucarística
 Tema: Maria, Mãe dos pobres
 Participação e homenagem à Nossa Senhora:
 Comunidade "Imaculada Conceição"

03/10/2001 - Quarta Feira - 19h 30min
Celebração Eucarística
 Tema: Maria, Mãe da Igreja
 Participação e homenagem à Nossa Senhora:
 Comunidade "São José"
 Comunidade "Santa Helena"

04/10/2001 - Quinta Feira - 19h 30min
Celebração Eucarística
 Tema: Maria, cause de nossa alegria
 Participação e homenagem à Nossa Senhora:
 Comunidade "Nossa Senhora do Perpétuo Socorro"
 Comunidade "Santíssima Trindade"

05/10/2001 - 1ª Sexta-Feira - 19h 30min
Celebração Eucarística
 Tema: Maria, esplendor de beleza
 Participação e homenagem à Nossa Senhora:
 Comunidade "Nossa Senhora de Fátima"
 Comunidade "Santa Teresinha"

06/10/2001 - Sábado - PROCISSÃO LUMINOSA
 Local de saída da procissão: Av. Benjamin Camargos, em frente ao nº 581
 Hora de saída da procissão: 18h 30min
19h 30 min - Celebração Eucarística
 Tema: Maria, Mãe do Santo Rosário
 Participação e homenagem à Nossa Senhora:
 Comunidade "Nossa Senhora do Carmo"
 * Após a celebração Eucarística levantamento da Bandeira

07/10/2001 - DIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
06h - Festa da Matriz - Comunidade dos Artesas
07h - Concentração das Guardas do Corpo e Mogambique
09h - Encontro das Guardas Votantes - Igreja do Rosário
10h - MISSA DOMINGA
11h 30min - Desfile de guardas para a Comunidade dos Artesas
13h - Almoço para as guardas
14h - Cumprimento de promessas
17h - Procissão de São Benedito da Capela dos Artesas até a Igreja do Rosário
19h 30min - MISSA SERTANEJA
ENCERRAMENTO DA FESTA DE NOSSA SENHORA

08/10/2001 - Segunda Feira
11h - Missa Comunidade dos Artesas
19h - Cumprimento de promessas na Igreja do Rosário

Convite da Festa
da Libertação 2002

ARTUROS 2002

Festa da abolição

PROGRAMAÇÃO

Maio

DIA 11 DE MAIO - SÁBADO

19:00 HORAS - *Concentração dos Guardas de Congo e Moçambique dos Arturos, na comunidade*

20:00 HORAS - *Levantamento dos mastros com os estandartes de São Benedito, Santa Efigênia e da Princesa Isabel, na Comunidade dos Arturos.*

DIA 12 DE MAIO - DOMINGO

05:00 HORAS - *Festa da Matina com "Dança que chama o sol", na comunidade dos Arturos.*

07:00 HORAS - *Desfile dos escravos e catóteiros, saindo da Casa da Cultura até o Espaço Popular, no lado da Matriz de São Gonçalo, Centro de Contagem.*

08:30 HORAS - *Concentração dos Guardas Vislantes no Espaço Popular.*

09:30 HORAS - *Leitura da "Lei Aurea", em seguida o Canto da Liberdade dos Negros Catões do País.*

10:00 HORAS - *Apresentação do Laurent Negro, na porta principal da Matriz de São Gonçalo, (Participação Especial de Dami Minda)*

10:30 HORAS - *Missa Congo, celebrada pelo Vigário da Paróquia de São Gonçalo, Pe. José Geraldo Sobrinho*

11:30 HORAS - *Cortejo das Guardas para a Comunidade dos Arturos.*

12:00 HORAS - *Almoço de confraternização das Guardas.*

16:00 HORAS - *Processão de São Benedito, saindo da Comunidade Até a Igreja do Rosário.*

18:00 HORAS - *Cumprimento de promessas, na Igreja do Rosário.*

18:30 HORAS - *Despedida dos Grupos Vislantes - Espetáculo coreográfico.*

21:00 HORAS - *Encerramento dos Festejos "Deus Seja Louçado"*

Homenagem especial ao Sr Geraldo Arthur Camilo, Rei Congo do Estado de Minas Gerais, que completa, em setembro/2002, 90 anos.

 A photograph of an elderly man with a white beard and mustache, wearing a traditional white and blue costume with a tall, ornate white headdress. He is smiling and looking towards the camera.

Convite da Festa do Rosário 2002

A Comunidade Negra dos Arturos convida Você e sua Família para a Festa do Rosário em Contagem, M.G.

<h3>Programação</h3> <p>Domingo 13 de Outubro</p> <ul style="list-style-type: none"> 04 h - Festa da Matina - Comunidade dos Arturos 07 h - Concentração das Guardas de Congo e Moçambique 09 h - Encontro das Guardas Visitantes - Igreja M. Sra do Rosário 10 h - Missa - Conga 11:30 h - Desfile das Guardas para a Comunidade dos Arturos 12 h - Almoço para as Guardas 13 h - Cumprimento de promessas na Comunidade dos Arturos 17 h - Procissão de S. Benedito, M. Sra. do Rosário e Sta. Efigênia Da Capela dos Arturos até a igreja M. Sra. do Rosário <p>Segunda-feira 14 de Outubro</p> <ul style="list-style-type: none"> 08 h - Concentração na Comunidade das Guardas do Congo e Moçambique dos Arturos 11 h - Missa na Comunidade dos Arturos 12 h - Almoço 16 h - Cortejo para a Igreja M. Sra. do Rosário 18 h - Desfile dos Mestres 21 h - Encerramento da Festa na Comunidade dos Arturos 	<p style="text-align: right;">Reis Festeiros</p> <p style="text-align: right;">João Carlos e Anaise Pio de Souza</p> <p style="text-align: right;">Rei Congo de Minas Gerais Geraldo Artur Camilo</p> <p style="text-align: right;">Capitão Regente Antônio Maria da Silva</p> <p style="text-align: right;">Rei e Rainha Conga José Maria Maciel Juventina Paula de Lima</p> <p style="text-align: right;">Presidente da Irmandade "Nossa Senhora do Rosário" João Batista da Luz</p> <p style="text-align: right;">Participação</p> <p style="text-align: right;">Paróquia de "São Gonçalo" e Comunidades Pároco: Padre José Geraldo Sobreira Vigário: Padre José Luiz Rabello Liberato Conselho Comunitário "Nossa Senhora do Rosário"</p>
--	---

Comunidade dos Arturos- Rua Capelinha nº 50 Bairro Jardim Vera Cruz

Programação da Novena e Festa do Rosário

<p>MARIA, MÃE DO NOVO MILÊNIO Programa</p> <p>29/09/2002 - Sábado - 19h 30 min Celebração Eucarística - Tema: <i>Maria, escolhida do Pai</i> Participação e homenagem à Nossa Senhora Mãez de "São Gonçalo" Levantamento de Mastro de Aviso</p> <p>29/09/2002 - Domingo - 19h 30 min Celebração Eucarística - Tema: <i>Maria, anunciadora da Misericórdia</i> Participação e homenagem à Nossa Senhora Comunidade - "Nossa Senhora do Carmo"</p> <p>30/09/2002 - Segunda Feia - 19h 30 min Celebração Eucarística - Tema: <i>Maria, rosto materno do Pai</i> Participação e homenagem à Nossa Senhora Comunidade "São Gonçalo" Comunidade "Santa Helena"</p> <p>01/10/2002 - Terça Feia - 19h 30 min Celebração Eucarística - Tema: <i>Maria, mestra do Evangelho</i> Participação e homenagem à Nossa Senhora Comunidades "São Joãos Tadeu" e "São Rafael"</p> <p>02/10/2002 - Quarta Feia - 19h 30 min Celebração Eucarística - Tema: <i>Maria, exemplo dos Evangelizadores</i> Participação e homenagem à Nossa Senhora Comunidade "Imaculada Conceição"</p> <p>03/10/2002 - Quinta Feia - 19h 30 min Celebração Eucarística - Tema: <i>Maria, testemunho da Justiça</i> Participação e homenagem à Nossa Senhora Comunidade "Nossa Senhora do Perpétuo Socorro" Comunidade "Nossa Senhora de Fátima"</p>	<p>04/10/2002 - Sexta Feia - 19h 30 min Celebração Eucarística - Tema: <i>Maria, Mãe da Caridade</i> Participação e homenagem à Nossa Senhora Comunidade "Santa Teresinha" Comunidade "Santíssima Trindade"</p> <p>05/10/2002 - Sábado - 19h 30 min Proclamação: Salda - Rua Francisco Camargos, 292 Celebração Eucarística - Tema: <i>Maria, Mulher Solidária</i> Participação e homenagem à Nossa Senhora Comunidade "São José" e "Nossa Senhora das Graças" Levantamento de Bandeiras</p> <p>06/10/2002 - Domingo - 18 horas Celebração Eucarística - Tema: <i>Maria, Comunicadora da Paz</i> Participação e homenagem à Nossa Senhora Comunidade "Nossa Senhora do Rosário"</p> <p>07/10/2002 - Segunda Feia - DIA DE NOSSA Sª DO ROSÁRIO 19h 30 min - MISSA SOLENE</p> <p>13/10/2002 - Domingo 04 h - Festa da Majima - Comunidade dos Arturos 07 h - Concentração das Guardas de Congo e Moçambique 09 h - Encontro de Guardas Visitantes - Igreja N. Sª do Rosário 10 h - MISSA CONGA 11 h 30 min - Desfile de guardas para Comunidade dos Arturos 12 h - Almoço para as guardas 13 h - Cumprimento de promessas na Comunidade dos Arturos 17 h - Procissão de São Benedito - Nossa Senhora do Rosário e Sª Efigênia da Capela dos Arturos até a Igreja N. Sª do Rosário 19 h - Despedida das Guardas Visitantes</p>
--	--

Folder sobre a Comunidade

“Festejar é uma dinâmica que mantém o Arturo identificado ao próprio sentido da existência”

FESTA DA ABOLIÇÃO

“Os Arturos constituem um agrupamento familiar de negros que habitam uma propriedade particular em terras do município de Contagem, no Bairro Jardim Vera Cruz.

Caracterizam-se basicamente pela manutenção da cultura negra, rejeição dos ancestrais e conservação na experiência do sagrado: são as festas religiosas que fazem do grupo um universo à parte, quando os Arturos se transmitem em filhos do Rosário.

A origem da comunidade é o negro Arthur Camilo Silvério e sua esposa, Carmelinda Maria Silva - eles primeiros da família.

É através de Arthur (pai) que se formam os Arturos (descendentes) e a marca do nome atesta a força da ancestralidade: filhos, netos e bisnetos de Arthur são hoje ARTUROS, família mantida e alimentada pela raiz inicial.”

Núbia P. Magalhães/Edição de Almeida Pereira

Atores da 1ª Companhia - da esquerda para a direita: Juvenília, Indica, Bili, Teana, Tita, Mário, Sr. Geraldo e Antônio

FESTA DO JOÃO DO MATO

A Festa do João do Mato é um ritual da capina que apresenta um caráter de celebração anual cívica: volta a sementeira, regressa o mato, retorna a capina - o que confere à festividade a marca do rito de renovação. É preciso que se vença o mal antes do surgimento do bem: o mito determina a capina antes do Natal.

FOLIA DE REIS

A Folia de Reis é um auto popular que procura relembrar a jornada dos Reis Magos em busca do local do nascimento do Deus-menino.

A fundamentação mítica que conta a história do rei negro resgatado por Jesus foi a origem da Folia que Arthur Camilo Silvério ensinou a seus filhos. A presença dos palhaços, elemento constante nas folias, assume aspecto renovador pelos Arturos, constituindo, ao contrário dos demais, elementos sagrados da festa.

Lembrar a cada ano o significado desta data para a população negra é uma tradição repleta de significados. Os Arturos vão além disso e imprimem às comemorações do 13 de maio todo o espírito de tradições e costumes de sua comunidade, ao sair pelas ruas de Contagem numa celebração coletiva da alegria e do orgulho de quem quer fazer perpetuar sua história de lutas.

FESTA DO ROSÁRIO

Instrumento inabalável de suas conquistas, a fé dos membros da comunidade em Nossa Senhora do Rosário mostra publicamente os rituais e raízes religiosas deste povo que se orienta e se protege com as bênçãos da Mãe Espiritual e contagia pela beleza e pureza de sua crença.

A festa, que se realiza anualmente no mês de outubro, tem como pontos altos a Missa Congo e o Cortejo das Guardas.

Comunidade dos Arturos ganha verba e livro sobre suas tradições

A Comunidade Negra dos Arturos, grupo folclórico-cultural de origem africana de Contagem, já tem recursos garantidos para suas festas tradicionais. Na última segunda-feira, dia 29 de abril, o prefeito Ademir Lucas repassou, através de convênio, recursos de R\$ 20 mil, para a as comemorações a serem promovidas neste ano, como as festas da Abolição da Escravidão e de Nossa Senhora do Rosário. A Prefeitura vai investir também R\$ 18 mil na edição do livro "Sons do Rosário", destinado a divulgar a musicalidade dos Arturos. Segundo o prefeito, a iniciativa poderá perpetuar a tradição musical do grupo, levando-a ao conhecimento nacional.

O prefeito também anunciou vários projetos a serem desenvolvidos pela Prefeitura para a que os Arturos alcancem a independência financeira. Através da Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Turismo, serão implantados programas de melhoria da infra-estrutura da comunidade.

tura da Comunidade, promovendo a culinária e outros acervos culturais. "Queremos assegurar recursos para a comunidade, promovendo um circuito cultural de auto-sustentação", disse o prefeito.

Para a secretária-adjunta de Esporte, Lazer e Turismo, Simone Araújo, os Arturos são um dos grandes responsáveis pelo crescimento turístico de Contagem, além de fazer parte do seu patrimônio cultural. Ela explica que o convênio vai contribuir para promoção das suas festas culturais, enriquecendo o conhecimento da comunidade. O presidente da Comunidade

Negra dos Arturos, João Batista da Luz, lembrou que os recursos já eram repassados pela Prefeitura para comemorações das principais festas da comunidade, mas esta é a primeira vez que o repasse é garantido em convênio.

Musicalidade em evidência

O livro "Sons do Rosário", a ser publicado ainda este ano, também vai divulgar as músicas cantadas durante as comemorações de Nossa Senhora do Rosário, além de outros cânticos tradicionais dos Arturos. Segundo a escritora Glaucia Lucas, a música tem um sig-

nificado forte em Contagem e vai ser parte do seu acervo cultural. Além disso, o "Sons do Rosário" será divulgado nas escolas da rede municipal de ensino.

Para o prefeito Ademir Lucas, o livro será de grande importância para o município. "Ele vai garantir a perpetuidade da nossa música", disse. O "Sons do Rosário" faz parte da tese de mestrado de Glaucia Lucas e também será desenvolvido em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais. Antes de ser publicada, a tese de Glaucia Lucas sobre a comunidade dos Arturos já conseguiu reconhecimento nacional.

Você já conhece???

- Self-Service sem balança
- Entregamos Marmiteix

- Alugamos o Salão para festa
- Atendimento de 2ª a Domingo
Confira a qualidade total de nosso atendimento.

Tel.: 3351-8308

Feliz Dia das Mães

Rua Itália, 109 - Eldorado
Contagem/MG

IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

ATA DE REUNIÃO MENSAL DA IRMANDADE DE NS^a SR^a DO ROSÁRIO.

SALVE MARIA

Nº009

Às dezenove horas e cinquenta e cinco minutos, digo 19:55hs, do dia 25 de agosto de 2001, na sede desta entidade teve início a reunião mensal ordinária da diretoria, com a palavra o Presidente João Batista, faz a abertura oficial desta e, na qual dirigida pela fé divina espera que os assuntos tenham plenitude em seus desenvolvimentos, com as graças de Deus possamos elaborar e expressar e dar seguimentos em nossos ideais e com o objetivo do bem comum, todos os participantes tenham êxitos e felicidades ao conduzir a palavra franca.

Teve como seqüência a habitual leitura da ata. Feita em voz alta pela Segunda Secretária., Eliane Maria da Silva. Em seguida sem nenhuma observação, tivemos a aprovação da mesma, manifestada por uma calorosa salva de palmas.

João Batista apresentou o trabalho de gravação do CD da Irmandade, que será vendido para arrecadação de verbas.

Relembrando Campinas, o Capitão Regente, Sr. Antônio Maria da Silva, recebeu das mãos do Avelino, um cheque em doação para a Irmandade no valor de R\$200,00 (duzentos reais).

João Batista pede esclarecimento sobre a apresentação dos nossos menores dançantes nos colégios, pois conforme informação vinda por telefone estamos atendendo uns colégios e outros não. Em justificativa o Capitão Regente esclarece que não está sendo possível atender algumas pessoas ligadas aos colégios, porque os pedidos para tais apresentações, estão chegando muito em cima da hora e desta maneira não temos organizar e deste leito, não funciona.

Senhor Lúcio nos orienta para nos organizar com o assunto em questão, que façamos um trabalho juntamente com as professoras. ou pessoas responsáveis na área colegial, para que o pedido citado acima seja feito bastante antecipado e que venham na comunidade acertar os detalhes para ficar bem organizado. Afiram também João Batista que com a presença de uma pessoa da irmandade nos colégios,

com o instrumento de trabalho, por exemplo Fita de Vídeo, não for o bastante para o conhecimento das entidades escolares e colegiais, como disse o Sr. Lúcio. Terão que vir a comunidade e procurar nossos líderes para a ampliação dos assuntos sobre nossas raízes.

José Bonifácio passa a notícia de primeira mão, recebida no momento que precede esta reunião mensal, via telefone; notícia vinda da cidade de Moeda, onde nossos irmãos Congadeiros, estão necessitando da nossa ajuda para organização das festas naquela cidade. Porém na data da marcação da festa em referência, a irmandade tem compromisso mas ficará em observação, vamos estudar o assunto (convite).

Registramos em nossa reunião mensal a presença do Sr. Silvio Pinheiros Dos Santos, que em agradecimento pede para Deus e Nossa Senhora do Rosário que derramem suas bençãos em nossos lares, que nós continuemos a ajudar nossos irmãos e que a graça de Deus reine em nossos corações.

Geraldo Vieira disse que por ele ficar dos dias fora de casa, devido seu trabalho diurno, não é viável os CD'S ficarem em sua responsabilidade para serem vendidos.

O Capitão do Congo José Bonifácio, entregou para a tesouraria um cheque no valor de R\$200,00 (duzentos reais), recebido em doação para a Irmandade, das mãos do Sr. Avelino em Campinas, no intuito de ajudar o Rei Festeiro comprar uma couros para que seja feita a restauração de nossas caixas. Mas ele pede para que seja verificada a qualidade dos mesmos, para ver se podem ser usados como os atuais.

O Capitão Jorge entende que a responsabilidade pela conservação e restauração das caixas, deve continuar sendo a comando do Carlos Antônio (Dunga), pois a quanto tempo ele vem arcando com este compromisso e neste caso se alguém quiser somar forças, será bem vindo.

Foi decidido num debate em reunião mensal, neste dia 25 de agosto 2001, pelos Capitães das Guardas de Congo e Moçambique, que as funções que formam nossa frente de trabalho, algumas estão andando muito bem, mas outras estão deixando a desejar. Exemplo: Os componentes que formam o Grupo Funcional na área de fiscalização, estão trabalhando atabalhoadamente sem organização. Estão acompanhando as guardas somente aqueles ou aquelas que tem obrigação com outra função. Precisamos definir esta situação, pois a festa de outubro está aí e no dia terá fiscal tropeçando um no outro, precisamos abraçar esta situação, defender as cores tradicionais e funções de todos aqueles que de dizem Arturos.

Dona Geralda e Dona Isolina, ausentaram-se por um período indeterminado por motivos e problemas particulares, pedem muitas desculpas e esperam estar bem daqui para a frente.

Teta agradece de coração a companhia agradável que a acompanhou em viagem para Campinas.

Neste momento a Vice Presidente Dalva e o Presidente João Batista fazem a leitura das cartas convites e confirmação para a festa de outubro destinadas a esta Irmandade, João Batista faz comentários sobre o almoço que foi realizado no domingo dia dos pais. Segundo João Batista, recebemos uma doação de alguns alimentos em Campinas com os quais foi realizado o almoço de confraternização para comemorar o dia dos pais, salientou também que programação dos compromissos para o mês de setembro, que tenhamos rigor e muita determinação no cumprimento com as datas marcadas.

Sem mais nada para tratar no momento, em oração final, com o pensamento e o firmamento no altíssimo, que permitiu mais uma vez a realização desta, as 21:13hs, digo vinte e uma hora e treze minutos, encerrou-se esta reunião mensal ordinária na sede desta irmandade que será lida em voz alta diante dos presentes e se aprovada será assinada.

IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.

ATA DE REUNIÃO MENSAL DA IRMANDADE DE NS^a SR^a DO ROSÁRIO

SALVE MARIA

Nº010

Pontualmente as dezenove horas e trinta e cinco minutos, digo 19:35hs do dia 22 de setembro de 2001 deu início esta Reunião Mensal Ordinária da diretoria na sede desta entidade, tivemos a oração inicial rezada com muita fé e em voz alta por todos os presentes. Hoje relembremos a oração que o Senhor Jesus Cristo nos ensinou. Pai Nosso e Ave Maria. Oração esta levada ao altíssimo com súplicas e intercessão de Nossa Senhora do Rosário que faça manter e bailar a paz e a união entre nós irmãos e, que prevaleça entre nós para sempre.

Em abertura oficial o Presidente João Batista não pretende estender muito os assuntos, pois entende que a poucos dias que nos separa do início de nossas festas. Os assuntos em questão serão de grande valia, e a importância dos mesmos estão voltados para a liderança funcional, que são pessoas que defendem funções de destaque na frente dos grupos funcionais, (Capitão Regente, Capitânia,

Fiscalização/coordenação e etc...), o grupo de líderes para a retalhação dos compromissos da festa. Antes a palavra dos interessados, João Batista faz a leitura dos convites da nossa festa que se realizará em 6, 7 e 8 de Outubro de 2001, pois houve uma interferência ou um desencontro de informação nos documentos em referência, esclareceu as dúvidas e orienta para que nos convites vindouros façamos de forma real e dentro dos parâmetros de nossa tradição.

Senhor Lúcio defende a parte que toca a nossa tradição com princípios inteligentes e, orienta para que façamos uma reunião conjunta. Em uso da palavra o Capitão Regente Sr. Antônio Maria, com muita convicção faz a detalhação da festa, direcionando assim para cada ponto de organização, compromissos e deveres a serem cumpridos e, pede muita determinação e eficácia as obrigações estabelecidas.

A Rainha Goretti acredita que a missa sertaneja em hora marcada na nossa programação, não tem e não faz parte da nossa cultura, precisamos nos organizar e participar as pessoas envolvidas no assunto desta natureza, ao desenvolver os convites, que seja feito com muita antecipação para que possamos corrigir estes pontos até então incorretos. Salientou também sobre a preservação e conservação de nossas bandeiras, pois algumas estão em estado muito precário, sem condições de serem hasteadas, que esta verificação está sendo feita muito em cima da hora. Goretti entende e orienta que esta revisão seja feita de maneira contínua e tenha participação efetiva das pessoas envolvidas diretamente com o assunto em referência.

O Sr. Antônio Maria adverte que precisamos nos organizar nas vésperas da matina para que a saída seja realizada na hora de tradição, isto é as 04:00hs da manhã.

João Batista demonstra sua preocupação em geral com a administração, com o nosso trono coroado na hora das refeições e, orienta para que façamos os cortejos corretos com muita harmonia.

O Capitão Jorge disse que da para realizar o combinado, mas que todos tenham o mesmo espírito e a organização participativa, com a missão e deveres estabelecidos.

A Rainha Festeira, Dona Efigênia, pede para a organização da festa, uma atenção especial com os filhos que farão presença em nossa festa, acompanhando e documentando seus passos com filmagens par guardar como recordação, a Rainha faz esta observação com muita satisfação.

Registramos em nossa reunião mensal como assistente, a presença da Senhorita Camila Camargos Vieira, que reside em Campinas S.P. , que já se encontra há alguns dias na irmandade fazendo trabalho, registrando nossos costumes e danças para futuro documentário de seu interesse.

O Grupo de Trabalho Multifuncional em prol dos vestuários dos dançantes, através do Capitão Jorge e da Senhorita Patrícia, ambos fazem a apresentação de toda situação que se encontra no momento, com a administração voltada para a organização. Confecção e acerto de detalhes dos uniformes dos nossos dançantes. Na oportunidade Jorge apresenta amostras do conjunto de fardas, saiote, camisa e lenço. Em seguida Patrícia faz também sua prestação de serviço, lançamento recebimento e situação geral com a farda do Congo.

Em função da melhoria contínua e modernização que acontece na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Padre Geraldo faz a doação de alguns bancos para a Capela da irmandade.

Foi feita a prestação de contas pelo Segundo Tesoureiro, da seguinte forma:

Empréstimo para o Congo:	R\$ 600,00
Despesas de Cartório:	R\$ 20,00
Mensalidades de Agosto:	R\$ 98,00
Doação do Avelino (Campinas):	R\$ 400,00

Glauria passa para a irmandade a doação de R\$ 50,00 (cinquenta reais) em ajuda nos custos de nossa festa.

Na palavra franca Senhor-Lúcio diz que alguns dançantes não estão vestindo a camisa de nossa irmandade, não estão comprometidos com os nossos deveres, alguns não sabem se são convidados ou membros da irmandade. Precisamos disciplinar estas coisas, pois estes comportamentos ficam muito esquisito.

A Vice Presidente Dalva apresenta documento com número das conta da irmandade 03006393.

Por último assunto João Batista lamenta mencionar que encontrou pessoa no nosso meio, que não merece fazer parte das nossas tradições. Indivíduo vaidoso que procura chamar a atenção sobre sua pessoa de variadas maneiras, para afirmar sua superioridade, gozador, aparentemente agradável, onde evidência entretanto seu completo afastamento do grupo, podendo exibir atitudes cínicas e desagradáveis. (Palavras do João Batista: - Resolvi relatar em reunião, para que todos saibam que fiquei decepcionado com o comportamento deste indivíduo.

Sem mais nada a tratar no momento e em solenidade de fé, as 21 :37hs, encerrou-se esta Reunião Mensal Ordinária. Eu Eliane, Segunda Secretária desta entidade, lavrei esta que será lida em voz alta na presença de todos e se aprovada será assinada.